Coletânea ∞ 41 autores

PENSAMENTOS DE GAVETA



Fantasy BOOKS

São Paulo | 2022

miolo_pensamentos_gaveta.indd 1 13/05/2022 17:03:21

Pensamentos de Gaveta

Copyright © 2022 Reality books

Editora responsável
Silvia Regina Angerami

Capa, projeto gráfico e diagramação
Sonia Regina Pedro

Revisão
Maura Pereira Barbalho e Sylvia Beatrix

Fotos
Acervo pessoal
(exceto quando indicado)

www.realitybooks.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P467 1.ed. Pensamentos de gaveta / [editora] Silvia Regina Angerami. – 1.ed. – São Paulo : Fantasy books, 2022.
184 p.; 14 x 21 cm.

Vários autores.
ISBN : 978-65-00-33470-8

1. Contos brasileiros. 2. Crônicas brasileiras. 3. Ficção brasileira. 4. Poesia brasileira. I. Angerami, Silvia Regina.

05-2022/97 CDD B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Literatura brasileira : Antologia B869
Bibliotecária: Aline Graziele Benitez CRB-1/3129

Impresso no Brasil
junho de 2022

Para você, com carinho

Quando minha companheira de projetos, professora de Filosofia, *designer* e celebrante de casamento (e querida amiga) Regina Pedro veio me falar pela primeira vez sobre sua ideia para esta coletânea que você tem em mãos, confesso que fiquei um pouco titubeante. Mas uma ideia vinda de alguém tão eclética e inteligente só poderia dar certo. E eu apostei nela!

Não só eu como os 41 autores deste livro maravilhoso.

Eles e elas aceitaram nosso convite e se debruçaram nesse cuidadoso garimpo em busca de textos guardados em gavetas (materiais ou não) durante muito (ou pouco) tempo. Será que há algum *link* entre eles?

Nosso desafio foi justamente esse: juntar textos muito particulares em um único livro. Decidimos permitir tudo, isto é, desde fragmentos escritos em guardanapos de papel e esquecidos no fundo de gavetas até histórias de ficção, não-ficção, poemas, crônicas… O resultado? É essa explosão de criatividade que você, leitor, poderá apreciar ao mergulhar em múltiplas gavetas, como se também estivesse garimpando esses pequenos tesouros literários criados por pessoas de diferentes localidades e culturas.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 3 13/05/2022 17:03:21

A cor da capa foi escolhida para remeter aos sentimentos também. Porque é bem difícil (eu diria impossível) dissociar pensamento de sentimento. Você poderá comprovar isso na leitura dos vários autores que integram essa obra.

Nosso desejo é que cada fragmento de texto aqui registrado possa integrar um livro autoral no futuro. Aqui estão as sementes de 41 livros fantásticos!

Aproveite a leitura.

Silvia Regina Angerami
Editora responsável



miolo_pensamentos_gaveta.indd 4 13/05/2022 17:03:21

Sumário

Prefácio..... 3
Aline de Lira Silva..... 7
Amélia Loreto..... 13
Ana Paula Lemos Costa..... 18
Ana Paula Sartori..... 23
Anna Abelha..... 27
Anne Marie Coralli..... 31
António Rodrigues..... 37
Claudia David..... 41
Cláudia Mendonça..... 46
Daniela Bonafé..... 50
Dulcimara Alves..... 55
Evandro B. Sathler..... 59
Francine Forte..... 63
Françoise Louise Reverdy..... 68
Gil Souza..... 72
Graça Matielo..... 76
Guidha Cappelo..... 80
Jussara Câmara Penna..... 84

Lêda Dal Magro de Meneses..... 88
Luciana Santos Tardioli..... 93
Maria do Carmo Marini..... 97
Maria Elisa Beutel..... 101
Maria Luísa Lara Borges Ferrite..... 105
Maura Pereira Barbalho..... 109
Melina Alvarez Rocha..... 113
Mercedes Rossi Alvarez..... 117
Mitzi Pacheco Nunes..... 121
Paula Corrêa..... 126
Paulo Malerbi..... 130
Raquel Pucello..... 134
Rita Arcangela Sartori..... 138
Rosângela Manchon..... 142
S. Malizia..... 146
Sandra Aiosa..... 150
Silvana Cordeiro..... 154
Sonia Bertero Stocco..... 158
Sonia Mara Nasser Parlatore..... 162
Stela Sartori..... 166
Sylvia Beatrix..... 169
Vania Kipriadis..... 173
Wellington Borzani..... 178

Aline de Lira Silva

Quem sabe um dia...

Acordar, levantar, criar...
Ser um sujeito criativo,
proativo...
Respirar, trabalhar, acumular...
E quem sabe um dia...
Aproveitar.

Aproveitar sorrisos,
Dias perdidos,
Amigos que nunca serão
esquecidos.

Amar, cuidar, passear, viajar...
Ter histórias para contar.
Relembrar momentos, sonhos e
pensamentos.

E quem sabe um dia...
Desacelerar, desconectar,
Esquecer um pouco do tempo,
Do movimento, daquele
engajamento.

Simplesmente esquecer
Esquecer da conexão,
Da curtida, da ligação...

Esquecer?
Não é tão fácil assim!

Mas quem sabe um dia!
Eu me desfaça dessa agitação
Dos compromissos desenfreados
De todos os horários marcados.

Quem sabe um dia...
Eu acalme o passo
Sem sentir o aperto
Do velho sapato.

Quem sabe um dia...
O encontro aconteça
Sem pressa, sem pressão,
Sem notificação.

Quem sabe um dia...
Depois de todos os lamentos e
sofrimentos...
O mundo ganhe outra cor,
Outro ar, outro olhar, outro
sabor...

Que depois de todo o clamor
O outro seja visto com mais
amor.

Parece loucura, ilusão...
Sobre meu estágio de poesia
Parece alucinação, fantasia,
utopia...
Ou qualquer outra
denominação.

Mas quem sabe um dia...
Por descuido ou vaidade
Tudo isso se torne verdade.

Sobre o tempo

Ah! Se por descuido ou
vaidade...
A gente acalmasse o passo
E acompanhasse o tempo...

O tempo de crescer
O tempo de florescer
O tempo de sonhar
O tempo de escutar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 7 13/05/2022 17:03:21

O tempo de brincar
O tempo de viajar
O tempo de esperar
O tempo de se emocionar
O tempo de viver

Viver as diferentes emoções
Porque entre a dor e o amor
Existe o tempo

E para o tempo não há
Remédio ou poção
Fórmula ou solução
Diferentemente dos ponteiros
O tempo não é o relógio
Que sofre a nossa intervenção.

Ah! Se existisse fórmula ou solução
Uma adição ou subtração
Que atuasse no tempo
Com a mesma intensidade
E de acordo com a nossa vontade.

Mas já que o tempo
É movimento
E não há outro alento
A não ser seguir…
É preciso também buscar e sentir.

Com a mesma delicadeza e sutileza
De quem vive
Protagonizando sonhos
Ressignificando sentimentos e pensamentos
Elaborando argumentos
E por desventura vivenciando descontentamentos.

Ah! E enquanto o tempo passa
A alegria e a tristeza
Conversam sobre as nossas incertezas
Desenvolvem uma prosa
E fazem rimas com a nossa história.

O que fazer?
Quando o tempo grita
E anuncia seu fim?

Ah! Vivenciamos o tempo
E todas as etapas de desenvolvimento,
Mas chega o momento.

O momento do fim
Do fim material, real, emocional…

Quem cala consente?

Já dizia o velho ditado popular:
Quem cala consente.
Sente
Mas não fala
Não grita
Por que não quer?
Ou por que foi silenciado?

Quem cala sente
Sente dor
Frio
Fome
E pavor!

Quem cala sente
Sente amor
Ternura
E vigor!

Quem cala nem sempre consente
Em terra de olho por olho
Dente por dente
Quem cala, na maioria das vezes, teme
TREME!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 8 13/05/2022 17:03:21

Quem cala sente
Sente medo
Pavor
Horror!

Quando o medo toma conta
Quem cala não consente!
Apenas sente…

Concluir?

São muitas palavras
Termos e expressões
Em busca do melhor
entendimento
Da melhor compreensão
Buscamos uma resposta
Conceito ou definição.

Entre inúmeros verbetes
Qual deles terá a melhor
explicação?

Na dúvida sobre o que foi dito
Lido ou escrito
Trazemos uma nova questão.

E de maneira singular
Uma nova explicação
Para cada texto, uma nova
interpretação
Para cada frase, uma nova
compreensão.

Então, recomeçamos:
Uma palavra, um termo, uma
expressão…
Novos pensamentos,
argumentos,
Entendimentos e questionamentos.

Pois nem todo ponto final
Anuncia seu fim
Muito menos a conclusão
Daquilo que queremos
descobrir.

Mentira/Verdade

A mentira nunca será a
melhor opção
É solução rápida
Porém, ilusória, provisória…

Mentir é ação traiçoeira
Que nos rouba a certeza
É só observar
Analisar!

Faltar com a verdade
É dar sequência a barbaridades
De forma cruel
Ou com leves pitadas de fel.

Mas a verdade está aí
Para ver e ouvir
Buscar e sentir.

Com uma nudez
Muitas vezes
Mascarada, velada
Vista e muitas vezes ignorada.

Interrogações

Mentira ou verdade?
Lealdade ou falsidade?
Qual seria a melhor opção?
Na dúvida a omissão?

Amar ou odiar?
Crer ou duvidar?
Cada um pode escolher…

miolo_pensamentos_gaveta.indd 9 13/05/2022 17:03:21

O certo ou errado?
O duvidoso ou confiável?
E se alguém sofrer?
Eu realmente posso escolher?

A medida, a proporção, a intenção…
Cabe a decisão?
Ou a insatisfação?

A morte

Queria uma frase clichê
Conceitual, trivial…
Mas falar sobre a morte
Nunca é legal.

A morte leva a subjetividade de cada ser
Dá fim a uma narrativa real
Subjetiva, fenomenal…

O cérebro compreende a partida
A despedida
Corporal, física, material…

O coração
Procura uma explicação
Uma razão.

Pois o corpo que fica
Também se despede
Se perde.

Deixando ir
Um pouco de si.

O corpo que vai
Leva a esperança de uma vida
Interrompida.

Leva também histórias e lembranças
Que ainda serão contadas
Incompletas, inconclusas…

Leva também o futuro
E a incerteza de ser.

Gostar

Gosto da passagem do tempo
Do crescimento, do envolvimento…

Gosto de tudo que tem vida
Pessoas, animais e plantas.

Gosto de observar a beleza
A natureza
A delicadeza.

Gosto da conjugação dos verbos
Amar, cuidar, passear, viajar…

Gosto da simplicidade
Gosto dos bons sentimentos
E daquilo que é de verdade.

Esperas

A gente espera
Por férias
Aumento salarial
Uma viagem…

A gente espera
Ter tempo…

Espera a situação melhorar
Espera o momento certo.

E enquanto a gente espera
A vida acontece.

E enquanto a gente espera
A vida também acaba.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 10 13/05/2022 17:03:22

E na incerteza de quando acaba
A gente vive o dilema.

Esperar ou fazer acontecer?
Na espera é preciso paciência
Ao fazer acontecer é preciso
decisão.

De uma forma ou de outra
A gente vive a incerteza, a
indecisão…

Porque nem toda a decisão
É de fácil aceitação.

E então?
Enquanto a vida acontece
A gente também espera.

Professor

Professor
Aquele que professa
Aquele que ensina.

Professor
Sinônimo de mestre
Educador.

Professor
É instrutor
Orientador, formador…

Ser professor
É profissão
Inspiração.

É preciso...

É preciso entender os fatos
Sejam cômicos ou trágicos.

É preciso ouvir relatos
Insuportáveis ou engraçados.

É preciso contar histórias
De amor ou terror.

É preciso sorrir
Dos outros e de si.

É preciso perguntar
A gente nunca sabe em quem
acreditar.

É preciso explicar
É preciso compreender
E uma escolha é preciso fazer.

Dia após dia

Dia após dia
Acordar, levantar, trabalhar…

Dia após dia
Estudar, se exercitar…

Dia após dia
Ler, escrever, compreender…

Dia após dia
A gente fica cansado, entediado,
exausto…

Dia após dia
Procurando um descanso, um
repouso…

Dia após dia
Brigando com a rotina…

Dia após dia
Sem fazer nada diferente…

miolo_pensamentos_gaveta.indd 11 13/05/2022 17:03:22

Dia após dia
Reclamando daquilo que só
depende da gente…

Na escola da vida

Se na escola da vida
A gente escolhesse a lição…

Se aprendêssemos de um jeito
diferente
Sem dor, sem punição…

Se na escola da vida
A gente escolhesse a situação…

Se mudássemos de pensamento,
de opinião, de ação…
Quem sabe é isso que nos falta
Para aprendermos uma nova
lição.

A beleza de ser

Adulto ou criança
Um lápis na mão
Páginas escritas
E outras folhas
À disposição.

Para escrever uma história de
vida
É preciso muita empolgação.

É preciso
Ler histórias
Escrever sonhos
E interpretar o mundo.

Sonhar e imaginar
São ações que não podem faltar.

Para poder escrever
A beleza de vida que existe em
cada ser.



Aline de Lira Silva é professora, nascida em Teresina (PI). Graduada em licenciatura plena em Pedagogia pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Desde 2014, leciona em turmas de ensino fundamental na cidade de Timon (MA).
@vida.de.prof

miolo_pensamentos_gaveta.indd 12 13/05/2022 17:03:22

Amélia Loreto

Contando os dias

Um menino com um sorriso largo e cheio de esperança espera no outro lado do mar.
Uma avó buscando uma maneira de até lá chegar.
Precisa aguardar o momento certeiro para atravessar.

E quando será?
Quando tudo passar.
Será?

Ela não duvida, ela tem fé no futuro e lá estará.
Ele não sabe, mas em breve o dia chegará.
Não há mais incertezas, vai pelo ar e não pelo mar.

Vacinada e confiante, entrará de mansinho e uma surpresa com carinho fará.
Papéis dourados disparados vão se espalhar.
Será um dia de festa porque finalmente vão se abraçar.

Os dias serão mais longos para brincar.
Correr na praia e recolher pedrinhas para pintar.
Ver o encontro do rio com o mar.

E de volta ao lar, quando a lua chegar,
Agradecer ao divino com alegria.
A saudade que nesse dia ficará para trás.

Vida

Acordei cedo demais e meus pensamentos viajam para longe. Vão, voltam e mudam de minuto a minuto. Faço uma oração e depois decido me levantar.

Abro a janela e a chuva abençoada molha as minhas plantas. Agradeço ao Criador por viver num lugar rodeado de árvores, flores e passarinhos.

Ainda de pijama, faço o café, e o cheiro perfumado envolve a

miolo_pensamentos_gaveta.indd 13 13/05/2022 17:03:22

minha casa e acorda meu marido, que fica espantado por eu ter me levantado antes dele.

Coloco sobre a mesa uma caneca onde está escrito: *para uma supermãe*. Cuidado com essa caneca, presente do meu filho, por isso, tem valor inestimável. Para o marido, um copo americano com o emblema do Corinthians, presente da sobrinha. Uma preciosidade. Vale dizer que nenhum dos dois abre mão desses pequenos objetos, sinônimos de carinho e afeição.

Sento-me à mesa, meu marido gentilmente faz um lanche e deixo-me degustar o café da manhã. Não tenho pressa, já tive no passado. Quero estar ali tomando o meu café. É um momento sagrado.

Café tomado, o dia pode começar.

Organizo a casa e depois recorro ao Divino para iluminar meu dia, na esperança de receber alguma inspiração. Geralmente dá certo, principalmente quando estou de bem comigo e com os outros.

Aproveito a conversa, rogo por discernimento e clamo por paciência. Mas devo confessar que às vezes a tal paciência vai embora. Paro, respiro fundo e reflito sobre a situação, e geralmente vejo que não era preciso usar a quota toda, porém nem me atrevo a pedir por mais porque Deus deve estar sobrecarregado com tantos pedidos.

Gosto da manhã para o trabalho, é mais inspirador. Ora escrevo, ora desenho, faço artesanato e edito vídeos para meu canal. Não precisa ter sol nem chuva, apenas o amanhecer. O despertar do dia recarrega minhas energias e essa carga me faz ativa.

Para as tardes, outras atividades, de preferência que deixem um rastro do que foi aquele dia. Pode ser um simples acontecimento como caminhar ao lado de uma amiga, um passeio de barco ao lado do meu neto, um sorriso inesquecível igual ao do meu filho; no dia em que se tornou pai, jamais esquecerei o seu semblante. Um momento engraçado que renda uma boa história ou um café da tarde com minhas irmãs com um bolo feito por uma sobrinha querida que está sempre pronta a nos socorrer.

Gosto das noites de reencontros com familiares, amigos, com conversas que fluem com alegria e estreitam os nossos laços. Gosto também de visitas surpresas de pessoas que nos fazem falta. Essas oportunidades, costumo saborear com muita satisfação e sem pressa.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 14 13/05/2022 17:03:22

Sol e chuva

O sol e a chuva durante milhares de anos propiciaram ao planeta Terra um lugar onde a vida florescia. A Terra era repleta de árvores, flores, frutos, animais de todo o tipo e seres humanos. Até um dia em que houve uma desavença entre o sol e a chuva.

A chuva dizia que era o elemento mais importante para a vida. Todos dependiam dela e sem ela todos morreriam.

O sol que sempre iluminava a Terra se ofendeu e disse que sem ele a Terra perecia.

Sol e chuva duelavam diariamente; às vezes os dois se tornavam presentes ao mesmo tempo no planeta. Só para competirem. Eventualmente, depois da disputa, aparecia um arco-íris no céu, e os homens se encantavam. Diziam que havia um pote de ouro em cada ponta do grande arco, mas isso só acontecia quando a chuva se retirava e o sol se engrandecia todo prosa.

No início os habitantes da Terra faziam graça com esse fenômeno e criaram até rimas, que por certo você as conhece: "Sol e chuva, casamento de viúva", "Chuva e sol, casamento de espanhol". Até aí tudo era divertido e as pessoas não sentiam mudanças em suas vidas.

Era sempre assim: o sol fornecia energia e a chuva a água para o planeta. Trabalhavam em conjunto e era perfeito.

A chuva, cansada de ver o sol brilhar, decidiu desafiá-lo. E o que era um pequeno desentendimento se tornou um grande conflito.

Sol e chuva queriam o poder sobre a vida na Terra.

Para eles um dos dois teria que ser eleito o elemento mais importante para a vida.

E começaram uma guerra que faria milhares de habitantes da Terra sofrerem as consequências.

O sol disse que era uma grande estrela e se considerava o elemento mais importante.

A chuva não aceitou essa afirmação e tratou de mostrar sua força.

O sol ficou atrás de uma nuvem escura. E a Terra que estava iluminada escureceu como a noite e o frio assolou todo o planeta.

A chuva convocou todas as nuvens carregadas de água e as descarregou de uma vez sobre a Terra.

O resultado foi uma catástrofe, com inundações, avalanches, desastres e mortes. Cenário cruel nunca visto antes. Os habitantes do planeta clamavam pelo sol.

O sol não perdeu a oportunidade de alfinetar a chuva.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 15 13/05/2022 17:03:22

— Está vendo o que você provocou? O povo roga pela minha presença.

A chuva irritada não aceitou o insinuação e falou para o sol:

— Então, prove que eles têm razão.

A chuva se ocultou nas nuvens do céu. À medida que o sol apareceu, a Terra foi aquecendo e o excesso de água lentamente desapareceu. O povo feliz gritava:

— Viva o sol!

Isso bastou para que o sol se sentisse o elemento mais importante da Terra.

Olhou para a chuva e garbosamente falou:

— Não falei? Veja como o povo me adora.

A chuva se manteve no lugar e deixou o tempo passar.

A água foi secando, secando...

Até que um dia um burburinho e rezas no planeta pediam a volta da chuva. Não havia água nos lares, lagos e nos mares. A Terra estava seca e as pessoas sucumbiram ao calor.

Momentos difíceis para todos. Alguns eram solidários com a dor alheia e dividiam o pouco que tinham, mas sem água, a plantação não crescia e a fome e a sede tomou conta de todos.

Os homens procuraram diferentes locais onde pudessem fazer poços para sobreviver, porém era raro encontrar água no subsolo, e, quando isso acontecia, nem sempre era repartida. Os homens começaram a brigar entre si pela vida.

O sol e a chuva assistiam desolados, ambos não queriam ceder. O orgulho falava mais alto. Todos sofriam.

Passaram-se meses. Metade dos homens da Terra já havia morrido, entre eles muitas crianças. O sol e a chuva sabiam o quanto era imprescindível um acordo para mudar aquela situação.

Mas quem daria o primeiro passo? O sol ou a chuva? Ninguém tomou iniciativa, e a Terra e os seres vivos continuavam a morrer.

O sol resolveu ficar ausente até que a chuva cedesse, o reconhecesse como o elemento mais importante da vida, pois fornecia energia e isso era fundamental para a sobrevivência de todos.

A chuva não reconheceu, ela reabastecia os ambientes secos pela evaporação da água provocada pelo sol. E repetia sem parar que sem água não havia vida. Portanto, ela era o elemento fundamental da vida. Dito isso, não abriria mão.

Ambos tinham suas razões, e não abriram mão, então o orgulho

miolo_pensamentos_gaveta.indd 16 13/05/2022 17:03:22

falou mais alto e a Terra ficou seca, escura e sem vida.

O sol perdeu o seu brilho e a chuva chorou as mortes da Terra.

Na guerra ninguém ganha, só perde.

Identidade

Quando estou desanimada,
Surge uma força dentro de mim.
Contraditório? Não!
Penso que isso é fé.
Gratidão, Deus, por esse sentimento!



Amélia Loreto é artista plástica, *designer*, *youtuber*, blogueira (*Artesanato com a Meméia*). Gosta de escrever e ilustrar histórias.
@amelia.loreto

miolo_pensamentos_gaveta.indd 17 13/05/2022 17:03:22

Sonho de Clarice

Aos que sonham e ainda querem realizar

Observando seu trabalho artístico, todas as conquistas e batalhas vencidas, Clarice finalmente enxerga sua vitória, a realização de um sonho. "Inacreditável, enfim consegui!". Olhou em volta constatando que ninguém ouvira seus pensamentos. "Sinto-me plena, viva e realizada. Posso afirmar que tudo é possível, basta acreditar", completou Clarice.

Alguns anos se passaram e chegara onde queria. De repente passou a vasculhar suas memórias e a recordar os dias em que, diante do computador e pronta a resolver as demandas do seu trabalho, sentia-se entediada e sem motivação. Os dias pareciam mais curtos e tensos, passou a se questionar sobre suas realizações pessoais. Na verdade, tinha um desejo imensurável de realizar algo que lhe trouxesse um gostinho de alegria, um sentimento de dever cumprido, precisava se encantar novamente pela vida e se sentir totalmente realizada.

Desde muito cedo sabia que o caminho a trilhar seria por meio do estudo e assim o fez; cursou uma faculdade e por fim resolveu estudar para vários concursos públicos. Fora direcionada pelos pais para o estudo e sempre teve prazer nisso. No entanto, sentia algo diferente, um nó na garganta, aperto no peito. Quase 30 anos de trabalho, amizades de uma vida, marido e filhos amáveis, não era infeliz, ao contrário, foram escolhas das quais não se arrependia, mas algo lhe faltava. Além da culpa por ter tanto e ainda assim sentir-se um tanto ingrata.

"Seria a crise da meia-idade?", perguntava a si mesma. "Hormônios descompensados, crise econômica, tarefas da casa, marido e filhos, tanta coisa. Ufa!" Por fim, um pequeno sorriso no canto da boca surgiu.

Sabia que se expusesse seus mais íntimos sentimentos, lhe tachariam de louca.

Não sei vocês. Acredito que aconteça com muitas mulheres nesse estágio da vida: é como se em um estalo ela descobrisse ter vivido a vida de outras pessoas ou ter deixado quem realmente era para trás, esquecido seus anseios ou de uma hora para outra se desse conta de que não tinha mais a realizar.

Vendo os filhos crescendo, o mais velho já na faculdade, passou a se lembrar do que gostava, do que costumava realizar. Resolveu dedicar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 18 13/05/2022 17:03:22

o tempo que lhe sobrava entre pincéis e tintas, assim enfrentaria suas angústias, incertezas e inseguranças com algo prazeroso, um sentimento de estar viva, seu próprio resgate.

Toda a inquietude de Clarice se acentuou ao ficar em home office. Passou a mergulhar em pensamentos e a se questionar acerca de suas realizações pessoais e o que faria no tempo que ainda lhe restava até se aposentar. Daí a angústia de passar pela vida e não concretizar algo que lhe fizesse sentido.

"Será que ainda dá tempo de me encontrar, de fazer algo que me dê prazer?" – perguntas assim passaram a permear seus pensamentos constantemente. "Claro que sim.", fazendo-se crer nessa verdade, dizia para si mesma: "Sempre é tempo, enquanto estivermos vivos, sempre há tempo para nossos sonhos, o importante é acreditar".

Clarice entrou em processo de autoconfiança e se jogou de corpo e alma em seus projetos. Pouco a pouco foi se reinventando, aperfeiçoando-se em sua arte, familiarizando-se com materiais diversos e acreditando em seus sonhos.

— Parabéns! Amo seu trabalho – A voz suave ao pé do ouvido fez com que Clarice despertasse de um tempo distante, trazendo-lhe para a nova realidade.

—Ah, obrigada! Hoje é um dia muito especial para mim e agradeço imensamente sua presença.

Busca

Para trás já não olho
Em pensamentos sigo
a cada dia tento
ignoro o todo
a vida me leva a contento
apenas busco incessantemente
preencher meus dias
com a melhor fração

Se desperdiço tempo, não sei,
mas sigo em busca,
colorindo momentos
para meu coração alegrar

se o poeta diz nada ser
o que serei eu?
mesmo assim, sigo a sonhar
no fazer e aquietar minh'alma

no caminho árduo, tortuoso
entre pedras irregulares,
pontiagudas, sigo a buscar
e no final, parar

poxa, valeu a pena

Não quero ser mais ou menos
nem diferente
nem merecida
só quero me reencontrar
Plena, feliz e agradecida

miolo_pensamentos_gaveta.indd 19 13/05/2022 17:03:22

Mais amor

Desejaram meus pais um mundo
sem guerras
Criança, desejei um mundo sem
ódio
Meus filhos, um mundo sem
violência
Crescemos e nada mudou
ainda no mesmo lugar, nada
aprendemos
Que mundo é esse?
ódio dando lugar ao amor
quisera respeito se estendesse
vida cheia de amargura e rancor
onde iremos
encontrar o amor

Intensidade

Nele tudo é intenso
amor em demasia,
coração imenso
raiva implacável
o tempo passa
o furacão esvazia
menino admirável

O tempo

Olhei-o insistentemente
absorta a questionar
no balanço das horas
o que virá

Peguei o relógio
já não busco os dias nem as horas
os minutos me são caros
De repente, o vazio

Só despertar...

Minha tia

Numa manhã, a notícia
meu coração doeu
com sua partida, tia
a tristeza me corroeu
mas de você guardo a alegria
e o jeito de se doar
Tão cedo partiu
Tantos sonhos
ainda a realizar
quanta sabedoria
e tanto amor pra dar

Aonde vais

Aonde vais?
pés descalços,
cabelos soltos,
sem rumo,
sem pressa,
sem percalços,
só liberdade

Filhos

Dois amores,
um intenso
outro, comedido
o primeiro, colérico
o segundo, quieto, observador
não importa,
diferentes e tão amados
frutos do mais puro amor
Aprendo a cada dia
com seus dois mundos lidar
e como nos ensinam
as diferenças respeitar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 20 13/05/2022 17:03:22

Gavetas

Amanheceu
abri minhas gavetas
retirei os excessos
arranquei o que já não me servia
limpei as gavetas
relembrei memórias
revisitei pensamentos
desatei as amarras,
Encontrei-me
Por fim, decidi viver

Dias coloridos

As cores preenchem meus dias
renovo-me entre tintas e pincéis
sinto um frescor, uma jovialidade
perdeu-se a monotonia
foi-se a brancura do papel
só enxergo cores
percebo-me radiante

A mesa

Toalha estendida
pratos e copos dispostos
entre talheres e taças
construo cenários
teço conversas
entremeadas de risadas
entre xícaras e adornos
crio laços de afeto
guardo memórias

Sonhos de menina

Aonde vai essa menina
outras terras povoar
aonde vai essa menina
mochila repleta de sonhos
alma festiva a brilhar
aonde vai essa menina
com seus sonhos a espalhar
aonde vai essa menina
misteriosa a voar

Janelas

Abre tuas janelas
esvazia teus pensamentos
e os deixa fluir
abre tuas janelas
espalha teus sentimentos
e com eles afaga
quem deles precisa
Abre as janelas da alma
e mostra quem és

Nordestino

Quem és tu, homem?
Ao mesmo tempo frágil e forte
joga os grãos à terra
gladiador da seca
roga a Deus boa colheita
pois grande é sua peleja
pelas marcas do rosto
revela a dureza da vida
Quem és tu?
José, Francisco ou João
és forte e destemido
és nordestino

miolo_pensamentos_gaveta.indd 21 13/05/2022 17:03:23

Saudade

Quanta saudade!
Sinto falta daquele abraço
que me aquecia o coração
sem aperto de mão
sentei-me no terraço
sinto falta daquele beijo
que umedecia o rosto
quem me dera
fosse a vida leve
e de novo te encontrasse

Outro olhar

Que olhar é esse?
Já não vislumbro o futuro
fui mudando
transmutando
transformando-me
sinto o presente
enxergo o amor
naquilo que é simples
Não me julgues,
meu caminho mudou
minhas razões são outras
os erros se foram
enxergo o hoje
ignoro o resto



Jardim

De repente se ilumina
o jardim à minha volta
as flores abertas sorriem
as gotículas de chuva refrescam
pairam as borboletas
gritam os passarinhos
voando pelo jardim
presentes da natureza
só gratidão

Inquietude

Se algo te inquietas
aproxima-te e falas
seja lá o que for
aqui estou
seja tristeza ou outra dor
aproxima-te e não cales
aquieta teu coração
seja lá o que for
aqui estou
para enxugar teu pranto
e amenizar tua dor

Ana Paula Lemos Costa nasceu no Rio de Janeiro, mas foi para o Ceará ainda pequena. Graduada em Letras, lecionou Português e Inglês. Anos depois, cursou *Design* de Interiores. Embora seja servidora pública da Justiça do Estado em Fortaleza, sempre amou pintar e desenhar, tendo se reconectado recentemente às tintas e pincéis. Hoje divide seu tempo entre família, trabalho e o amor pelas artes. @decorcomjeito

miolo_pensamentos_gaveta.indd 22 13/05/2022 17:03:23

Ana Paula Sartori

A caixa de violetas

Ela acordou sobressaltada. O relógio marcava 7h15 de uma terça-feira qualquer de setembro. Com a visão ainda embaçada e o cérebro lutando para processar os primeiros estímulos e informações do dia, ela tateava de forma desordenada a mesa de cabeceira na tentativa de encontrar o seu celular. Sabia que tinha perdido a hora! E isso não era um bom sinal, pois o dia seria cheio e teria logo cedo uma reunião importante com um cliente. Ela já deveria ter acordado há uns 50 minutos, pelo menos, para dar conta de sua metódica rotina matinal, cujo ritual envolvia uma série de cuidados pessoais e da casa em uma ordem sistematicamente estabelecida, além de uma pequena logística doméstica com seus dois *pets*, filhos de quatro patas que eram a sua razão de ser. Se assim não fosse, sentia um incômodo, como se não pudesse ter a paz necessária para prosseguir com as suas atividades diárias. Coisas do signo de terra ou talvez algum nível de TOC a ser investigado. O fato é que esse processo levava umas duas horas, em média, até que ela, finalmente, pudesse chegar linda, leve e solta ao ponto de ônibus para seguir por mais uma hora, com trânsito bom, até o trabalho e começar disposta mais um dia absolutamente comum em sua rotina.

Naquele dia, porém, o despertador não tocou. Ela se esqueceu de programá-lo. "Justo hoje!", pensou. É bem verdade que ela vinha esquecendo muitas coisas ultimamente, mas a sua memória nunca foi das melhores, convenhamos. Ora era a chave de casa, que se sabe lá por que um dia desses tirou da bolsa e guardou na gaveta do escritório, tendo que fazer todo o percurso de volta ao trabalho para não ter que dormir em um hotel ou na casa de algum parente; ora a estação de metrô em que deveria descer, mas passou despercebida por conta de seus pensamentos aleatórios que, não raro, a desligavam completamente do mundo exterior, fazendo-a viajar em preocupações ou divagações banais. Com tantos compromissos e entregas estratégicas para o seu cliente naquele 18 de setembro de 2012, o dia prometia uma agenda de estresse com alguma dose de ansiedade em sua pauliceia desvairada particular.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 23 13/05/2022 17:03:23

Talvez os pequenos e frequentes esquecimentos tenham feito com que ela desenvolvesse a necessidade (ou seria mania?) de anotar tudo. Ela se sentia mais segura ao registar o que quer que fosse, pois não gostava da ideia de esquecer as coisas por mais insignificantes que pudessem parecer. E sempre escrevia à mão. No computador, somente os assuntos do trabalho. Eram listas organizadas por temas, que iam de compromissos financeiros a livros que gostaria de ler. Elas preenchiam diversos cadernos — novos e antigos —, muitos com informações repetidas, pois, naturalmente, esquecia que já havia anotado a mesma coisa em algum outro lugar. Por vezes, gostava de escrever em blocos de anotações e destacar as folhas para carregar na bolsa como pequenos lembretes do dia. Somente para o que considerava importante lembrar. Em outros momentos, escrevia em folhas sulfite usadas, que depois de juntar uma boa quantidade, as transformava em cadernos. Algumas vezes, até se dava ao trabalho de encadernar, para dar uma aparência mais digna àquilo que registraria suas palavras. No trabalho, chegou a fazer alguns exemplares para os colegas. Coisa de gente estranha, podiam pensar, mas ela tinha um certo prazer bizarro nisso. Não gostava da ideia de desperdício. Para ela, jogar papel fora se ainda lhe caberia algum uso era como jogar árvores no lixo.

Memórias afetivas à parte, aqueles 50 minutos de atraso lhe custaram parte de seu sagrado ritual matinal, tendo que suprimir o café da manhã, a cama arrumada, a louça lavada e até mesmo o passeio com os cachorros. Mas o bônus foi chegar a tempo para a tal importante reunião.

Logo após, o trabalho seguiu a todo vapor, sendo interrompido apenas por uma merecida hora de almoço. Ao retornar para o escritório, corria contra o tempo para executar todas as tarefas e se esforçava para superar pequenos e irritantes desafios que se colocavam à sua frente para testar sua capacidade e autoestima profissionais. No entanto, estranhamente, a sensação que teve ao acordar atrasada indicando que provavelmente teria um dia difícil, deu lugar, no fim do expediente, a um sentimento de orgulho e de dever cumprido por ter se superado e tido um dia absolutamente incrível; isso lhe dava ainda mais certeza de que escolhera a profissão certa. E para fechar o dia com chave de ouro ganhou uma inesperada carona da amiga Marcela, que se ofereceu para levá-la até o metrô. Era tudo o que ela queria depois de uma noite mal dormida e um dia de trabalho tão intenso! Chegar mais rápido em casa e simplesmente relaxar.

Geralmente descia na estação Ana Rosa e andava uns dois

miolo_pensamentos_gaveta.indd 24 13/05/2022 17:03:23

quarteirões até sua casa. Por alguma razão, decidiu que naquele dia faria diferente. Mesmo cansada, resolveu, no último instante, descer na estação Paraíso. A verdade é que o ar estava tão fresco e convidativo que não resistiu a dar uma caminhada mais longa naquele começo de noite, em pleno inverno com cara de início de outono.

Então, ao sair do trem, em meio à multidão que costuma lotar estações de baldeação em horário de pico, ela enxergou ao longe uma idosa, de origem oriental e cara de poucos amigos, tentando segurar em uma das mãos uma caixa repleta de violetas das mais variadas cores. A mulher, com aparente cansaço e andar um pouco curvado, apoiada por uma bengala, se esforçava para equilibrar seu corpo franzino e, ao mesmo tempo, sustentar a caixa de violetas em um de seus braços.

Aquela cena a intrigou, pois a impressão que teve é que estava diante de uma imagem em preto e branco, na qual somente a senhora e suas flores se destacavam em uma paleta de cores alegres em meio à visão turva de passageiros apressados. Então, quase como uma espectadora de um experimento social, aguardou alguns instantes para ver se alguém se aproximaria para ajudar a idosa. O que não aconteceu. Tomada por um impulso, foi em direção à mulher e perguntou se gostaria de ajuda. Sem responder, talvez por não dominar o idioma local, ela parecia entender perfeitamente a indagação da jovem. Apenas fez um aceno com o olhar, como que dizendo, "ok, pode pegar a caixa". A partir dali, subiram vagarosamente, e em silêncio sepulcral, os dois lances de escada que davam acesso ao trecho Tucuruvi – onde a velha senhora embarcaria. Ela acompanhou a desconhecida até a entrada do vagão que a levaria, enfim, a seu destino. Ao entrar no vagão com certa dificuldade para se locomover e aparência de dor no rosto, a mulher se abaixou, separou um vaso de violeta e disse:

— Esse que está no chão é seu.

Essa foi a única frase que disse durante todo o percurso em que fizeram juntas por alguns poucos e reflexivos minutos. E assim terminava seu dia.

Ao chegar exausta em casa, a primeira coisa que ela fez, claro, foi registrar no papel, ou melhor, num *post* do Facebook (tempos modernos!) aquela experiência simbólica, como a beleza das violetas que acabara de ganhar de uma desconhecida num trecho subterrâneo da metrópole. Era para ser uma terça-feira comum, como outra qualquer, não fosse o fato de ter voltado para casa com um vaso de violeta africana roxa e branca na mão, que agora decorava a sua mesa de jantar.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 25 13/05/2022 17:03:23

Aquela pequena e delicada flor recebida de uma estranha que jamais veria novamente se tornou uma memória vívida de um momento de empatia genuína, que, por alguma razão, um simples acaso da vida, se faz presente em sua memória, ainda que seletiva, dez anos depois. Coisa de gente sensível.



Ana Paula Sartori tem 47 anos, é solteira e mãe de dois cachorros, um gato e algumas plantas. Amante dos animais e da natureza. Formada em Relações Públicas com pós-graduação em Educação Ambiental, é uma cinéfila amadora e apaixonada pelas letras, tanto que a escrita se tornou seu ganha-pão nesses mais de 20 anos de profissão no mercado de comunicação empresarial. Ela já escreveu poesias que se perderam nas gavetas do tempo. Este é o seu primeiro conto.
@anapsart

miolo_pensamentos_gaveta.indd 26 13/05/2022 17:03:23

O silêncio do coração

E chega a noite. Momento esperado por muitos e temido por outros.

É na noite que acontece a espera do sono que não chega, as luzes que não se apagam, os pensamentos que te alegram ou te preocupam e o silêncio que nos fazem ouvir claramente as batidas do coração.

Ouvi uma vez, num encontro do grupo de oração, que quando oramos durante a noite ou na madrugada o sono chega de uma maneira tão sorrateira que quando percebemos o dia já amanheceu.

Fiquei pensando nisso e não desisto de conversar com Deus. Todas as noites está sempre ali e pronto para me ouvir.

Também é à noite que Ele me manda alguns sinais! Nessa hora a imagem que vem a minha mente é Ele em pé ao meu lado, com um manto caído sobre seus ombros. Tudo muito sereno, tranquilo e acolhedor. Não é voz que costumamos ouvir normalmente. É especial e diferente. Ela vem do coração como um sussurro. Não escuto sons ou palavras, mas decifro cada mensagem.

Continuo com minhas conversas longas e frequentes com Ele, e isso me faz muito bem. Não importa qual religião ou frequência de visitas às igrejas e missas, isso não quer dizer que não tenhamos fé. O que importa é ter Deus no coração.

Numa noite chovia e estava absorta em meus pensamentos. Fiquei ali horas acordada, esperando o sono chegar. Ao fundo e bem leve um apito de trem, que passa na cidade... Apesar de distante, eu o escutava. O barulhinho da chuva me embalava e percebi que não ouvia as batidas do meu coração, só o sentia pulsar. Meu coração estava calado naquela noite. Acabei adormecendo.

... Era uma locomotiva preta com traços brancos e brilhantes. Pronta para sair da estação e seguir viagem. Procurei um lugar com janela e nela encostei a cabeça, para observar o movimento. Acompanhei a entrada de uma família que me chamou a atenção. Era um casal com duas crianças. Um menino e uma menina. Sentaram-se à minha frente.

A menina era muito falante e puxava conversa com as pessoas que passavam por ela. Perguntava:

— Para onde você vai?

Alguns respondiam outros não. Já o menino, era muito sorridente, e acompanhava as peripécias da menina.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 27 13/05/2022 17:03:23

Fiquei ali observando aquela divertida conversa. As portas se fecharam e o trem iniciou sua viagem. Era estranho, mas não me lembrava qual seria o seu destino. E por uns instantes entendi porque aquela criança fazia essa pergunta a cada um que passava. Também, estranhei, o fato de ela não ter me perguntado nada.

De repente, ela me olha. Pensei: "Agora ela me pergunta para onde vou, e eu não saberia responder". Mas para minha surpresa, nada me perguntou. Ela apenas me disse seu nome, que era Maria e o de seu primo, que era João. Contou que estava viajando com seus tios, pais de João e lhes respondi:

— Ah! Muito prazer. Meu nome é Anna.

Ela sorriu.

A viagem continua e as crianças começaram a brincar entre si. Cada um deveria falar uma cor e não poderiam repeti-las.

João foi o primeiro e disse "azul". Maria disse "vermelho"... E assim foram brincando. Depois mudaram para frutas e, criativamente, iam mudando o que deveriam responder. Eu achando tudo divertido.

Em seguida, a proposta era falar o que os deixava felizes e o porquê.

João disse "brincar".

— Gosto de brincar porque dou muita risada e rir deixa meu dia bem feliz.

Maria disse que era "dançar".

— Gosto de dançar porque os movimentos que faço me fazem rodopiar e adoro quando minha mamãe dança comigo. É uma felicidade só.

Estava achando lindo aquilo tudo.

João agora diz que fica muito feliz ao ver seus pais rindo e fazendo graça.

— Pois se os vejo felizes, eu fico também.

Maria fala:

— Que lindo, João! Eu também fico feliz ao sentir a felicidade do outro.

Ela completa:

— Gosto de ver pessoas espalhando alegria, se divertindo e cantando... Isso faz muito bem.

Fiquei olhando aqueles dois e pensando: "Qual será a idade dessas crianças e que clareza de felicidade!" Perguntei a mim mesma: "O que me deixava feliz e por quê?"

Nesse momento, percebi o silêncio do meu coração. E não tinha nenhuma resposta.

Maria e João me olhavam e pareciam ter entendido que eu estava procurando minha resposta, e esperavam por ela. Só que ela não veio.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 28 13/05/2022 17:03:23

Minha sensação era no mínimo estranha. Eu naquele trem, sem saber qual o destino, uma criança perguntando para onde vai cada um e sou a única que ela não pergunta, duas crianças evoluídas, que por meio de uma brincadeira inofensiva e altamente reflexiva me deixam extremamente incomodada. O que estaria acontecendo?

O barulho do trem começa a me incomodar e abafa o som da minha respiração. Meu coração continua calado.

A viagem segue. Maria e João agora já estão sentados ao meu lado... Pensei: "Agora é a minha vez. Devem me perguntar para onde vou e o que me deixa feliz". Fiquei nervosa e não entendendo porque uma brincadeira de criança caiu tão forte para mim. "Essas crianças, tão lindas e adoráveis, estariam tentando me mostrar algo?"

E foi o que aconteceu. Eles calmamente me perguntam:

— O que te aflige tanto? O que está te deixando triste?

Chocada, não acreditava que aquelas crianças estavam tendo essa conversa comigo e não sei porque, também, as palavras vieram à minha boca.

Comecei falando que meu coração estava muito calado, já não falava como antes e o seu silêncio me deixa insegura, já não sei se ele me direciona para o lado certo.

Eles não falavam nada, só me ouviam. Uma sensação boa tomou conta de mim. Como é bom alguém nos ouvir!

Ainda não acreditava que aquelas crianças, que a princípio me pareceram tão inocentes, estavam ali maduras, me fazendo refletir sobre meus medos e receios.

Continuei meu desabafo. Minha esperança era que eles conseguissem me fazer ouvir novamente o meu coração. E aí veio a pergunta:

— Para onde você está indo? Para onde você quer ir?

Simplesmente respondi:

— Eu não sei.

Foi quando Maria me disse com todo carinho e João já segurava a minha mão...

— Você só conseguirá ouvir seu coração quando você voltar a sorrir.

Chorando, lhes perguntei:

— Como conseguirei sorrir, se para isso dependo do meu coração?

Surpreendentemente me disseram:

— É a tristeza que diminui o som de seu coração. Portanto, quando ela estiver se aproximando, cante uma música, dance, brinque com as pessoas, olhe para aqueles que te amam. Deixe a alegria tomar conta... Você já foi assim.... Lembra-se das brincadeiras que eu e João fizemos? Recorde sempre do que dissemos que nos deixava felizes. É

miolo_pensamentos_gaveta.indd 29 13/05/2022 17:03:23

tudo muito simples. Agora, nessa viagem, você já pode responder para onde você gostaria de ir e qual vai ser o seu destino... Pense nisso e siga seu caminho.

Criança tem pureza de alma e coração, e muito aprendemos com elas. Emocionada, entendi que são vários os caminhos que podemos seguir e a escolha é nossa... E a resposta chegou:

— Eu gostaria de voltar à VIDA. Quero me divertir com a família, rever amigos, dar risadas, passear, brincar... De forma simples, assim como João e Maria fazem, serei guiada pelo meu coração que começa a quebrar o seu silêncio.

Eles, agora, dão as mãos ao casal, para desembarcarem, mas antes olham para mim e, como num dueto ensaiado, sussurraram bem docemente:

— Próxima parada: VIDA.

Ainda com minha cabeça encostada na janela, escuto um longo apito e o barulho do trem diminuindo, como se fosse parar.

Acordei assustada e meu coração disparou e pude ouvi-lo claramente. Vejo pela janela a identificação daquela estação: VIDA!

Sonho tem dessas coisas, nos levam a devaneios. O fato é que acordei desse sonho determinada a torná-lo real, afinal estava em minhas mãos. E assim foi. A partir dali, entre muitas coisas que mudaram, posso falar que vivo com mais alegria, me divirto com coisas simples, tenho Deus no coração e sou grata a tudo que tenho, principalmente, por ter João e Maria em minha vida.

Sabem por quê? Porque eu desci naquela estação chamada VIDA.



Anna Abelha é pedagoga, com especialização em Orientação Educacional, e escritora. Foi profissional de Recursos Humanos e se aposentou em 2015. Tem como inspiração seus netos Maria Eduarda e João Matheus.
anna.abelha@hotmail.com

miolo_pensamentos_gaveta.indd 30 13/05/2022 17:03:23

Anne Marie Coralli

Pedaço de papel

Emoções que vêm e vão
Ideias soltas no papel de pão
Paro e escrevo porque
sentimentos anotados
Nunca são em vão
Se tornam memórias
Do que passou pelo meu
coração
E depois quem sabe viram arte
Encaixando em alguma outra
parte
Que complete como inspiração
Rabiscos são como o ciclo da
respiração
Inspiro vivências e expiro
palavras
Completando assim o meu
processo de maturação

O melhor está por vir

O melhor está por vir
Deixa invadir
Não pense que tua missão já
acabou
Ou que tua alma já se calou
O destino não para
E o que ficou pra trás já não se
compara
Você só precisa estar atento
Prestar atenção no movimento
Viver no propósito e no presente
Dessa forma o futuro
Sempre chega cordialmente
Mandaram te avisar que o avião
vai decolar
Continuam insistindo na
chamada para te aplaudir
Então libera o caminho para ir
Pois o melhor...
AINDA ESTÁ POR VIR!

Pés descalços

Esses pés já tocaram muitos
chãos
Mas a melhor parte foi tocar
seu coração
Esses pés já tocaram em
muitos solos
Mas o melhor caminho é
quando
Estão em cima do seu colo
E depois de muito viajar
Descobri que o melhor roteiro
É onde você está
E o melhor destino
É encontrar o seu sorriso
matutino

Indecisão

É muito louco como eu mudo
de opinião
Com frequência sobre você
Feito o carro e o avião
Uma hora no céu
E outra no chão
Às vezes me guio só pela razão

miolo_pensamentos_gaveta.indd 31 13/05/2022 17:03:23

Às vezes me apego ao coração
Tentando equilibrar essa sensação
Cansei de brincar de cupido espião
Ora caçando likes, aprovação
Ora escondida com um lampião
O tempo está cobrando essa decisão
Te jogo em um limbo, na escuridão?
Ou te permito ser meu guia, meu anfitrião?
Dúvida cruel, indecisão!

Ser certo no errado

Não é sempre que queremos agir
Não é sempre que conseguimos evoluir
Mas a vida está sempre aí
Batendo na porta por uma providência
E tem horas que assumo
Fujo da consciência
Só para manter minha incoerência
Pois estar em constante prudência
Mata meus instintos, cansa...
Frustra a minha vivência
Sem querer justificar
Qualquer ato de negligência
Mas ser certo no errado
Alivia meu coração
Redime a minha essência
Adia meu futuro
Mata a minha carência

Caminhos

Muita bagagem guardada
Emoções acumuladas
Relacionamento de longa estrada
Inevitável explodir na caminhada
Tomar atitudes erradas
Me sentir enclausurada
O bonito disso tudo é que a vida
Nunca me deixa parada
Novos ciclos dão aquela revigorada
Olho para o passado me sinto honrada
Olho para o presente me sinto grata
Olho para o futuro e me sinto inspirada
E para qualquer caminho que escolha
Vida longa empoderada!

TPM

Estou comendo tudo o que vejo pela frente
E não é TPM!
Aliás... até é, mas tem outro significado
Tesão Pelo Momento!
Conhece?
Sabe aquela vontade louca de agarrar
Qualquer oportunidade que te faça respirar?
Um pouco de vida nova que te traga mais ar?
Peito tão cheio que posso me

miolo_pensamentos_gaveta.indd 32 13/05/2022 17:03:23

dar ao luxo de perdê-lo
Se o motivo for você, é claro
Faço questão de perder, meu caro
Sem juízo nenhum
Só para depois ter seu amparo
Poder me reanimar na imagem com que me deparo
E de novo ter a certeza de que o nosso lance não é trivial
É raro!

Me diz que eu sou foda hoje?

Onde a gente se perdeu?
O teu silêncio me ensurdeceu
Será que a nossa estabilidade nos desfavoreceu?
Cadê aquela adrenalina que um dia me enlouqueceu?
Não reconheço mais seu olhar, seu toque, seu chamar
Tem alguma coisa entre nós que está difícil de identificar
Difícil de cobrar e de explicar
Para tentar conversar...
Mas fala comigo, por favor
Me deixa ser sua amiga, sua confidente, sua amante
Daquelas que são viciantes
Não quero te procurar em outros lugares
Olhares buscando uma brecha, têm milhares
Mas para mim de nada vale prazer sem verdade
Isso está me matando por dentro
Buscando uma forma de mudar esse envolvimento
Tentando racionalizar o que sinto por dentro
Sonhando em voltar a ouvir que sou seu monumento
Então só me diz que eu sou foda hoje?
Mesmo que não sinta, mesmo que minta
Não dizem que uma mentira contada várias vezes vira verdade?
Talvez esse seja o caminho para curar a nossa enfermidade

Bem-vindo outro alguém!

Estou escrevendo para sei lá quem
Compulsivamente
Vomitando tudo o que passa pela minha mente

Tentando perceber se a escrita é uma forma de me entender
Ou uma forma de formalizar o que já foi entendido
Só para colocar um ponto final, sabe?
Só para que meu mundo não desabe
E que eu consiga mudar aquilo que já não me cabe

Textos e mais textos que só eu sei
Só eu vi
Só eu senti

Será que a minha dor vai passar quando essas palavras tocarem em outra retina?

miolo_pensamentos_gaveta.indd 33 13/05/2022 17:03:24

Seria essa a minha sina?
Tentando ter essa noção
Mas essas respostas ainda
seguem em vão

E até isso concluir continuo
aqui... escrevendo
Por enquanto para mim
E para Deus que está sempre
vendo

E se seus olhos estão tocando
essas palavras e você não sou eu
Bem-vindo outro alguém!
É um prazer estar na sua
companhia
Sua atenção me leva além
Desse espaço que me convém

Sua atenção me faz viva
Cura minha solidão
Acalma meu coração
De uma forma tão efetiva
Que só sinto vontade de
agradecer
Essa honra tão significativa

Em cada esquina

Em cada dificuldade
Há uma oportunidade
De fazer poesia
E resignificar em forma de arte

Em cada conquista
Há uma pista
De uma receita de bolo
Jamais vista

Em cada medo
Há um segredo
Guardado na boca
Com sabor azedo

Em cada esquina
Há uma menina
Escolhendo caminhos
Nos quais a fascina

Estações do Amor

É sempre verão do seu lado
Alma suada, corpo colado
É sempre verão do seu lado
Chuvas intensas, amor
cultuado

E que nunca chegue o inverno
Congelando pedaços
Dos sentidos internos
E que nunca chegue o inverno
Trocando a nudez
Por um casaco moderno

Mas se um dia chegar
Deixa estar
Logo a primavera aparece
Pro sentimento aflorar
E se um dia chegar
Convide-a a se retirar
Pois há coisas na vida
Que não se pode alongar

Até vir o verão novamente
Acendendo a chama
Dentro da gente
Até vir o verão novamente
Caldeirão de vontades
Mutuamente

miolo_pensamentos_gaveta.indd 34 13/05/2022 17:03:24

GUERRA

Nenhuma palavra deveria rimar
com guerra
Não pelo menos nessa terra
Queria minha inspiração
brotando do amor
Mas por enquanto
Escrevo aqui pela dor
E enquanto esse ciclo não se
encerra
Minha alma berra
Apenas por um ano inteiro de
paz
Será que é pedir demais?

Agora eu choro

Acho que segurei a onda por
muito tempo
Pensei que estava tudo bem
aqui por dentro
Superestimei minha
resiliência
Perdi a noção da consciência
Não pedi ajuda
Me fiz de muda
Contei com a sorte
Me fiz de forte
Achando que ia passar
Achando que ia mudar
E nada mudou
Nem eu nem você
Muito menos a decoração
que a gente nunca acabou
Agora eu penso enquanto
choro
Será que um dia eu supero?
Será que um dia eu melhoro?

Ah! Mar

Perdi meu coração para o mar
Alma, cabeça e todo o resto que
sobrar
Vivo sorrindo lembrando das
vezes que estive a tocar
Tua alma molhada em meu
paladar
Quente, profunda e extasiante
Imensidão serena de bem-estar
E quando estou longe me pego
a suspirar
Ah... Mar!
Você me leva para lugares que
nunca imaginei estar
Arrumo desculpas para te
encontrar
Sinto sua brisa e volto a voar

Ainda dá tempo

Te amar como se eu fosse te
perder
Te sentir sem precisar me despir
Me envolver até a minha pele
ferver
Me despedir de todo medo que
me faça evoluir
Ainda dá tempo da gente
transformar isso aqui
Da metade para totalidade
Da racionalidade para vontade
Da subjetividade para
prioridade
E da humildade para o imenso
Pois qualquer coisa que não seja
intenso
A partir de agora
Eu dispenso!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 35 13/05/2022 17:03:24

Sonhar

Sonhar sem medo de estar
Sendo bobo e leviano
Com cada momento que desejo alcançar
Sonhar sem medo de contestar
Qualquer pedra no sapato
Que cause aquele mal-estar
Pois se não for eu
Quem vai estar aqui
Para sonhar os meus sonhos quando eu partir?
Só se sonha vivo, você precisa existir!
Só se sonha acordado, então desperte!
Nunca pare de investir



Anne Marie Coralli nasceu em Niterói (RJ), tem 34 anos, é especialista em Marketing e escritora nas horas vagas. Desde pequena sempre teve muita ligação com o meio artístico e escrever a resgata para essa origem da criatividade e inocência infantil que a preenche de uma forma tão genuína. Desde que perdeu o olfato (por conta da covid), sente que a sua criatividade e a fome pela escrita se intensificaram de forma drástica. Se esse fato tem alguma coisa a ver ou não, não sabe. Mas prefere ver poesia nas perdas também, prefere sempre escolher o caminho do otimismo e da paz. Escreve sobre tudo que a toca e espera tocar o leitor aqui também. Dá as boas-vindas ao seu mundo!
@marieemverso

miolo_pensamentos_gaveta.indd 36 13/05/2022 17:03:24

António Rodrigues

Virgem Maria Virgem

amanhece púrpura sobre o mar
água lisa agulhas de vento
longe recifes aves a voar
ausência de paz pensamento
gazela escondida soldados violação
trapos sujos fuga momento
mato acto desacato selva coração
canoa ondas sede sal dor animal
chegada trânsito humilhação
frémito medo fogo carga policial



.
vi-te de madrugada. envolta na manta azul e vermelha. sentada no encosto de um carvalho antigo. não mostraste medo.
só depois soube da faca oculta na tua virilha. as agulhas do sol nascente passaram pelos ramos e acenderam um brilho nos teus olhos negros. profundos como o abismo da tua pele de ébano.
.
eras uma gazela ferida. eu odeio a arte da caça. vivo apartado da arena. o mundo é uma sala de espelhos, um corredor eléctrico, um circo de farpas. estendi-te a mão. o teu toque fremente era quente. a mornura lavou o céu. o astro de luz fixou-se no zénite. para sempre. a eternidade é a medida da ilusão do infinito no finito inconsciente. a inconsciência suspensa no espaço é bela. a beleza é a nossa bioquímica exaltada. a exaltação dos sentidos é tudo o que resta. entraste na cabana. à volta há uma floresta.
..
de noite pia a coruja. de manhã a águia. dei-te água do rio. ambrósia, pão duro e raiz de mandrágora. uma matilha à deriva guarda-nos a alma e os corpos. restolham de dia e uivam de noite.
.
..
.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 37 13/05/2022 17:03:24

fugiste de tudo. como eu. de todos. como eu. não falas a minha língua. não falo a tua. falamos uma língua alheia que nos serve. pouco precisamos dela. a linguagem dos olhos e da pele é viva e capaz. o contraste do meu branco com o teu negro reflecte-se nos lagos do teu olhar e julgo que nos poços do meu. não é abismo, mas cume, templo sagrado onde a montanha toca a residência dos deuses.

.

..

.

deixaste a manta junto da cama. saíste a meio da tarde. antes de te ocultares entre os troncos – tão antigos – olhaste para trás e sorriste.
o sol dourou-se.
piou um mocho. acendi o lume. água branda numa panela simples. o dobro dos legumes e uma mão de sal - a esperança é uma voz divina / a intuição o seu sopro. tirei um livro das prateleiras cruas. Contos Orientais. marguerite yourcenar. esperei. sentei-me na cama. cama nua. esperei.

. / .

chiou a porta quando o ar escuro arrefeceu o espaço. momento, um só momento... fechaste a porta. encostaste uma mesa à porta. hábitos antigos. medo do exterior longínquo. a tua mão dentro da roupa tirou a faca da virilha e colocou-a sobre a mesa. vieste a mim, junto ao fogo.

voltas-te a sorrir. trazias mel selvagem. introduziste os dedos no favo e depois na minha boca. voltas-te a sorrir. a luz brilhou.

lentamente, entre palavras e gestos, sorvemos o caldo quente.

.....

Leio para ti, traduzindo. nossa senhora das andorinhas.
-- "*What is forbidden to Nymphs is allowed to swallows*" / *("Aquilo que é interditos às Ninfas é consentido às andorinhas")* (M.Y.) --

.....

/ .

A alvura desmedida dos teus dentes é uma alegria que chora. As palavras de uma boca para a outra são rios de dois sentidos. A tua garganta é a minha nascente e também a minha foz. Sei tudo o que preciso de saber de ti.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 38 13/05/2022 17:03:24

Tiras a tua roupa. Tiras a minha roupa. Os nossos olhos espelham-se. Percorro-te com as mãos como se fosse cego. Encosto o meu rosto ao teu. Aspiro o perfume do teu pescoço. O teu mamilo esquerdo sabe a especiarias. O direito ao reflexo da lua num lago plácido.

Sabia tudo o que precisava saber de ti. Falta-me, agora, uma palavra, talvez duas. Suave – devagar – toco-te a boca. Separas os lábios e os dentes. Ofereces-me o interior. Toco-te a ponta da língua com os dedos. Passam-me na mente imagens de baobás, tamarindos e nos sentidos a emoção do solo vermelho, doce e intenso onde nasceste. Adivinho-te a saliva mentolada e no desejo dela, pergunto-te o nome.

:-:

"*Vyèj*". Pergunto-te o que signfica. Usas a língua de empréstimo: -"*Virgin*". Ocorrem-me "*Virgine*", "*Virgo*" e "*Virgínia*", mas é mesmo "*Virgem*".

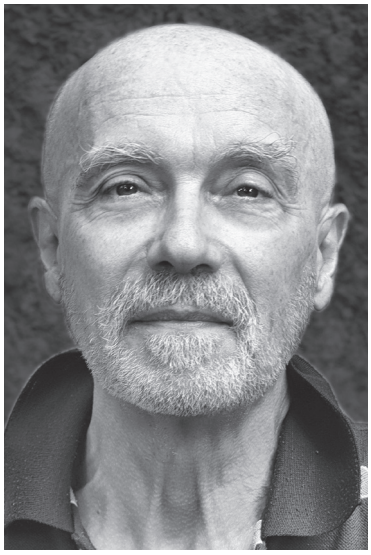
.../...

A linguagem é uma ferramenta imperfeita. Subjectiva, terreno de equívocos. A fala é incapaz de comunicar emoções e sentimentos como código eficaz. As palavras são a fonte de toda a magia existencial e de todos os feitiços possíveis.
Virgem.
Dizes-me que para nos dar-mos, me adicionarás um nome e eu te darei mais um.
Chamas-me "*Wolf*". Lobo. Mágico e puro.
Eu articulo, sílaba a sílaba: "*Mary*". Maria.

Sobre o leito fundo-me em ti. Mergulho enquanto te recebo. Não nos discernimos. Trememos no prazer do contraste da pele. Cobre-nos o casamento da consciência com os sentidos.
O altar sagrado do(s) corpo(s). Uno e plural. Inter-UNO-penetrado. Unido. Re-unido. Apenas somos viajantes, à deriva, na geografia, nos astros e na mente. Sei agora que a imaginação da alma, o portal sagrado da consciência também tem um hímen. A dádiva da vontade.
A aliança do ser.
Virgem. / . Maria.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 39 13/05/2022 17:03:24

finalmente,
dissolve-se
a nostalgia
de-um-lar-nunca-conhecido.
poderemos
imaginar
a
Et.E..R.nI..d..A..dE.....



António Rodrigues nasceu em 1954 na cidade de Lisboa. Trabalhou nos jornais *A Capital* e *Diário de Notícias* e em projectos pessoais de publicidade e comunicação. Alternou bonanças com tempos alimentados pelo pão saído do forno de Lúcifer. Não come carne. Não bebe álcool. Não fuma. Come, bebe e fuma a vida, o sol e as cores do dia a dia. Não aspira à santidade, mas faz o que pode para ser decente com todas as formas de vida, incluindo a humana, e tem uma relação pessoal, desalinhada e caótica com o Mistério que vive nos vastos limites da consciência. É autor do livro *A Fenda*, da editora Livros do Corvo. É ainda autor de contos infantis
azuldigit@gmail.com

miolo_pensamentos_gaveta.indd 40 13/05/2022 17:03:24

Claudia David

O que eu aprendi com o teatro

No teatro aprendi o real sentido da palavra *ressignificar* e algumas outras lições para a vida. Num momento em que me sentia triste e me questionava sobre tantas coisas, uma amiga muito querida – atriz e professora – insistiu para eu fazer o curso de teatro. Ela me disse:

— O teatro transforma e você precisa experimentar!

Sem entender bem o alcance daquela colocação, gostei da proposta e comecei o curso. Nas primeiras aulas senti certo desconforto, confesso. Estava em um mundo diferente e me senti desafiada a sair do lugar comum o tempo todo.

Eu me lembro dos primeiros exercícios que tivemos e exemplificam bem isso: de reconhecimento do espaço no início de cada aula, do explorar variadas formas de andar e com movimentos diferentes, dos exercícios de memória afetiva, de corpo e voz, do ouvir atentamente o outro para completar a narrativa, de improvisação e outros mais.

De todas as atividades, uma que me marcou muito foi a de olhar fixamente nos olhos de um colega e tentar contar uma história, sem dizer uma única palavra. Que impactante é ficar no silêncio, estar de fato presente (parece que esquecemos!) e atento ao outro para que tudo flua bem. Aquele exercício foi bem incômodo, mas depois me trouxe o entendimento sobre aquela expressão: "Os olhos são a janela da alma".

Naquele momento tive a exata compreensão de que ser vulnerável é uma qualidade importante, ao contrário do que pensava, porque permite que você se conecte com o que há de melhor em você e no outro, de uma forma mais genuína.

A gente aprende a reconhecer e explorar as emoções no teatro e isso vale para toda a vida. De um ano de estudos intensos e duas peças, tirei lições importantes das atividades e do convívio com pessoas incríveis que aplico inclusive no trabalho:

- Esteja presente para tomar decisões mais assertivas e que tragam benefício para todos. Empodere-se. Não julgue. Somos todos seres espirituais vivendo experiências humanas e estamos em plena evolução.
- Perceba os vieses inconscientes que são sabotadores, em muitas ocasiões, no decorrer de nossa vida e reoriente a atenção para o

miolo_pensamentos_gaveta.indd 41 13/05/2022 17:03:24

momento presente. Não se critique demais e peça ajuda quando precisar. Você está exatamente onde deveria estar na vida e no tempo, sem mais nem menos. Está tudo bem.

- Procure ouvir com carinho e atenção o seu interlocutor. Preste atenção não apenas ao verbal, mas também na linguagem corporal e demais elementos envolvidos na comunicação. Tudo comunica.
- A comunicação se dá em muitas dimensões. No teatro aprendemos isso saindo do lugar comum e trabalhando outras inteligências que ativam áreas do nosso cérebro que não exploramos muito. A música também tem esse poder.
- Divirta-se! Seja leve e coloque humor no que faz. Boa energia contamina positivamente.

Acredito muito que só existe construção por meio da empatia e troca – base essencial para o relacionamento humano. Precisamos gerar conexões mais verdadeiras, propositivas e inspiradoras uns com os outros.

Não podemos mais viver em uma sociedade dividida, do *eu ou ele*. Que as diferenças não sejam mais motivo de segregação, mas de aprendizado e evolução.

Terminávamos as aulas sempre de mãos dadas e, em coro, finalizávamos com essa frase:

— Segura na minha mão e eu seguro na sua para que juntos possamos fazer o que eu não posso fazer sozinho.

Acolhimento

Acolhimento começa com empatia
É tipo colo de mãe
Um afago, um abraço, um aconchego
Diante da total vulnerabilidade
Reflito e tenho ainda mais certeza
de que há o bem que
a gente faz e que volta para a gente
Rostos desconhecidos e outros não
Vibrando na luz
Um simples gesto, uma palavra,
um alento para a alma
Dando sentido ao que
não se pode explicar
Apenas sentir

miolo_pensamentos_gaveta.indd 42 13/05/2022 17:03:24

Prefiro acreditar

Prefiro acreditar
No melhor das pessoas
Se enganar faz parte
Tropeçar inevitável
Conformismo?
Jamais!
Nunca desistir
Cada dia um dia
Cada um cada um
Separando
O joio do trigo
Sempre dá para
Recomeçar

O acaso

O acaso veio me surpreender
Não sei explicar
Entre pontos
Absolutos ou declarativos
Pausa
Entre a lógica e a poesia
Um beijo, um cheiro,
carícias…
Sensações
Em um ritmo imperfeito
No compasso misto
Me perco, me encontro
Tentando achar uma melodia
E onde fica a rima?
Não sei
Por um instante
Apenas por um instante
Fecho os olhos
Sinto, percebo e sigo...

O que importa?

O que importa?
Aqui estou
Acordada
Na minha pressa de viver
Sentir
Sonhar e simplesmente ser

O que importa?
Sim para os erros
Sim para os acertos
Sim para a vida
Simplesmente sim!

Gosto de sorriso largo
De abraço apertado
De andar descalça
De sentir o vento no rosto
Ver o pôr do sol sentada na areia
Sentindo o cheiro do mar e
ouvindo as ondas num vai e
vem infinito
Gosto de cheiro de grama
cortada e
do cheiro do mato
Gosto do barulho do rio
seguindo seu curso
Gosto da lua e do luar
Gosto de ainda pensar que as
estrelas são buracos brilhantes
no céu
Gosto do aconchego do meu lar
e da família
Gosto dos momentos preciosos
na companhia dos meus amigos
e amigas
Gosto de pensar que vamos, em
breve, ter dias melhores, dias
de paz e dias com a leveza que
acalenta a alma
Gosto dessa simplicidade e de
filosofar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 43 13/05/2022 17:03:25

A vida moderna e a quietude da alma

A vida moderna e a pandemia aumentaram ainda mais o *volume* da vida! Tenho refletido muito e estudado sobre a quietude da alma para que possa ouvir melhor a mim mesma e aos outros também, neste mundo frenético de muitos ruídos e distrações.

Acredito que quanto mais nos sintonizamos ao estado de atenção plena (*mindfulness*), mais próximos estamos de conectar a mente com o coração, criando uma frequência mais positiva com a vida que nos rodeia. Todos os dias, a cada momento, a beleza nos chama, mas raramente estamos em estado de presença para escutá-la realmente.

A voz que vem do coração

Será? Quem nunca se perguntou? A dualidade é uma constante na vida. Já dizia o filósofo Thomas Merton:

— A distância mais longa é aquela entre a cabeça e o coração.

Acredito que a dualidade habite aí. Muitas vezes não sabemos muito bem qual caminho seguir e ficamos divididos entre a razão e o que diz o nosso coração (intuição). Quem nunca passou por isso? Planejar, ter metas claras e saber quais são as prioridades da nossa vida são fundamentais, mas entendo que a intuição possa ser uma importante aliada na tomada de decisões. A gente também precisa aprender a escutar mais essa voz interna e a acalmar a mente para fazer melhores escolhas. A voz que vem do coração. Ela nunca mente!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 44 13/05/2022 17:03:25

Somos seres únicos

Participei de um curso muito bacana e os facilitadores diziam que somos como camadas de cebola. Precisamos ir descascando o invólucro para chegar à essência e ver quem realmente somos. Não é um exercício fácil, mas abre caminho para uma vida mais autêntica e corajosa que gera relações significativas.

Somos seres únicos e para nos conectarmos de forma genuína com o outro precisamos estar em estado de aceitação. É fundamental que as nossas ações se casem com o nosso discurso, ou seja, o famoso *walk the talk*. Agir em consonância com o que você pratica e com a sua essência. Com isso as relações ficam mais leves e verdadeiras.

1- Seja você! Não tente parecer ser quem não é; algumas coisas podem ser lapidadas, mas a essência é o que conta;
2 - Conecte mente e coração;
3 - Seja consistente e
4 - Celebre quem você é onde quer que esteja.



Claudia David tem 52 anos, é mãe do Victor e adora contar anedotas de passagens inusitadas que aconteceram na sua vida. Formada em Letras, pós-graduada em Marketing, *Digital Business* e tem especialização internacional em Relações Públicas. Atua há mais de 25 anos com comunicação corporativa de grandes empresas brasileiras e multinacionais. Escrever é uma paixão que adquiriu desde a adolescência para manifestar suas inquietudes, descobertas e seus aprendizados.
@cladavid

miolo_pensamentos_gaveta.indd 45 13/05/2022 17:03:25

50 anos

Sempre fui apaixonada por fazer aniversários, comemorar com amigos e familiares (já cheguei a fazer sete festas no mês de junho só para deixar bem comemorado mesmo). Quando adolescente, contava para todo mundo na rua, no ônibus, que aquele dia era meu. Hoje já adulta, claro que não faço mais isso... Hoje eu escrevo nas redes sociais (risos) a importância do meu aniversário.

Lembro-me do *textão* que escrevi quando fiz 50 anos:

50 anos. Fiz ontem e confesso, envelheci. Não porque me olhei no espelho e enxerguei rugas, mas porque fui trocar de bolsa e vi que já carrego um leque (que usava nas aulas de flamenco), *spray* de garganta, pastilha para azia... Só me falta um guarda-chuva.

No corpo, já emagreci, já engordei, tantas vezes! Como diz meu amigo Cassio, que é como eu:

— Somos uma sanfona, se tocar em nosso corpo, capaz de sair até um som.

Já fui *fitness*, já me achei *fodness* e hoje tento emagrecer tomando *cappuccinos* e comendo bolinhos.

Mas mesmo assim, tenho uma pontinha de orgulho de mim mesma, já passei por tantas coisas! Já perdi emprego, roupa, dinheiro, oportunidades (tudo recuperável)... Perdi amigos, cachorro, casamento, bebês de duas gestações (tudo inesquecível)... Mas nem toda perda é ruim: já perdi a noção do tempo de tanto gargalhar, já perdi o fôlego por amar, já perdi a hora por ter me divertido, já perdi o medo de falhar, de ser julgada ou de não ser amada.

Também já perdi a pele lisa e ganhei rugas de tanto rir (e não quero colocar botox porque tenho medo dessas coisas e acredito que minhas rugas mostram quem sou). E já ganhei muitas coisas, além de peso: ganhei amigos, emoções, dois filhos lindos e apaixonantes, ganhei conhecimento, prêmios, reconhecimento profissional e amor.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 46 13/05/2022 17:03:25

Como arquiteta, realizei muitos projetos, dos clientes e os meus. Projetos simples e complexos. Projetos de móveis, de casas e de vida. Projetei também romances e paixões que não saíram nem do alicerce.

Já fugi para esquecer um amor e já fiquei para viver momentos deliciosos com quem muito amei, e que depois me deixou. Já fui usada por amigos e amores e já recusei situações assim. Já viajei por aqui, lá fora e na maionese. Já viajei em filmes, livros e nas histórias dos outros. Já viajei para dentro de mim.

Já paguei muitos micos e dei muitos foras, já riram muito de mim e eu de mim mesma. Já chorei pedindo perdão, já quis que me pedissem e não ouvi, mas já segui em frente espiando para trás. E já fiquei para trás tentando enxergar o que teria lá na frente.

Já fui coadjuvante da minha própria história, chegando a não aparecer em certos capítulos e já fui a protagonista que rouba a cena e tem uma legião de fãs. Já me perguntaram quem eu sou e já chegaram emocionados falando "nem acredito que estou te conhecendo, Cláudia Mendonça".

Já me senti comum e já me senti única. Já quis nunca mais acordar e já acordei agradecendo pela vida... Já parti para outra e já me parti em mil pedaços. Já fui ao fundo do poço e voltei balançando no balde, já fui mulherzinha sem graça e já me senti mulherão da porra (como diz a amiga Joyce).

Já passei por humilhações e chorei até dormir. Já passei por vitórias e fiquei dias com sorriso no rosto. Já abri a boca mais do que devia e já fechei para engolir o choro. Já amei quem não me amava e já fui amada por quem não amei.

Já me obriguei a ir a lugares que não queria com pessoas de quem não gostava; já me alforriei dessas obrigações bestas. Já me dei o direito de não ser hipócrita nem sustentar amizades falsas (de amigos ou parentes).

Já ouvi cobranças de quem queria mais do que eu podia dar e já me calei por coisas que tinha direito de cobrar. Já fiz cara de paisagem quando devia ter feito de ódio. Já tive preguiça de brigar.

Já respirei fundo muitas vezes e fingi ser uma samambaia para não dizer verdades a quem merecia. Já ouvi o que não queria.

Já chorei lendo livro, assistindo a novela, filme, propaganda e até ao ver vídeos de Tik Tok. Já quis salvar personagens, atores e coadjuvantes.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 47 13/05/2022 17:03:25

Já ajudei amigas a descobrirem a traição de seus maridos, já passei por traições sem nunca descobrir. Simplesmente fui informada depois.

Já julguei mulheres ciumentas e já tive reações infantis por ciúmes. Já me achei supersegura e já me senti tão frágil quanto uma casca de ovo.

Já fui barco à deriva e já fui porto seguro. Já fui mansão de concreto e já fui casa com telhado de vidro. Já fui tempestade e calmaria.

Já fiz o sexo mais gostoso com um homem lindo e mais novo e já fiz sozinha com a minha própria beleza. Já me achei de menos e já me achei demais. Já passei vontade e já me esbaldei em excesso. Já dei corda e pulei fora, já fiquei de fora com a corda na mão.

Já vesti armadura e peguei espada em punho. Já andei com vestido esvoaçante, pés descalços e sorriso de orelha a orelha como proteção.

Já me decepcionei com amigos, amores e comigo mesma. Já fui boa filha, boa esposa e vivo tentando ser boa mãe. Chorei em todas essas fases. E ri muito também.

Já fui criticada por algumas pessoas por ser uma mãe presente e cuidosa com meu filho que mora fora e com a minha filha adolescente. Já falaram que eu deveria só pensar em mim. Já fiquei horas ouvindo amigas se queixando de não terem diálogo com seus filhos e já repeti muitas vezes que comunicação é algo construído com o amor e a constância. E graças à Deus, aqui em casa, nossa união é baseada nisso.

Já quis ser atriz, professora, secretária, escritora, jornalista, advogada, já tentei arquitetar planos para mudar e já me entreguei à minha arquitetura.

Já me senti tão sozinha, mesmo rodeada de muita gente, e já me senti tão acompanhada (por Deus) estando sozinha.

Já fiquei imaginando como seria minha morte, meu velório e como ficariam meus entes queridos sem mim. E já me imaginei numa longevidade eterna , vendo a partida dos outros.

Já quis mudar de cidade, de emprego, de cabelo, de roupas, de vida. Já quis que minha vida fosse diferente e já agradeci muito a Deus por ela ser exatamente assim.

Já pensei em ficar aqui escrevendo por horas todas as ambiguidades da minha vida e já pensei em terminar o texto agora para que você, com 50 ou não, também pare um pouco para pensar nas bipolaridades da sua vida.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 48 13/05/2022 17:03:25

Nasci de oito meses, resultado de uma faxina que minha mãe resolveu fazer junto comigo. Cresci ouvindo da minha mãe o quão difícil foi meu parto, que depois de três partos normais dificílimos dos meus irmãos, a cesárea do meu nascimento, que era para ser rápida, foi muito longa. Depois do corte em sua barriga, ouvia os médicos falando que eu "escorregava pra dentro" e o que era para levar dez minutos da minha chegada à vida de todos, levei 40 minutos. E não chorei. Os médicos fizeram de tudo, desde a tradicional palmada até injetarem algo em meu umbigo recém-separado de minha mãe. Foi quando chorei e ela ouviu:

— Podem tratar como uma criança normal.

Eu, que nasci quase natimorta, como falava meu pai (que assistiu o parto e na época ainda era estudante de medicina), jamais poderia deixar de ficar tão feliz com cada aniversário. Afinal em cada um eu olho para trás, vejo quem fui e olho para frente imaginando quem serei porque cada data de seis de junho é um novo nascimento.

E fazer 50 é a certeza de que cheguei até a metade de onde quero chegar.



Cláudia Mendonça tem 52 anos, é separada, com dois filhos, Rafaela e José Vítor, e um cachorrinho, Mike. É arquiteta, apaixonada pela carreira. Atua na área há 29 anos, projetando casas e ministrando treinamentos e cursos. Ama ler, ensinar e aprender. Acredita que a vida é um eterno renascimento. Acredita que há um mundo lá fora a ser descoberto e um mundo dentro de nós a ser compartilhado com os outros.
@claudiamendonca.arquiteta
@leiturasdaarquiteta

miolo_pensamentos_gaveta.indd 49 13/05/2022 17:03:25

Daniela Bonafé

Nautilus

eu queria uma palavra gorda
em seus contornos, de
textura macia, cheia de ar
morno, leve, capaz de
flutuar para fora.

uma palavra que salva,
aquela que a gente guarda
no bolso para noites que
gritam em nossos ouvidos
enquanto estamos
pendurados na ponte.

uma palavra com vontade,
capaz de qualquer sonho na
boca, no estômago, na
orelha, sussurrando ecos de
gentileza.

a palavra indizível que cura.

que fosse pronunciada aos
berros e em todos os cantos
para que os olhos se
abrissem e vissem: a perfeição
da concha de um nautilus.

Ela era poesia passarinho

e voava esparsa longe subia nua
vagueando só vez ou outra junto
vez em quando cantarolando a
poesia de seu dentro livre e leve
ia solta sem prender asa no velho
galho mundo jeito de voar poemas.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 50 13/05/2022 17:03:25

Pandemia

Doeu em mim – assim demais da conta – que perdi o sono e o prumo, doeu sentir tantas bocas caladas e tantos braços cruzados e tantos olhos fechados que a dor foi nesse tanto – de me perder de mim e da minha vista de dentro e de fora.

Um chão sem beira e nem borda porque não, a terra não é plana, é um buraco: cheio de sorrisos mortos e de narcisos vivos enfeitando a dor que não acaba.

E as manhãs acordam e eu viro noites pregada em lusco-fuscos alarmantes de números que me derrotam, que me envergonham, que me preocupam e eu não sei mais viver levezas.

Era tua irmã, era minha amiga, seu pai, o filho do moço do lado de casa, nossa conhecida, todos os nossos iguais, eram nossos espelhos… mas não houve tempo.

E nem respeito.

Então por enquanto não abro as asas, não pouso e se abro a janela é para gritar disparates e bater barulhos contra essa dor, e não para ver os meninos brincando porque até eles, até eles, valha-me Deus, eles também doem fechados em seus quartos de existir, em suas telas de exibir a vida: a vida que não tocamos.

Tempo

Numa manhã como outra qualquer, mas que seria diferente de todas as outras que viriam depois, olhou-se no espelho e viu, mas não despretensiosamente, aquele que crescia seguindo sua própria ordem e decisão, sem seguir o rumo clássico que todos os outros ali tomavam e que, com sua potência, reluzia claro na fronte chamando a atenção – até de quem passasse do outro lado da rua? – um primeiro fio de cabelo branco. Como podia, no auge de seus 35 anos, lidar com tamanha desorganização do pensamento, que não se conectava com a perfeição do tempo de seu corpo? Sem conseguir digerir a situação, empunhou a pinça que estava na bancada como se fosse uma espada e arrancou o fio pela raiz. Uma lição bem dada logo cedo para que aprendesse a não envelhecer tão repentinamente à luz de todos e de sua própria razão. Não é fácil aceitar a efemeridade de estar, de se ver passando enquanto alguns crescem e outros chegam.

"O que é o homem? Um amontoado de doenças, que através do

miolo_pensamentos_gaveta.indd 51 13/05/2022 17:03:25

espírito se voltam para o mundo: lá querem fazer sua presa"[1].

A partir dali, elas chegaram, e não de mansinho. Vieram todas, numa sequência quase sem respiro, para dizer-lhe que novos tempos se inauguravam. Alergias, fibromialgia, cálculos renais, apendicite, vírus, queimadura, internações e cirurgias. O corpo se abriu para as mais diversas experiências de doenças e dores, trazendo para a consciência física a máxima de que o tempo passa e não poupa ninguém, nem santos ou demônios, nem tolos ou inteligentes, todos estão sob seus desígnios. Então se perguntou por inúmeras vezes quem teria sido a pessoa infeliz que havia criado essa medida sem escrúpulos chamada de tempo. Conjurou contra a própria espécie e depois, contra a natureza e, quem sabe, contra quem inventou que estar vivo era bom.

"Assim o corpo atravessa a história, vindo a ser e lutando. E o espírito – que é ele para o corpo? Arauto, companheiro e eco de suas vitórias"[2].

Mas esse mesmo tempo, que deixa a marca indelével de sua força em nossa pele e em nossas vivências, há de ser enfim um bom conselheiro quando aprendemos a vê-lo com outros olhos. Aos 40 olhava para as mechas curtas, sem tinta azul e cheias de brancos despontando em generosidade, com reconhecimento de suas vitórias e dias inglórios. As marcas no corpo carregavam tanta coragem que passou a se orgulhar delas. Sim, porque é preciso coragem para estar vivo e procurar caminhos de saúde e bem viver, de felicidade ainda que. E os contemporâneos termos difíceis para nominar suas experiências velhas, como esse tal *cringe* da geração de seus filhos, despertavam-lhe riso, curiosidade e até um pouco de boas recordações daquela época em que só pensava em crescer e chegar a algum lugar – sabe-se lá qual porque nunca de fato chegamos a ele, ou do jeito que tínhamos planejado.

Então agora será assim? Sem novidades? O tempo aplacou a indignação, a surpresa e as manhãs de fúria, dando lugar a aceitação cômoda de tudo o que chega com a velhice? Obviamente que não. Por hora, mal consegue imaginar o dia em que seus olhos se lançarão para a própria vulva constatando ali um pelo branco ou ainda, a hora em que vestirá um óculos de descanso para suas vistas operadas aos 30, que hoje ainda reconhecem um letreiro há bons metros de distância. Na verdade, o que mudou naquela manhã como outra qualquer, mas que seria diferente de todas as outras que viriam depois, foi o redirecionamento de sua trajetória, que seria permeada de uma vontade íntima de perceber a beleza em tudo e de espantar-se com ela.

1 Nietzche, *Assim Falou Zaratustra*, p. 39.
2 Nietzche, *Assim Falou Zaratustra*, p. 73.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 52 13/05/2022 17:03:25

Mãe

o que você queria era me chamar
me gritar retumbante na tua voz
que me irritava no estridente som
e tantas vezes te ouvi no mesmo tom
repetidas vezes, repetidas vezes,
repetidas tuas formas de me chamar
para testar que eu estava e
eu sempre estou e te amo grande,
mas ainda sofro com teus gritos pela casa
que ecoam
ecoam
ecoam
ecoam
na mãe que eu sou
e escuto porque sei que você queria me chamar
me chamar de mãe
para eu te olhar e te ver e confirmar
o nosso acordo desde que somos assim
eu para você e você para mim.

Pensamentos de Gaveta

queria o som arranhado da gaveta da mesa de cabeceira,
o som do velho móvel que dizia coisas de ontem
e segredava a vida da avó, da mãe, aquelas confissões
escritas em papel fininho e amarelado pelo tempo,
registros de uma época em que a vida não era assim corrida.

era a memória daquele som arranhado que a acalmava,
eram as anotações mofadas que confortavam seu coração jovem
e perdido e pouco acostumado com o jeito torto de amar
nesses novos tempos em que não há paradas para respiro,
sussurros para dormir ou gavetas para guardar.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 53 13/05/2022 17:03:25

Quando tudo começou

Ela ditava cada sílaba e eu, letra por letra, desenhava na cabeça uma arara, uma melancia, um cachorro cheio de orelhas.
Eu ia juntando som, letra e desenho, enfeitando as linhas do caderno de caligrafia. Então ela vinha enxugando as mãos no avental de lavar roupas no tanque, só para dar uma olhada na minha presteza de lição. Apontava com o dedo úmido onde eu devia apagar com aquela borracha branca que esfarelava. A borracha tinha um homem estampado em azul que era feio de dar dó e a cada erro, o coitado perdia mais uma parte da cabeça. Ela dizia que eu era caprichosa e que estava fazendo bonito. Eu me enchia de sorrisos e orgulho porque estava crescendo. Foi minha mãe que me ensinou a escrever e continuo *escrevivendo*.

Memórias

naquela sua barriga eu era som,
era luz e devia ter profundeza
porque eu era água,
eu era assim, um pouco sua e outro pouco de mim.
devia ter calor
naquele naco de barriga quente
em que eu era sangue,
em que eu era uma orelha pequena
de ouvido astral e grande.
minha mão era olho
e meu olho estava deserto disso.
eu, transparente, igual ao corpo
de uma groselha do mar,
já vivia memórias de não lembrar.



Daniela Bonafé é paulistana, escritora, professora de arte e artesã. Autora dos livros *Soprinho, Brisa, Ventania e Tufão* e *Útero* (Reality books) e *Contos para o Fim do Mundo* (Voz de Mulher). Participou das antologias *Microcontos no Reino da Imaginação* (Selo Editorial Independente) e *Brincadeiras de Infância em Cordel* (Breci Books). É mãe e feminista.
@bonafedaniela

miolo_pensamentos_gaveta.indd 54 13/05/2022 17:03:26

Sogra

Hoje, ao entrar em uma loja, meus ouvidos atentaram-se à locução de um programa de rádio audível para todos que ali entravam. Nostalgia total! Fui arrebatada ao passado dos programas de rádio com suas histórias de amor, de amizades, de perdas, de desencontros, de saudades.

A locução me prendeu por minutos a mais na loja e me levou às lágrimas. Fui capaz de imaginar tudo o que era narrado. Essa é a magia do rádio, ver por meio das ondas sonoras. A que ouvi contava a história entre uma jovem recém-casada e sua sogra. Parecia história infantil em que há uma bruxa e uma mocinha indefesa. Logo tomei partido da nora, óbvio. A sogra que fui imaginando tinha esse aspecto de bruxa, sempre a destilar veneno contra a pobre nora e lhe acrescentando defeitos. Quando o neto nasceu, o dilema passou a ser um prato cheio para novelas mexicanas, com direito a chamar a esposa do filho de desclassificada, maltrapilha, pobretona... e por aí vai.

A nora se mostrava exausta, sofrendo muito com tantos ataques e invasão. E por mais que buscasse apoio no marido, ele diminuía suas queixas dizendo que sua mãe só queria ajudá-la e que ela era louca, doente, problemática.

Essa história reverberou em mim um sentimento de cumplicidade com a pobre moça; fiquei com aquela dor que era dela, mas passou a ser minha. Por perceber alguém não amada no ambiente do marido e ainda não contar com o seu apoio em um momento tão delicado: a mulher se vê mais sensível quando da chegada do filho. Por outro lado, respirei fundo para pensar na minha vida, na minha sogra.

Sou sortuda. Tenho a melhor sogra do mundo! Após um mês namorando o seu filho e depois de já lhe ter sido apresentada, surpreendi-me com uma mensagem em meu celular. Era ela, minha sogra! A mensagem era curta, mas foi tão importante naquele momento que chorei e guardei para ter sempre comigo. Era uma mensagem de boas-vindas à família e ao mesmo tempo ela me falava do seu filho, do homem que ele é, seu caráter e o quanto estava feliz por vê-lo feliz comigo. E que sim, eu sou bem-vinda à família!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 55 13/05/2022 17:03:26

É sobre isso. É sobre ser acolhida por ela que é mãe, sogra e avó. Sobre mostrar afeição, mostrar-se grande, generosa, humana, humilde e matriarca. Pelas palavras do meu companheiro em relação à sua mãe, passei a admirá-la. Suas palavras, ao me preparar para conhecê-la, foram de muitos elogios, gratidão por tudo o que ela é, sua força, coragem, braveza e delicadeza. E presencialmente se pode comprovar a mulher incrível que ela é.

Ela foi para a faculdade depois dos cinco filhos já adultos. E não se intimidou em se tornar mestra; concluiu o mestrado em julho, durante uma pandemia. Toda a família pôde acompanhar on-line sua defesa de dissertação. Meu companheiro é grato à mãe e fala dela com orgulho. O mesmo se estende à avó de 86 anos e à irmã, que fez questão de me apresentar e sempre falava que eu me daria muito bem com ela.

Minha sogra me fez respirar aliviada e me sentir bem-vinda. É tão boa essa sensação! É tão bom não alimentar histórias ruins entre sogra e nora! Tão bom me dar bem com a mãe do meu companheiro e saber que ela me quer bem e vê a felicidade do seu filho! Muito bom mesmo sentir que a quero bem, que tenho afeto e admiração por ela. Meu companheiro preparou o terreno de ambos os lados e nós fomos dispostas a nos conhecermos e nos encantarmos uma pela outra.

Fiquei com vontade de enviar minha história para aquela rádio. Para que as mulheres que ouviram aquela história saibam que existem outras, positivas, entre sogra e nora. E por que não falam mal de sogro? Por que só as mulheres são vilãs? O samba, a poesia e as novelas devem se retratar com as sogras. Sou muito grata à minha sogra Silvia, por tanto carinho, apoio e generosidade comigo, nem sei se mereço tanto. Só sei que lhe sou eternamente grata!

Mãe

Dia das mães é de muitas homenagens, festinhas na escola, presentinhos, comerciais emocionantes e canções. As mães parecem ter o apoio da mídia, da escola, da arte. Parece que todos as veem e delas se orgulham. Meu companheiro é advogado e compartilhou comigo que 85% dos seus casos são de mulheres.

Mulheres e mães buscam seus direitos todos os dias, exigem

miolo_pensamentos_gaveta.indd 56 13/05/2022 17:03:26

respeito, reconhecimento, partilha de bens, pensão alimentícia. Não deveria ser assim. Essas histórias me atormentam e angustiam. Por que nós mulheres temos que lutar, brigar pelo óbvio? Quem enxuga as lágrimas de uma mãe? Quem as apoia nas horas difíceis? Quem alivia suas dores?

Acho que sei pouco da minha mãe. Sei pouco do que sofreu; só sei do muito que fez por nós, seus filhos e filhas. Ela lavou roupa na beira do rio debaixo de sol quente. Andava quilômetros com trouxa de roupa na cabeça e nós, suas crias, uma pendurada no seu colo, outras a correr pela rua de areia ardente.

Minha mãe vai fazer 83 anos, é lúcida e ainda cantarola pela casa. Continua a rezar o terço pelos filhos e filhas e se lembra com saudades da época de juventude. Meu pai se foi há 12 anos e ela enfrentou o luto com muito sofrimento. Parecia não sair dele, mas saiu e voltou a sorrir.

Vi minha mãe chorar várias vezes e me acovardei em conversar com ela sobre isso. Ela tomou remédios contra depressão para conseguir dormir, para baixar a pressão, para diminuir a diabete e para aliviar as dores no coração. Coração que se mostrou fraco, precisando de cirurgia.

O que levou a saúde da minha mãe a tantas tormentas? Doido pensar que ela sofreu calada para nos dar o melhor, que somatizou no corpo as dificuldades que é ser mãe de três filhos e quatro filhas. Seu corpo traz a marca do cansaço dos anos, o que é trabalhar fora, trabalhar em casa e ter a novela como distração, a religião como alívio.

Lembro-me da minha mãe há 40 anos, levando-nos para ver desfile de Carnaval, mesmo sem um centavo para comprar qualquer coisa. Voltávamos com fome, mas alimentados do colorido e da alegria dos desfiles. Era ela que nos levava para as várias novenas e sentia orgulho quando líamos ou puxávamos a reza do terço. Aprendi a valorizar nossa cultura popular brasileira porque minha mãe era uma dançante de São Gonçalo. Dançava muito e dançou com meu pai. Trago essa lembrança dos dois dançando juntos, rindo, felizes.

Sua vida poderia ter sido mais leve, mais farta de comida, mais cheia de notícias felizes, com mais saúde e pouco trabalho pesado. Ela poderia ter sido cantora, professora, artista, poeta, porém a vida lhe foi ingrata e inoportuna, permitiu-lhe ser só mulher negra e mãe. Ela tem muitos talentos escondidos e sei de cada um por conta de nossa convivência. Às vezes me vejo realizando os sonhos dela. Foi o que a vida lhe permitiu ser, mas não o que ela realmente queria. É grande,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 57 13/05/2022 17:03:26

forte, doce, generosa e muito corajosa. Desconheço seus choros e dores, mas sei muito dos seus talentos.

Minha mãe merecia ter sido artista, merecia ter tido a oportunidade de uma vida mais confortável. Ser mãe não é nada romântico, é negação do ser, das vontades, para ser outra e quase sempre sem reclamar. Não basta querer e se esforçar, é preciso sorte e encontrar apoio na subida. Tenho muito orgulho dela e lhe sou grata. Envergonho-me por não lhe oferecer o conforto, o palco e os aplausos com que sonhou. Sou o que sou porque ela deixou de ser para que eu me tornasse. Anulou-se, fez-se mãe. E ser mãe lhe tomou todo o tempo, toda a saúde, toda a vida. Creio que foi e é feliz, mas poderia ter sido muito mais. A vida nem sempre é justa com algumas mães.



Dulcimara Alves é professora, graduada em Pedagogia, Educação Artística com habilitação em Artes Cênicas e especialização em dança e consciência corporal. É uma apaixonada pela profissão de estar em sala de aula, esperançando. Gosta muito de escrever, dançar e cantar.
@dulciiialves

miolo_pensamentos_gaveta.indd 58 13/05/2022 17:03:26

Acaso

O expediente nas sextas-feiras terminava pelo menos uma hora mais cedo. Era uma regra? Sabe-se lá... Regra ou costume, quem o saberia. Certo era que os peões sabiam disso, e a determinação era cumprida sem qualquer aflição, na risca.

Na praça da obra as telhas francesas do antigo telhado de uma casa em reforma seriam substituídas por telhas mais modernas, dessas que são vitrificadas e disponíveis em vários tons de cor. O empreiteiro, ou o patrão, como a peãozada se referia ao chefe, exigia que tudo estivesse diariamente bem arrumadinho. Ele gostava de tudo organizado, exigia dedicação e bom desempenho, e pagava bem a todos, melhor do que outros patrões. Sua equipe era selecionada e quem trabalhava para ele estava certo de que era um empregado destacado.

Nos fins de semana o patrão exigia ainda maior rigor na organização da praça da obra, o que significava ferramentas limpas e apropriadamente guardadas, materiais protegidos e tudo mais envolvido com o bom andamento dos trabalhos. Em vista disso, na segunda-feira, tudo estava em ordem para a semana que se iniciava. Quem se adaptava nessa rotina tinha trabalho assegurado, bem pago e constante.

Seis peões trabalhavam naquela obra, além do mestre de obra, que comandava e respondia pelo patrão. Aqueles que tiveram condições de ir embora às 16 horas, receberiam o pagamento da semana na segunda-feira. E aqueles que não podiam partir sem receber ficavam para trás, aguardando o patrão, que podia chegar a qualquer momento ou na manhã de sábado quando vinha inspecionar a obra.

Assim, ficaram para trás o Antônio, o Joaquim, que era um negro alto e musculoso, entendido em telhados; e o Valério, bom de carpintaria e parceiro do Joaquim. Tinham que esperar o patrão para receber a merreca da semana. Por essa razão os três ficaram para trás, e coincidentemente eram os três ocupantes do alojamento,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 59 13/05/2022 17:03:26

um velho *trailer*, rebocado pela camionete do patrão, que deslocava aquele trambolho de obra em obra de acordo com a necessidade. O *trailer* era guarnecido com banheiro e três beliches, além de uma pequena estrutura de cozinha, com pia, geladeira e fogão. O patrão se orgulhava do *trailer* e ficava feliz por oferecer algum conforto aos seus trabalhadores. Era verdade.

17 horas, 18 horas, 19 horas... Nada do patrão chegar. Ele não costumava se atrasar tanto assim, sabia de sua responsabilidade com os trabalhadores. A espera, no final, era o que menos incomodava. Ruim mesmo era ficar de goela seca, como Joaquim se referia quando o trabalho estava encerrado e não havia o que fazer. Ele insinuava a todo o momento que a hora de tomar uma gelada já havia passado. A ideia de tomar umas geladas era pertinente e bem apropriada para as circunstâncias. Era um costume consolidado nas sextas-feiras. Mas eles não tinham muito dinheiro e a bebida era cara naquele bairro de gente grã-fina.

— Você tem quanto no bolso? — perguntou Joaquim ao Valério apenas para testar sua disposição de chegar junto no investimento das geladas.

— Tenho até medo de olhar... — respondeu ele com certa timidez.

Antônio fez coro com Valério, a quem também faltava coragem para puxar a carteira do bolso e averiguar quanta cerveja – em realidade – cabia naquele humilde orçamento. Mas concordava que era hora de fechar o alojamento e fazer uma rápida incursão à loja de bebidas, não muito distante, coisa de umas três quadras. Umas cervejinhas depois do expediente, aguardando um patrão para lá de atrasado, não faria mal algum. E se foram, sem culpa e sem remorso.

Sem banho ou outro asseio, e ainda trajando as roupas do batente, não muito sujas, mas suficientemente empoeiradas pelos restos da serra elétrica de cortar madeira, saíram os três pela calçada rumo à loja de bebidas. Piadinhas para cá, comentários sobre as casas do bairro para lá, assobios para uma morena que passava e chegaram à loja de bebidas. Aquilo era uma butique de bebidas, em verdade. Em qualquer outra parte da cidade eles estariam num quiosque, numa birosca ou num boteco de esquina, mas não naquele bairro. Ali a coisa era diferente. Adentraram com a maior naturalidade na Liquor Store, coisa de gringo, cumprimentaram o único funcionário à vista, e trataram de escolher as bebidas. Eram muitas as opções e caras. Havia bebida gelada e ao clima. Ainda não se sabia quantas cervejas o curto

miolo_pensamentos_gaveta.indd 60 13/05/2022 17:03:26

orçamento compartilhado por três alcançaria. Até aquele momento ainda não fora realizado um balanço, um confere nos fundos dos três, para saber quanto dinheiro estava disponível. Se o patrão não viesse naquela sexta à noite, viria por certo na manhã de sábado, assim que o que havia para gastar estava ali e pertencia aos três, a exigir uma solidariedade só existente para saciar a vontade por etílicos. E os três, pelo menos uma cerveja tomariam no aguardo do patrão. Estavam torcendo para que o dinheiro alcançasse o custo das geladas, qualquer que fosse.

Circulando entre os *freezers* num corredor do fundo, onde eram exibidas as cervejas importadas e caras demais para o paladar dos três, eis que Antônio identificou no chão um embrulhinho. Ali no chão, largado num cantinho, estava um embrulhinho e parecia ser de dinheiro. Olhou para um lado, para o outro, aproximou-se furtivamente, deu mais uma olhadinha. Dissimulando, arrastou-o com o pé para melhor verificar a consistência. Por fim, agachou disfarçadamente e pegou o embrulhinho de dinheiro que levou imediatamente ao bolso. Antônio não fazia a menor ideia de quanto havia lá, que além de bilhetes também abrigava em seu interior algumas moedas, podia sentir com os dedos. Saiu daquele setor parecendo que havia feito algo errado ou tirado a sorte grande, enquanto olhava para todos os cantos da loja buscando identificar quem eventualmente poderia ter deixado cair no chão o embrulhinho de dinheiro. Ninguém se encaixava nessa hipótese, o que o assossegava. Imaginar alguém ali naquele ambiente sendo o dono do embrulhinho causava certo desconforto. Mas achado não era roubado...

Escolheu um pacote com seis cervejas geladas, da marca de sua preferência. E o mesmo fizeram Joaquim e Valério. Ao final tinham três pacotes de seis cervejas, sendo cada pacote de uma marca diferente. Dessa forma seria possível compartilhar os diferentes sabores entre os três. Foram para o caixa mesmo sem saber se tinham dinheiro suficiente para custear a farra, ainda assim fizeram passar toda a bebida pela registradora. Ao final o caixa totalizou R$ 66,45.

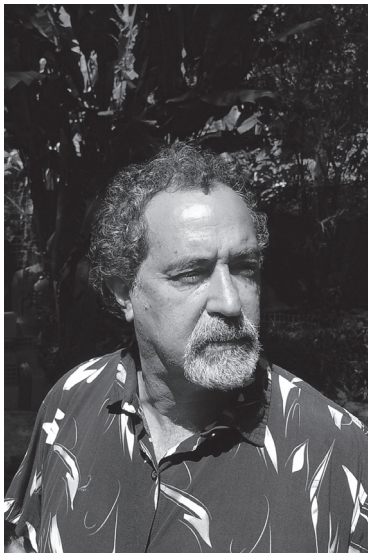
Joaquim e Valério faziam contas e logo dividiram o valor por três, anunciando o resultado de R$ 22,15 por cabeça. Mais do que rapidamente Antônio enfiou a mão no bolso e pegou o embrulhinho de dinheiro. Estava curioso para saber se pelo menos sua parte o achado alcançaria, e, sem qualquer cerimônia, jogou o embrulhinho em cima do balcão. Seria sua participação, o dinheiro com o qual pretendia apresentar sua parte do pagamento. Ao desenrolar o embrulhinho,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 61 13/05/2022 17:03:26

cuidadosamente, logo constatou que nele havia um bilhete de 50 reais, um de 10 reais, um de cinco reais e três moedas, sendo uma de um real, uma de 25 centavos e duas de 10 centavos. Somado tudo, o embrulhinho de dinheiro apresentava o mesmo valor registrado de R$ 66,45 por toda a bebida.

Com uma cara estupefata, feliz e sorridente com o acaso, Antônio virou-se para os rapazes e desfechou:

— Hoje a bebida é por minha conta!



Evandro B. Sathler é advogado socioambientalista, mestre em Ciências Sociais e Jurídicas e doutor em Geografia pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Natural de Bagé, no Rio Grande do Sul, passou a maior parte de sua vida em Niterói (RJ). É pai da Raisa, do Adrien e do Santiago, e avô da Bella. Autor de *Tropeiros & outros viajantes e Adamas e o filho do mundo*.
@ebsathler

miolo_pensamentos_gaveta.indd 62 13/05/2022 17:03:26

Francine Forte

Redomas, esse nosso olhar

Estamos na biblioteca municipal, década de 80; duas jovens na mesa ao lado falam baixo sob o olhar atento e sisudo do coordenador do local. Tento entender porque estão aflitas enquanto folheiam páginas e mais páginas; parece-me que engolem as anotações, tal é a ansiedade de concluírem algo. Para não as inibir busco refúgio nos meus pensamentos e me concentro na leitura. Ah... Como gosto de Verissimo e seu bom humor. Nessa tarde, dedico-me à sua coletânea *Analista de Bagé*; suas divertidas crônicas embalam o meu apego às narrativas que priorizam os acontecimentos do cotidiano. Talvez o autor retrate a relação analista/paciente de uma forma jocosa, afinal já tenho alguns anos de formação em psicologia e respeito a psicanálise e seu divã, mas a leitura invade outros postos, alusões ao regionalismo, à intelectualidade e à política nacional. Estereótipos? Prefiro me basear na reflexão crítica que... Um ruído, as garotas ao lado.

Os pertences delas, como se fossem uma cascata de dominó, se espalham sobre a mesa, quicam na minha cadeira e junto com livros e apostilas, voam.

— Desculpas, moça.

Elas tentam melhorar a situação como se pedissem licença ao meu devaneio; sinto-me contente em voltar à cena ao lado – a magia do cotidiano abre portas para outras histórias. Enquanto ajudo na catança de canetas e papel, ouço um *psiuu*, tenho tempo de pegar um dos livros que caiu. Ajeito a capa do Sr. Aldous Huxley cujo volume está intacto em minhas mãos, entrego a uma delas e anuncio:

— Não sofreu arranhão algum esse *Admirável Mundo Novo*.

Elas sorriem, voltamos aos nossos lugares.

Ainda ouço, entre murmúrios e risadinhas, comportamento típico da juventude depois de qualquer alvoroço.

— Quanta matéria, só tem provas, cálculos e esse trabalho todo; pega aí o trecho que fala da geometria.

— Eu desenho os gráficos — diz a colega.

— Que coisa mais chata! Como se fossem importantes... Temos que apresentar também sobre a física... Bem que eu falei para o grupo,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 63 13/05/2022 17:03:26

ciências exatas não são o meu forte.

As reclamações aumentam:

— Ainda bem que o exame para a universidade será daqui a dois anos.

Vislumbro o meu pré-vestibular, há algum tempo, um ano repleto de atividades e anseios; o grupo sentado se reúne na biblioteca do bairro para concluir um trabalho. Tudo é festa: o colega que resolve jogar futebol bem naquela tarde de sábado e pede para colocar o nome na apresentação, a amiga que tem que viajar para a casa da avó com seus pais, as parcerias que ficam até o final, dando o seu suor para defender o time. Mas o que vale mesmo é a prova integrada. Dessa ninguém escapa. São meses que estudamos todas as disciplinas. Imaginem a elaboração de planos para apresentar as matérias relacionadas em cada época. Sofríamos em organizar por etapas, mas tudo ficava tão claro e rico; assim os acidentes geográficos, a literatura, os mares desbravados e a demografia tomavam forma e desenhávamos tantas histórias. Sempre sobrava um tempo para algum livro, crônica ou outro estudo não vinculados ao nosso programa. Muitas vezes nos envolvemos em outras leituras: momento de discussão de ideais ou simplesmente curiosidades; aqui eu rimaria até com criatividade.

Na grande piscadela, observo novamente ao lado. E as meninas não param de falar.

— Alice, copia logo esse texto, a biblioteca vai fechar...

— Calma, Amanda, temos tempo ainda.

— Mas Alice, quero ler o trecho final do *Admirável Mundo Novo*; já pensou, programar as pessoas, todas felizes... Só tem esse exemplar aqui e já está reservado. Parece que ouço a professora: "Gente, disciplina, tudo tem o seu tempo"— elevam a voz, como se imitassem a dita mestra.

— Ah, se a escola lesse o *Admirável Mundo Novo*... e eu aqui fazendo gráficos. Perda de tempo.

Nessa conversa, as garotas e eu, talvez alguns minutos numa vivência comum, entrelaçamos ideais e olhares. Os períodos futuro, presente e passado traduzem o momento. A riqueza do aprendizado diário explode no tempo e seu contexto. Sorrimos agora unidas e já conhecidas; somos "Nós". Resolvo deixar a minha leitura e rabiscar algumas linhas sobre as indagações. Surge assim, em prosa ou possivelmente em alguns versos, o texto abaixo.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 64 13/05/2022 17:03:26

Saberes, suas questões

Estou com saudades
Das minhas aulas de laboratório;
Das conversas de história, revoltas e glórias,
Química, seus processos e transformações.

Se falo de saudades, falo de memórias.
Temas a estudar, provas e debates;
Múltiplas notas, cálculos, por quê?
Suor e algumas vitórias, estímulos que me encorajam a vencer.

Ainda animada em lembrar,
Quando estudava história, lá ia buscar muitas aventuras;
Uma viagem de cultura e tradições,
Alguns castelos erguidos, muitas mortes em vão: poder, valores e missão?

Clamo pela geografia, quanto espaço.
Primordial saber viver: homem e meio ambiente se falam.
E nos acidentes geográficos, na desenvoltura da natureza,
Admiro tamanha beleza; seja por terra, água ou ar.

O final de tarde, é hora do lanche!
Química danada essa, novamente na minha rotina;
Os ingredientes se somam e a mistura se torna uma poção mágica.
Avisto muitos H20s e adiciono café em pó.
Fórmulas se refazem todos os dias...

Pensar no sódio, no cálcio, potássio entre tantos,
Quem diria, elementos da minha dieta atual.
Minerais desfilam e me abastecem de energia.

Se cito a geografia, os relevos e suas paisagens,
Também relembro as imagens, lugares que visitei,
Ou que busco conhecer.
Cultura, aventura e alguma ousadia.

Aqui cabe o português erudito, com suas figuras

miolo_pensamentos_gaveta.indd 65 13/05/2022 17:03:27

Ênclise, mesóclise e próclise...
Mal poderia me lembrar, lembrar-me-ia
Se atualmente pudesse usar.

A linguagem falada, a linguagem escrita,
O ritmo e o som, nosso idioma, uma canção.
Gramática, literatura, redação e biografias
Traduzem conhecimento, real e artística manifestação
Além de comunicação, interação; muito bom.

Não posso me esquecer da poderosa matemática,
Ciência que, a princípio, nos assusta.
Com tantos métodos, estatísticas e deduções.
Exercita o raciocínio lógico, demonstra,
E aqui não cabe adivinhação!

O quarteto aritmética, álgebra,
trigonometria e geometria
Exige bastante do humano em idade precoce,
Deve existir alguma razão, certamente nos preparam a viver, mais um saber.
Muitas multiplicações no nosso cotidiano.

Os valores e as moedas sobem em progressão geométrica.
Acrescento dados, subtraio interferências e compartilho.
Encadeamento de fatos, uma coerência!

Na física, vivo a natureza.
Não é difícil apreciar suas leis e a explicação para tantos fenômenos.
Falo tanto em energia, em matéria,
Aqui a coisa é mais séria.

Tantas são as físicas, disciplinas etéreas;
Como saber sobre a expansão do Universo?
Física, seja ela moderna ou nuclear,
Tanto ainda a aprender no Sistema Solar.

Respeito e limites: afirmo ética e cidadania.
Valores, família, nossas crias.
Filosofia, religião, política...
Num mar envolto, revolto, tamanha sabedoria.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 66 13/05/2022 17:03:27

E já que falamos em vida, biologia anuncia:
A célula, minha gente, evolução;
Genética, anatomia, interação ecológica,
Ergue o Ser, só emoção!

Ops! Acabou o papel. Será que... Pergunto ao lado e...
— Moça, já vamos fechar!
O senhor me convida a entregar o livro emprestado. Olho ao redor, tudo está calmo e já meio escuro. As garotas? Penso que evaporaram. Não as ouvi se retirando. Um misto de frustração com reflexão me invade. Escrevi com tanto fervor essas linhas, pois gostaria de compartilhar; será que em versos eu falaria? Algumas Alices ou Amandas eu fora algum dia e *Admirável Mundo Novo* eu tenha lido e sonharia...



Francine Forte é psicóloga atuante em Gestão do Conhecimento e *coaching* integrado. Atualmente conectada com programas sobre longevidade (criatividade, memória e narrativas). Apaixonada por viagens e seus aprendizados, memórias e tradições de sua família. Tem por *hobby* compartilhar histórias e aventuras vividas. Sempre há um *causo* para contar ao que chama de ensaios, uma visão do cotidiano com afeto.
@francineforteff

miolo_pensamentos_gaveta.indd 67 13/05/2022 17:03:27

Françoise Louise Reverdy

A caverna

Luiza bate a porta do quarto com força. Anda de um lado para o outro. Ainda bem que ele é grande. Impossível sair à rua agora. Seria atropelada. Bobagem. Isso não passa por sua cabeça. Estar no quarto com toda aquela energia atravessando o seu cérebro a faz sentir-se viva. Palavras saem aos borbotões. Para diante do espelho e diz dentro e fora de si, entre os lábios, primeiro e depois articuladamente. Diz olhando nos próprios olhos o que ela mesma não supunha. Sai do quarto e vai até Joana.

— Menti. Menti sim. E daí? Não me venha mais com essa fala estapafúrdia sobre o drama que é a gente mentir para os outros ser uma coisa menor diante do efeito colateral, a sequela mortífera que é a gente não saber mais quem a gente é. Será que um dia a gente soube? Você sabe quem você é? A vida é tão sem graça! Que diferença faz essa minha história conforme o que imagino que se espera de alguém *normal* ou a minha talvez histórica anormalidade. O Peter Pan vivia na *Terra do nunca*, eu não. Eu vivo na *Terra do talvez*. Era uma vez? Não. Talvez. Uma vez, sem era, sem passado nem futuro. Sem é. Um limbo esquecido numa poça d'água, o céu refletido nela. Acinzentado azul. Acidentado azul. Você sabe quem você é? Pergunto, porque eu mesma não sei. Convivo com você há tanto tempo, e não faço a mínima ideia de quem você realmente seja. Ameaçadora língua, um não maiúsculo – NÃO –, uma tempestade de verão, um casamento de viúva. Nada mais do que isso. Uma promessa sem origem, um eco vagando entre montanhas. Onde está você? Me diga. Onde está você? Vamos! Você tem coragem de sair da sua toca? Covarde! Eu minto sim e vou mentir querendo e sem querer, no automático ou no premeditado. Me perder? Vou. E daí? Ainda não inventaram o Waze das minhas memórias enxertadas. E você se espanta, arregala os olhos como se isso fosse a maior tragédia anunciada! Ah, não me faça rir. Você com esse seu ar de sabedora experiente se espatifa no chão com sua verborreia incompreensível e eu me perco, me enrolo, me amarro nas linhas invisíveis da minha escrita sem começo. E daí? Menti, sim.

(...) no momento a temperatura é de 18 graus Celsius com céu predominantemente nublado. A previsão para hoje à noite é de trovoadas com um mínimo de 17º (...)

miolo_pensamentos_gaveta.indd 68 13/05/2022 17:03:27

— Cala a boca, Alexa! Se a gente pudesse acreditar na meteorologia... Mas, nada é cem por cento confiável, nada, não é mesmo? Se a meteorologia engana, se a astrologia só dá pistas, se eu minto, você é a própria mentira. Covarde!

— Covarde, eu!? Olha para você! Quem guarda para sempre essa caneta quebrada que só escreve meias palavras? Você guarda linha, papel, tecido, tela, algodão, agulha, botão, pincel, tíquete, lápis, borracha, caderno velho. Guarda livros que nunca leu nem vai ler! Guarda tudo e não olha para a caverna escura. Olha para todo lado, menos para frente. Fica aí se comparando com esses todos do mundo, mentindo querendo ser perfeitamente normal. Perfeitamente *normal*, não é? Isso existe? Eu te pergunto: isso existe? Uma formiga é perfeita? É perfeita, Luiza? É?

— ...

— N-o-r-m-a-l. Já pensou se todas as formigas fossem iguais? Se não houvesse rainha, nem cortadeiras, se fossem todas de um tipo só? E se uma orquestra só fosse feita de brancos pianos de cauda? Iguaizinhos, perfeitamente afinados e normais. Ser normal? N-o-r-m-a-l? Você não olha para a sua caverna escura. Se olhasse as serpentes, os ratos, as aranhas escondidas na escuridão, as estalactites, os peixes albinos ah, certamente a minha ferocidade-doçura, a minha esquisitice-imponderada, a minha aparição-do-nada, o sol-e-chuva, o fio d´água sem nascente te seriam mais familiares e menos inimigos e talvez teus braços fossem mais afáveis e menos escudo. Mas você fica aí vendo as nuvens na poça azul acidentada. Você busca a minha origem. Eu busco no seu perdão.

— Não posso te abraçar.

— Se a orquestra fosse feita só de brancos pianos de cauda iguaizinhos, não haveria orquestra.

— ...

— Está certo. Haveria sim, você tem razão. Já te escuto sem te ouvir. Você sempre tem razão. A última palavra tem de ser a sua, não é? Haveria sim, mas só se os pianistas fossem anormais, se fossem esquisitos, imprevisíveis, imponderáveis. Aí, haveria maestro, batuta e assombro. Mas não é disso que estou falando. Estou falando de "conheça-te a ti mesmo".

— Lá vem você! "Conheça-te a ti mesmo". De cabo a rabo, do verso ao avesso? Ter tudo iluminado? Tudo? Tudo? Você se conhece assim? Prefiro o meu dentro escuro e esquecido a essa obscenidade que é uma intimidade exposta. Carniça. Eu minto. Minto e pronto.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 69 13/05/2022 17:03:27

Uma pessoa de pele negra
uma pessoa de pele marrom
uma pessoa de pele vermelha
uma pessoa de pele amarela
uma pessoa de pele branca
é muito feia
quando não gosta de si

Mas, uma pessoa de pele
branca
uma pessoa de pele amarela
uma pessoa de pele vermelha
uma pessoa de pele marrom
uma pessoa de pele negra
é muito bonita
quando quem a vê a ama

Porque o amor embeleza
Ou melhor,
o amor vê o que os olhos de
quem se vê
sem amor não vê

O olhar do amor
é esse olhar espiralado
olhar de rosa do deserto se
abrindo
olhar que antes de olhar para fora
faz uma parada
e olha para dentro

O olhar do amor
é esse olhar onda do mar
que sabe que quanto mais
orgulhosa ela se ergue
mais precisa se voltar para dentro
para continuar a fluir
nesse imenso respirar que é o mar

O olhar do amor
É a brisa anunciante do final de
cada estação
sobre a qual voam os pássaros
migrantes
e sem alfândega.

Eu também minto, mas de outro jeito. Explico: acordo de manhã, e do alto vêm pensamentos, pensamentos que falam comigo, que contam coisas para mim e então, feito insetos, entram na minha cabeça, misturam-se aos meus próprios, e vão tecendo uma poesia, um conto, uma filosofia. E vão seguindo, metamorfoseando-se em aranhas fiadoras e até em casulos que às vezes ficam ali, calando com o passar do tempo, numa construção submarina para, quem sabe um dia, virarem borboletas. O resultado é que acabo dizendo coisas que eu não sei se vivi, sabedorias que não conheci assim de verdade, de cabo a rabo, do âmago para fora. Então, é como se eu mentisse. E fico um pouco envergonhada por isso. Será mesmo que as palavras são chaves para terras ocultas? Ou não passam de letras coladas, copiando sons que um dia coincidiram com sentimentos, no tempo em que o sentir e o pensar ainda não eram separados? Criar mesmo, não sei se crio. Esses

miolo_pensamentos_gaveta.indd 70 13/05/2022 17:03:27

pensamentos matutinos, a gente só recebe. Não vêm da gente. A gente só recebe e pronto. Bonito mesmo é o que a gente faz depois. E isso não é mentira. Receber essas palavras, misturá-las com as nossas, aparar os excessos, descobrir segredos, ver-se humano, humana e querer. Querer falar de um jeito para que a coisa que quer falar seja entendida. Aí o tempo não passa. Para. Uma fenda se abre no tecido das horas e o presente vira infinito. Então, quando vem o ponto final, o relógio assusta. *Nossa! Quanto tempo fiquei aqui sentada escrevendo!* E para quê? Para quê? De que adianta? É trabalho não remunerado caprichar tanto num texto que no fundo, a gente sabe muito bem, pouca gente vai ler com o mesmo afinco com que foi escrito. Bobagens da dúvida. Porque o sonho da gente é que alguém se sinta irmão, irmã, que se sinta menos sozinho, menos sozinha quando lê o texto da gente. O marido da Aurora disse um dia: "Ô mulher, para que passar tanto tempo alinhavando seus escritos? Escrever poesia, inventar histórias? Para quê? Para com isso, vem ficar aqui comigo." E aí? Sabe o que ela fez? Ela riu, tinha carinho no pedido dele. Mas não foi. Ela me disse: "A gente é aprendiz das palavras e sabe, Joana, eu tenho certeza de que quando a gente escreve, a gente está tecendo um pano de fios transparentes, bem levinho. Um manto". O que a gente faz com as mãos da gente não é mentira. O resto eu não sei.



Françoise Louise Reverdy é carioca por nascimento, europeia por criação, cidadã paulistana, Françoise não gostava de seu nome, em vez de chique preferia ser Chica, mas acabou virando Fran. Mãe-aprendiz de Noé e Paula, professora de Francês, tradutora e aconselhadora biográfica, descobriu na escrita um caminho para a compreensão de si mesma e também de outras verdades, vendo na palavra um incrível fio condutor.
@francoiselouisreverdy

miolo_pensamentos_gaveta.indd 71 13/05/2022 17:03:27

Gil Souza

Sonhando Ser

Era uma vez eu, nessa tentativa aqui de encontrar os pensamentos engavetados para que possa honrar essa oportunidade de expressar tudo o que sinto por palavras escritas.

Se fosse buscar qualquer pensamento nas gavetas materiais nesses meus 30 anos de existência, encontraria um monte de escritos em cadernos antigos. Desde sempre registrava algumas passagens, sentimentos e tudo que dava vontade nos diversos contextos vivenciados.

Mas como honrar os infinitos pensamentos do meu ser? Sem colocar tantas expectativas sobre o que poderia escrever aqui, preferi fluir nas inspirações que constantemente me acompanham para relembrar que tudo entre os anos e palavras podem ser trazidas sem limites para expressar essa história viva que continuo a escrever e ser sem apegos a algo perfeito.

Entre os desejos de ser alguém nessa existência, venho me lembrando de tudo que já foi sonhado e assim estar vivo aqui e agora nestas palavras é algo maravilhoso de se manifestar.

Do sonho humano de ser artista, escritor, viajante ou simplesmente alguém que será lembrado além dos tempos, sinto como esse pulsar de Ser é algo que vai além de um senso egóico que possa descrever em limitadas palavras.

Vou descobrindo que no íntimo do meu Ser, além de sonhar ser, existe algo que me inspira para continuar a expressar a melhor versão de quem SomoS nessa humanidade e assim me soa que não seria apenas um sonho meu a ser partilhado.

Se for para sonhar maior do que racionalmente é possível descrever, vou ousando realizar a cada instante nesse sopro da minha vida, o que de melhor posso expressar.

Cuidando do meu mundo, dos meus sonhos, de tudo que cabe ao meu ser, sinto como é possível estar em conexão com o nosso Ser que vai transcendendo qualquer limitada forma que ilusoriamente pode nos conter.

Com muita gratidão e amor, podemos sonhar e ser o nosso melhor e mais elevado Ser, continuando a expressar nesta vida as maravilhas dessa obra de arte viva, por meio de tudo e todes que genuinamente nos conectam com o Todo aqui e além dessas linhas escritas.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 72 13/05/2022 17:03:27



"Amanhã? Não sei. Depois? Talvez? Se for? Que bom. Mas certeza jamais se serei feliz um dia? Não tenho certeza se serei capaz..."

Com essas palavras escritas por meio de um fractal de minha adolescência, sinto como nossos pensamentos trazem uma percepção que nos conecta a diferentes contextos em que podemos transitar nessa realidade.

Lembro como se estivesse lá agora, essas palavras sendo expressas às lágrimas em uma angustia de algo que realmente não sabia se seria feliz um dia nessa história da minha real vida.

Desde que me entendo por gente, me via imaginando, fazendo arte, lendo histórias fantásticas e dramatizando às vezes muitas coisas, como uma tentativa de colocar para fora algo que nem sabia que existia. Nostalgia? É algo que nesse momento me bate, refletindo sobre tudo que já vivenciei algum dia...

Nesse agora, acolho todos esses fractais de mim engavetados ao longo dos anos e posso questionar e refletir sobre como é possível continuar essa história real que agora estou cocriando.

Ontem, hoje e sempre vamos experimentar os desafios de sermos humanos, o que torna inevitável não sentir tudo isso que a vida nos apresenta. A graça de estarmos aqui e agora é justamente essa: saber dançar entre tudo que se apresenta nesse palco da vida real e assim aprendermos como melhor seguir o ritmo que nos faz bem em estar aqui presentes.

Nos imaginando como artistas dessa vida, qual obra de arte escrevemos, desenhamos, dançamos, atuamos e somos afinal?

Além da nossa imaginação, seria tudo uma ilusão criada por nós mesmos, para que assim possamos – da melhor e mais elevada maneira – expressar com integridade as infinitas personas que genuinamente podemos Ser?

É possível divagar aqui entre as palavras para que tudo faça algum sentido para nós mesmos. Assim, acredito que cada personagem dessa história real encontra sua própria verdade e que podemos nos encontrar por meio delas também.

O que diria para aquele meu adolescente que tinha tantos questionamentos pesando em sua mente?

"Os anos vão continuar a nos mostrar infinitos questionamentos e respostas para que possamos nos achar e essa felicidade que intimamente buscamos não é fruto de uma ilusão egóica que nosso serzinho aqui pode descobrir por meio de normóticos sentidos."

"Essa angústia de descobrir as verdades para além do que nos

miolo_pensamentos_gaveta.indd 73 13/05/2022 17:03:27

foi dito é um chamado da nossa alma em trazer tudo o que se faz necessário para a luz da consciência em nossa realidade aqui e bem além do que podemos imaginar."

"Vamos enfrentar vários desafios até termos essa compreensão mais plena sobre tudo que pode nos fazer bem ou trazer a dita felicidade."

"Naquelas fases sombrias em que não é possível ver nenhuma cor, faz parte da nossa jornada e dos necessários aprendizados que continuam a acontecer nesses movimentos de querer existir, expressar e ser o nosso ser essencial."

E se a história tem um fim? Como vamos estar nesse enredo infinito?

Assim como a respiração que existe em todos os seres vivos e de forma semelhante aos ciclos que tomam seu natural rumo nessa existência, vamos descobrir o que vai além desses véus finitos.

A busca do real sentido de tudo está interiorizada para que nós, como humanidade, descubramos como evoluir amorosamente e encontremos a plena felicidade nesses mundos que são escritos por nós mesmos.

Nesse sonho do agora, o coração bate forte ao mostrar essas expressões fluídas que vão sendo inspiradas na verdade por quem estou aqui e agora. Tendo esses instantes de existir, o plano é naturalmente fluir por meio de tudo que me faz bem nessa obra de arte viva em que me coloco para ser a melhor versão de mim.

Sem considerar o que pode ser certo ou errado, bom ou mau e qualquer outra dualidade que criamos ao longo dos anos, maravilhoso seria nos permitirmos esse Ser sentir e, por essa Fonte Criadora do Todo, assumir nosso papel como cocriadores da verdadeira realidade que estamos fazendo existir.

O que poderia ser possível se todos nós como humanidade tivéssemos essa Consciência de que todos podemos construir os nossos mais maravilhosos sonhos por meio de tudo e de todes?

Os ditos contos de fadas que nos foram trazidos, assim como algumas realidades que um dia alguém já falou serem impossíveis de estar presentes aqui, seriam a manifestação do Todo e de como estamos evoluindo infinitamente para expressarmos a essência que está pulsando. Juntes sonhamos e expomos da melhor e mais elevada maneira essa obra de arte viva que nós mesmos colorimos de infinitas maneiras.

Nesse tempo sendo Arte em "SuperViver", paradigmas antigos que ainda nos conectam com a frequência do sobreviver parecem estranhos

miolo_pensamentos_gaveta.indd 74 13/05/2022 17:03:27

quando estamos conectados com a essência do nosso Ser.

Quem disse mesmo que tempo era dinheiro?

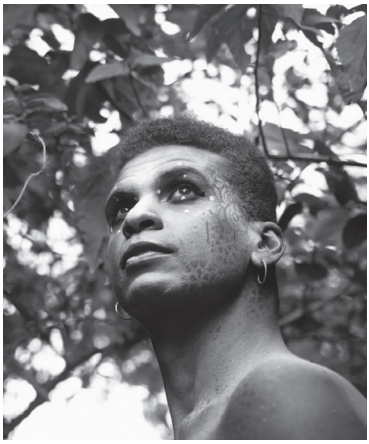
Ou que não podemos sonhar demais aqui ao viver essa realidade?

Quais sonhos estão sendo sonhados por nós ao longo dos anos sem a "normótica" humanidade perceber?

Questionar tudo que experimentamos é um desafio necessário para que possamos aprender por meio de tudo que já está presente diante dos personagens que SomoS nesse ato de existir e que estamos todes nos conscientizando do envolvimento nessa sonhada evolução.

O meu sonho, o Nosso, está constantemente em movimento entre as linhas dessa história que continuará sempre a ser escrita além do que podemos crer. Com gratidão e amor por esse canal que nos mostra uma proposta para melhor se viver, sinto que podemos estar nos inspirando juntes por meio de tudo e todes que se manifestam na Essência do nosso Ser.

Enfim e sem fim, que por intermédio de nossas expressões de sermos a cada agora e aqui, estejamos cocriando maravilhas nessa existência em que cada um de nós está algo Maior sempre a transmitir ...



Gil Souza: ser humano, artista essencial, escritor da própria história, questionador da realidade e cocriador da existência por meio das expressões genuínas nessa obra de arte viva que SomoS aqui. Sem se apegar a qualquer rótulo que pode *normoticamente* e limitadamente em palavras algo definir, vai sendo continuamente através de tudo que o tempo permite nessa vida então se descobrir.
@gil.inflow

miolo_pensamentos_gaveta.indd 75 13/05/2022 17:03:28

O confidente

Que dia espetacular! Céu azul, temperatura agradável. Ainda é cedo, pouca gente passeando. Será que hoje receberei muitas visitas?

Olha só, ali vem aquele casal conflituoso, às vezes é só *love*, outras me dá uma agonia; porque estão de cara amarrada, nenhum sorriso, nem se olham, mas sempre juntos, acho que se amam, senão não estariam ainda em companhia um do outro. Isso falo depois de anos de convivência. Fico tão feliz quando eles parecem felizes, e tão triste quando é o contrário.Tudo é uma questão de ter a sabedoria da convivência. A maturidade ajuda nesse quesito.

Hoje, nesse sábado ensolarado, uns vão, outros vêm…

Sentou-se aquele senhorzinho solitário; deve ter uns 85 anos. Seus pensamentos são só sobre o passado. Ele se lembra de seu amor que partiu há alguns anos. Recorda de como eram felizes juntos, mas a vida é assim mesmo, somos vulneráveis às perdas. Ela partiu deste mundo para outro melhor e ele ficou sozinho com a sua bengala.

Ele se lembra de como se conheceram no café do centro da cidade de Porto Alegre, eram muito jovens. Foi amor à primeira vista, os olhares se cruzaram, bastou um sorriso de canto de boca e um olhar tímido dela para que ele se apaixonasse perdidamente.

Não se falaram naquela ocasião, mas, sem que combinassem, lá estavam os dois de novo, uma semana depois, no mesmo lugar, no mesmo horário, um com esperança de ver o outro. O encontro foi marcado espiritualmente. Encontro de almas gêmeas.

Como de costume, antigamente, quem tomava a iniciativa era o rapaz, e isso que de fato aconteceu. Ele criou coragem e se dirigiu à linda moça, a qual estava acompanhada de suas amigas.

A conversa foi tão empolgante como se já se conhecessem de outras vidas.

Começaram a namorar, tudo como manda o figurino: no sofá da casa dela em companhia de seus pais.

Casaram-se e foram felizes para sempre, até que a morte os separou.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 76 13/05/2022 17:03:28

Ele conversa ainda com ela, manda beijos e diz que logo, logo se encontrarão. Me dá dó, queria poder conversar e dizer-lhe que ela de onde está olha por ele e também lhe ama tanto, mas não posso fazer isso…

Com o passar das horas, o dia ficou agitado, muita gente passeando.

Xiiiii, agora vai haver uma disputa. De um lado a moça que vem com um cachorrinho muito faceiro, do outro um rapaz que parece simpático e gente boa. Quem será que vai conseguir sentar primeiro?

Ufa! Os dois chegam exatamente juntos. O rapaz muito gentil e cavalheiro diz a ela para se sentar e ela com um sorriso largo agradece e faz menção que ele pode sentar-se também. Hihihi!!! Sinto no ar um tom de romance! Será que vai dar *match*?

Os dois começam a conversar. Apresentam-se, falam o que gostam de fazer, com o que trabalham. Ele é médico e ela, pedagoga. Não é que combinam?! Os dois na busca de um amor para construir uma vida. Ficam por horas ali, até que trocam número de celular e cada um segue o seu caminho.

Tenho certeza que saberei o desfecho desse encontro cheio de sintonia.

Fico pensando, sou um fofoqueiro porque adoro histórias de vida.

Ah não, estava tão bom para ser verdade… tudo fluindo. Hoje eu não queria a visita dessa pessoa tão negativa. É uma senhora de meia idade, sempre sozinha, com o coração cheio de mágoa, triste e revoltada. Não sorri para nada e ninguém, parece não ter amigos e suspira profundamente. Se lamenta tanto da vida. Queria poder ajudá-la, dizer: "Levante essa cabeça, seja mais leve, sorria, busque algo que te faça feliz. A vida é tão curta, tão passageira para viver assim. Você pode, basta querer!"

Sei que ela sofre por ser dessa maneira; quem sabe uma ajuda psicológica ou mesmo algo religioso não lhe faria melhorar? A tristeza vai corroendo uma pessoa internamente como a maresia corrói um pedaço de ferro, também tem o poder de afastar as outras as pessoas. As energias positivas fazem o inverso. Têm o poder de atração de coisas boas.

O pipoqueiro passa. Ah, se eu pudesse comer uma pipoca! Deve ser uma delícia! Cada vez que alguém compra é uma alegria só, saem sorrindo e, às vezes, fazem um joguinho de quem acerta na boca um do

miolo_pensamentos_gaveta.indd 77 13/05/2022 17:03:28

outro. É uma brincadeira muito divertida e deliciosa.

Ainda bem que é primavera, não é nem quente, nem frio. As árvores em minha volta estão tomadas de flores multicolores, lindas, lindas!

Adoro essa época do ano, parece que os problemas se tornam mais amenos.

Está começando a anoitecer, já não tem quase ninguém aqui.

Olha quem vem ali! É o meu amigo cabeludo e barbudo. O único bem que ele possui é um saco cheio de quinquilharia.

Está chegando de mansinho, falando sozinho. Tenho certeza de que está com muita fome. Tira do seu único patrimônio: um pequeno pedaço de pão e uma maçã um pouco murcha. Se pudesse fazer alguma coisa para ajudá-lo, ficaria muito feliz, mas infelizmente não consigo. A única coisa que faço é ouvi-lo e deixo-o repousar.

Ainda bem que ele tem um cobertor, em um estado deplorável, mas que lhe aquece durante o sono. Usa o seu saco como travesseiro.

Não consigo entender porque em um país tão rico como o Brasil existem pessoas que vivem nesse estado tão desumano, passam tanta fome e frio. É realmente muito triste. Quem sabe um dia tudo isso muda? O dia em que todas as pessoas do mundo possam viver com dignidade.

Está amanhecendo, o amigo se levanta, pega os seus pertences, passa na fonte, bebe um pouco d'água e segue o seu rumo.

Que dia lindo! Hoje é domingo! Diversas pessoas começam a chegar. Uns passam caminhando sozinhos, outros acompanhados. Consigo ouvir o pensamento de todos, não sei se isso é bom ou ruim.

Lá vem aquele senhor simpático, gordinho, de cabelos e barba branca, parece o Papai Noel. Quem sabe não é realmente? Ele sempre está com um sorriso nos lábios, sempre de bem com a vida, vem para alegrar as crianças que ficam todas ouriçadas quando o veem. Pedem para os seus pais aquela guloseima fascinante, colorida, uns ganham, outros não. Algodão doce pode não ser muito saudável, mas tem um sabor de infância, assim penso eu, pela reação de felicidade dos pequenos; deduzo que sim.

Será que estou vendo uma miragem? Sabe aquele casal que se conheceu aqui, que a princípio estava disputando um lugar para se sentar? Pois é… Estão vindo ali de mãos dadas. Já se passaram alguns

miolo_pensamentos_gaveta.indd 78 13/05/2022 17:03:28

meses. O cachorro dela lambe o rosto do moço bonito, enquanto ele se abaixa para lhe fazer um carinho. Isso é um bom sinal!

Ela parece mais gordinha. Nem acredito, ele para e beija a sua barriga. Que maravilha, ela está esperando um bebê. Adoro finais felizes!!!

Que família linda que eles formam! O destino é realmente surpreendente ...

Sou muito privilegiado. Quantas histórias de vida já presenciei! Sou bem ancião, estou aqui desde a fundação da praça. Se pudesse escreveria um livro com tudo que já escutei. Um livro não, uma enciclopédia com mais de cem mil volumes. Mas não posso, sou só um banco de praça, inerte, sem vida, de madeira e ferro envelhecido pelo tempo, porém ainda sirvo de apoio para muita gente que precisa.



Graça Matielo nasceu em Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil. Atualmente, mora em Turim, Itália. Formada em Letras pela PUC do Rio Grande do Sul e pós-graduada em Psicopedagogia, aposentou-se como professora de Português e Espanhol pela Prefeitura Municipal de Viamão. Ministrou aulas de arte e educação, coordenou o Departamento de Memória Cultural e Sala de Exposição De Curtis. Foi coordenadora da biblioteca da Escola Municipal Santa Isabel no mesmo município.
@gmatielo

miolo_pensamentos_gaveta.indd 79 13/05/2022 17:03:28

Guidha Cappelo

Lembranças de uma mulher como outra qualquer

Não é uma simples vestimenta que dispo hoje,
mas a própria pele que arranco com minhas mãos.
Gibran Khalil Gibran, *O profeta*

Numa das mãos seguia um pouco da minha infância, traduzida num boneco azul, na outra, um casaquinho. Um adeus e entrei num avião pela primeira vez rumo a um exame (eletroencefalograma) de nome difícil para minha cabecinha de 14 anos. Saía de Moçâmedes, em Angola, para Lisboa, em Portugal. Sozinha... "Mas tudo bem, logo estarei de volta", pensava eu ingenuamente.

Cheguei a Lisboa e fui recebida por meu primo Antonio Jorge, que me apresentou a cidade, os monumentos, o rio Tejo... Depois que cumpri a missão dos exames, perguntei quando voltaria para casa e a resposta foi:

— Vais ficar um tempo com tua avó na Ilha da Madeira a pedido de teu pai.

— Mas não posso, as aulas vão recomeçar...

— Infelizmente a situação não está nada boa por lá, suspeita-se que vai estourar uma guerra e teu pai quer te proteger. Vais precisar de paciência!

E eu cá me vesti de paciência, sem entender direito a dimensão e a gravidade do que escutara.

Passou-se um mês e nada. Comecei a me sentir sozinha... Dois meses e a solidão se transforma em agonia. As notícias só se agravavam. Três meses e eu comecei a me questionar: "O que está acontecendo? E agora? Quero a minha mãe... Estou perdida!"

Quatro, cinco, seis meses e a cada dia que passava, minha angústia aumentava. As notícias só pioravam. "Por onde andarão meus pais? Meus irmãos? Meus professores? Meus amigos? Minha melhor amiga? Meu namoradinho? Por onde anda minha história??"

E cada vez mais isso foi ficando distante, perdendo a cor... Fui perdendo a coragem, a alegria, a identidade, incluindo meu sonho de ser uma artista plástica e jogadora de basquete.

Chorava de saudade, de medo, de dúvida. "O que Deus tinha em mente para me fazer tamanha crueldade?" Até que, depois de esperar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 80 13/05/2022 17:03:28

559 dias de angústia, de tristeza, de vazio, o telefone toca e ouço a voz da minha mãe!

Fiquei muda. Gelada. Quase desmaiei. Ela estava no aeroporto de Lisboa! Meus irmãos tiveram que fugir pelo deserto para a África do Sul e meu pai atravessou o Atlântico num barco de pesca e veio parar em Porto Seguro.

Depois de muito sofrimento nos campos de concentração sul-africanos, meus irmãos foram liberados para irem a Lisboa. Enfim, conseguimos reunir a família; primeiro na Ilha da Madeira, na casa de minha avó, e depois aqui vindo ao encontro de meu pai.

Há um ano, por intermédio de um site de busca de angolanos, consegui reencontrar a maioria de meus amigos, vizinhos e alguns professores.

Soube que, por causa do sofrimento, muitas amigas se envolveram com drogas e bebidas, inclusive a minha melhor amiga, Carlinha Lopes, que acabou morrendo...

Comigo, meu desespero fez com que eu me isolasse do mundo, evitando tomar conhecimento das notícias que vinham de lá. Muitas vezes entrei em depressão, chegando até a pensar em suicídio. Mas graças a Deus esse pensamento se evaporou, o que não aconteceu com dois amigos meus.

Perdemos TUDO! Nossas casas, nossos bens, nossos amigos, nossa identidade, nossa raiz! Era como se nos tivessem **arrancado** a pele!

Até hoje sinto que ficou uma porta aberta, a porta da minha casa. A casa de número 19. A ligação que ficou com essa casa foi um boneco, presente de Natal de meu irmão Toninho, quando eu ainda tinha sete anos. Está comigo até hoje! Sobreviveu à infância de minha Alice.

Falando de sobrevivência, ninguém sobrevive a uma guerra sem ser marcado a ferro e fogo. Ninguém sai sem traumas. **Ninguém mais é inteiro!**

Desenvolvi uma resistência enorme para planejar o que quer que seja. Apenas deixava a vida me levar. Durante muitos anos vivi o dia de hoje como se não houvesse o amanhã.

Inconscientemente, me apavorava fazer planos para o futuro, pois sabia que poderia ser tudo em vão. Meu futuro era até amanhã.

Sair de casa é difícil, fazer uma viagem então... Nem pensar.

Depois de alguns anos de terapia, já consigo fazer planos, projetos, mas não consigo concluí-los. Ainda estamos trabalhando nisso.

Criei também uma *amnésia de defesa*, isto é, não lembrar significava não sofrer. Mas agora estou recuperando aos poucos minha história, minhas lembranças, por meio dos meus amigos. Só os pesadelos ainda me atormentam. Às vezes acordo sobressaltada, com um sentimento angustiante, sem saber onde estou, se em Angola, Portugal ou no Brasil.

Sempre falo que toda dor tem um lado bom, pelo menos de crescimento, amadurecimento, sabedoria... Mas não me perguntem qual é o lado bom de uma guerra. Eu só vejo dor, desespero, sangue, tristeza,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 81 13/05/2022 17:03:28

doença, separação, sangue, perdas, violência, atraso, sangue, sofrimento, diáspora, fome, sangue, abuso de poder, destruição, lágrimas, mutilações, sangue, sangue, sangue, sangue e MORTE! Não me perguntem quem sai ganhando com uma guerra. Eu não consigo. Não sei responder!

… sou uma sobrevivente,
disso tenho certeza,
sobrevivi ao meu próprio ser.
A cada dia que passo,
a cada vivência e convivência,
vou saindo de um baú escuro
para me refazer em cores!

Exposição de fotografias de Angola em Salvador do fotógrafo Fabio Marconi

Isso foi um divisor de águas em minha vida. Ali eu vi não o sangue, mas a poeira da guerra angolana, os destroços que a guerra deixou para trás. Vi casas destruídas por balas e bombas, as cidades em cor cinza, irmãos, muitos irmãos mutilados.

Eu não compreendia plenamente o que era aquilo. Passei esses anos todos, mais de 30, avessa a noticiários de minha terra. Não queria ver nem ouvir. Era como se eu quisesse ficar trancada numa redoma de vidro escuro e não me lembrar sequer dos acontecimentos. Lembrar significava sofrer.

Quando fui visitar a exposição, imaginei que estariam ali expostas fotos das belezas de minha tão doce terra. Mas não, aquela exposição de fotos arrebentou meu coração, chegou ao limite suportável de horror para mim. Ouvi naquele pequeno espaço o som de bombardeiros, o estrondo de bombas, de minas. Ouvi os gritos de socorro de tantas mulheres angolanas como eu, mas que não tiveram a mesma sorte de terem saído antes do pipocar da guerra. Senti naquele momento o cheiro de pólvora, de sangue, de lágrimas... Sim! Meu rosto já se encharcava de lágrimas...

Que dor! Senti-me irremediavelmente ferida, dilacerada, sangrando. Senti uma cólica muito forte, como se aquela menina que ainda habitava em mim e não queria ter esse passado estivesse sendo abortada... Ali, a frio, em pleno shopping center.

O autor da exposição, Fabio Marconi, chegou a me entrevistar, mas meus olhos rasos d'água disseram:

— Não tenho palavras...

Enquanto meus lábios balbuciavam algo meio sem nexo embrulhado em muita emoção.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 82 13/05/2022 17:03:28

É muito difícil viver com as lembranças do sofrimento. Mais difícil ainda é ver estampadas em fotografias fatias eternas dessa dor, pedaços do que nos restou! Porque quando estamos vivendo aquilo, as imagens se sucedem, vão-se transpondo umas às outras, umas piores, outras nem tanto e uma ajuda a outra, mas nas fotografias, não. Elas ficam eternizadas, provando sua existência e provocando todas as suas dores e nuances, querendo nos forçar a ressuscitar esperanças.

Quantos sonhos sucumbiram àqueles estouros... Quantas vidas deixaram de acontecer... Quantas histórias nunca serão contadas... Quantas fotografias, retratos de tantas alegrias, viagens pelo deserto, festas, foram queimadas, perdidas, largadas para trás em detrimento da vida.

Quantos anos ainda vou ter que esperar para conseguir tirar esse nó da garganta??? Huumm... Quem sabe eu até consiga se eu transformar essa história em livro. Quem sabe...

Em 10 de janeiro de 1975
o vento soprava mais forte
levando consigo a areia fina do meu deserto
e junto os meus sonhos.
Uma areia que vai e não volta jamais.

É quando se fecham os olhos,
se cerram os punhos,
se engole o vazio.
É quando caiem as cortinas.



Guidha Cappelo é uma portuguesa nascida em Angola e que a guerra a fez brasileira. Mora em Salvador e é artista plástica, fotógrafa e professora de História da Arte para crianças.
@guidhacappelo

miolo_pensamentos_gaveta.indd 83 13/05/2022 17:03:28

Jussara Câmara Penna

Amor com som e emoção

O tempo e os sentimentos não são absolutos. Há momentos em que a gente precisa de mais tempo, para perceber o que sentimos e começar tudo de novo.

Para os físicos, passado, presente e futuro são ilusórios. No entanto, como o próprio Einstein frisou, o tempo passa rapidamente para alguns, enquanto outros o freiam, para ir mais devagar.

Isso também acontece com os nossos sentimentos. Eles podem vir à tona logo com as lembranças antigas. E se essas nos deram alegria ou prazer, é questão de segundos. E esses momentos duram mais.

Infelizmente, isso acontece também com o que doeu, machucou, nos deixando sensações de medo, tristeza, raiva. Aí, se refletirmos um pouco, percebemos que todos os nossos sentimentos e emoções estão ligados ao amor ou à falta dele.

Nossa memória afetiva não obedece a calendários, faz com que nós viajemos no tempo e nos lembremos de quem originou isso, daqueles momentos vividos, mesmo que tudo já tenha passado há anos. E, essas lembranças vêm com detalhes.

Por isso, quando sofremos, nós nos fechamos, para não acontecer de novo. Muitas vezes, ficamos reféns daquela experiência vivida, achando que pode acontecer de novo. E não nos libertamos dela, não a colocamos para fora.

Ao contrário, a enterramos dentro de nós. E, segundo Freud, ela sai pior mais tarde, impedindo-nos de vivenciar situações melhores.

O que nos alegra, traz uma satisfação interna bem maior. Isso porque a nossa felicidade depende mais do que temos nas nossas cabeças, do que sentimentos escondidos em gavetas internas.

E as que não valem a pena nem lembrar não deveríamos guardar. E sim o que importa e nos deixa felizes.

Por isso, resolvi escrever sobre o amor. Mesmo tendo tido uma

miolo_pensamentos_gaveta.indd 84 13/05/2022 17:03:28

experiência ruim, vi que vale muito amar. As pessoas não são iguais e nós também mudamos, entendendo melhor cada nova demonstração de afeto e carinho recebida.

Estava mexendo em um catálogo antigo da Casa Cor, que visitei no Rio de Janeiro, e viajei no tempo e no espaço. Voltei para onde começou uma nova etapa de vida para mim, quando fiz o que gostava e senti a felicidade de momentos bons.

Eu me lembrei de estar no alto do Cosme Velho, numa casa no final de uma rua sem saída. Tudo era lindo ali, perfeito para o evento.

Eu estava sentada no bar daquela casa antiga, toda feita com material de demolição de uma fazenda, onde predominavam madeira, tijolinhos aparentes e vidro. O piso da entrada era feito de dormentes e havia muitas plantas e dois ofurôs.

Era uma sexta-feira, meu primeiro dia de férias, e eu ali sozinha, no segundo andar da casa, olhando pela janela uma paisagem linda, onde se via desde Santa Teresa até a ponte Rio-Niterói.

Mas no fundo eu estava super sem graça. Logo ali, no evento da Casa Cor, eu tinha escorregado no degrau da escada e derrubado vinho no casaco de um homem. Que vergonha!

Meus pais sempre falaram que eu era estabanada. Só que eu pensei que perto dos 40 anos não seria tão desajeitada.

Pedi mil desculpas e me ofereci para limpar o casaco dele. Muito educado, ele disse que não era nada, que essas coisas acontecem e até trazem sorte. Afastei-me e fui apreciar aquela vista, ao entardecer.

Era um dia de outono, frio, estava chovendo. Tem gente que não gosta do Rio com chuva. Eu gostava e muito. Achava até mais bonito e perfeito para tomar um vinho e colocar aquele blêizer ou suéter de lã, que se traz de viagens e nunca se tem oportunidade de usar no Rio.

Pois é, aquela casa era do jeito que eu gosto. Fiquei pensando quando e quem a teria construído, se já tinha uma família grande ou pensava em ter uma.

Estava tão desligada, que nem percebi, quando ele se sentou na minha mesa, trazendo duas taças de vinho. Pediu licença e me ofereceu.

— Não, muito obrigada — recusei.

— Insisto. Acho que você gosta de decoração e isso serve como lembrança desse evento.

E me entregou o catálogo da Casa Cor.

Ao fundo, Michael Bolton cantava *Yesterday*.

— Você sabia que Paul McCartney fez essa canção inteira em uma noite e John Lennon deu apenas uns retoques? Você gosta dos Beatles? — perguntou.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 85 13/05/2022 17:03:28

A partir daí emendamos inúmeros assuntos. Falamos daquela casa, músicas, das nossas profissões. Ele era administrador de empresas e eu trabalhava em pesquisa de moda, por isso viajava muito. Conversamos sobre lugares no mundo que conhecíamos, onde gostaríamos de ir, tínhamos até os mesmos gostos. Naquela animação, nem vimos que tínhamos terminado a segunda garrafa.

Achei que era hora de nos despedirmos. Estava ficando tarde e eu queria fazer inúmeras coisas no dia seguinte. Fora isso, não estava a fim de me comprometer com ninguém.

— Podemos jantar fora. Conheço um restaurante à beira da Lagoa, muito agradável e com uma cozinha impecável. Vamos? — convidou.

Recusei, agradeci muito e pedi novamente desculpas por ter derramado o vinho. Nem meu telefone eu dei. Tinha acabado um casamento e estava a fim de dar um tempo.

Quando desci as escadas, com o máximo de cuidado para não tropeçar de novo, percebi o quanto tinha sido prudente e idiota, principalmente quando se está com 37 anos, mesmo sem aparentar, e sozinha. Sobretudo se é um homem educado, atencioso, bom papo, que me agradou fisicamente e não tinha nada a ver com os *sem graça* que eu tinha conhecido ultimamente.

Bem, já estava feito, deixei meus pensamentos negativos decidirem por mim.

No dia seguinte, como estava mais frio, meus amigos não quiseram sair. Mas nos meus planos não estava em ficar em casa, daí decidi que veria um filme francês, que estava levando em Ipanema.

Agasalhei-me toda e fui primeiro, caminhar no Leblon. Como tinha tempo, entrei em livrarias, várias lojas e comi um prato de saladas, num restaurante pequeno e charmoso.

Continuei andando olhando vitrines, parei para ver uma exposição. Atravessei o Jardim de Alá, cheguei em Ipanema. Faltava ainda uma hora e meia para o filme.

Aproveitei para passar no bistrô, onde uma amiga trabalhava como gerente. Ele era pequeno, super aconchegante e estava vazio, o que foi ótimo, pois pudemos conversar mais. Como não nos víamos há muito, falávamos ao mesmo tempo, tal a ansiedade de contar as novidades.

Dali a pouco, começou a chegar mais gente, e ela teve que dar atenção aos clientes. Pedi café com canela, quando começou a tocar *Yesterday*.

— Sabia que Paul McCartney fez essa canção inteira em uma noite? — disse uma voz conhecida.

— E John Lennon deu apenas uns retoques?

miolo_pensamentos_gaveta.indd 86 13/05/2022 17:03:28

— Como sabe?

— Um amigo me contou.

— E você vai jantar com ele hoje?

— Vou. Em um restaurante aconchegante da Lagoa — respondi.

— Pode ser, mas antes podemos ficar por aqui, tomando um vinho tinto, contando mais histórias sobre nós dois. O que você acha?

— Acho ótimo. Como são apenas quatro horas da tarde, vamos ter bastante tempo para nos conhecermos até o jantar.

— Acredito que por mais tempo, pois não vou deixar você escapar de novo. Afinal de contas, coincidências não existem e estava escrito nas estrelas que você apareceria na minha vida — me disse.

Sorri, pois senti que nossa história estava apenas começando, assim como minhas férias e que tinha todo jeito de se tornar inesquecível.

Depois desse encontro, ele me convidou para dançar, o que fizemos duas vezes em Ipanema, até que eu lhe disse que viajaria a trabalho por 18 dias. Ele pediu meu roteiro e perguntou em quantos lugares eu pararia.

Levou-me ao aeroporto e me entregou algumas cartas, para me acompanhar na viagem. Quando abri a primeira, vi que era seu coração me acompanhando em cada cidade. Estamos juntos desde então.



Jussara Câmara Penna é jornalista responsável pela página *Idade Maior* (www.facebook.com/idademaiorbr) sobre envelhecimento. Escreveu o livro *Nada como um dia após o outro* no Amazon Kindle. Participou do *Livro da Inspiração*, da Reality books. Trabalhou em projetos especiais para a terceira idade no Rio de Janeiro, na pesquisa do livro *80 anos de moda no Brasil* para V. S. Scala Publicidade. Foi coordenadora de moda no Senai/Cetiqt (Centro de Tecnologia da Indústria Química e Têxtil).
@jussara.penna
@idademaiorbr

miolo_pensamentos_gaveta.indd 87 13/05/2022 17:03:28

Lêda Dal Magro de Meneses

Yúna

Era uma vez
Um curumim,
Que vivia nas terras de Tupã.
Resolveu vir para este planeta
Não numa aldeia,
Mas junto à natureza.
De Tupã teve o consentimento
Dia sete de março foi seu nascimento.

Sua missão nesta Terra
É espalhar amor.
Amor pela família,
Amor pela natureza,
Amor pela ecologia,
Amor em toda sua grandeza.

Este curumim é Yúna,
Pássaro de canto forte,
Tom de capoeira,
Veio devagarinho,
Veio à sua maneira.

Para navegar neste mundo conturbado,
O vovô construiu um barco reforçado,
O pai adora o verde das matas,
A mãe ama o ressoar das cascatas.
Este menino será muito amado.

Yúna navegará com segurança,
Nesta nova aventura na terra.
Espalhando amor e esperança
Neste começo de uma nova era.

Seja muito abençoado,
Meu neto amado.

Poemeu 60 anos

E os 60 chegaram.
Sessenta mil anos de uma velha alma.
Longa jornada, rumo à montanha mais alta.
Não tenho asas para voar
e a vassoura está quebrada.

Cabelos em prata.
Ouro do conhecimento.
O que foi ruim joguei fora.
O que foi bom está aqui dentro.

Sou uma jovem Senhora.
Sou uma velha Loba selvagem.
Sou uma criança eterna
fazendo mil traquinagens.

Família, amigos, parentes, conhecidos,
Anjos, Arcanjos, Mestres, Serafins,
Querubins e Elementais
da minha corrente de vida.
A DEUS, o Criador do universo
e de minh'alma,
Sou eternamente agradecida.

Existe um amor tão imenso
Que transborda além da oitava física.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 88 13/05/2022 17:03:29

Histórias que fazem parte da minha vida

Era uma vez....
Há muito, muito tempo atrás,
Histórias que fazem parte da minha vida
Que a memória me traz.
Ah! quantos doces e guloseimas,
Chapeuzinho Vermelho levou,
Pra sua vovó na floresta
Em que o Lobo Mau se disfarçou.
Sapatinhos de cristal
Vestido azul estonteante,

Uma fada, um príncipe,
Um baile deslumbrante,
Viveram felizes para sempre.
Os ratos, o ganso e o cachorro,
De Gata Borralheira à Cinderela
A Madrasta coitada,

Morreu amargurada por não ter sido boa para ela.
Branca como a neve
Cabelos de ébano, lábios de carmim,
Era assim Branca de Neve,
De uma lindeza sem fim.
Espelho, espelho meu,
Quem é mais bela do que eu?
A madrasta já se angustiava
Quando o espelho anunciava
Que Branca de Neve era a mais bela de todas
Não há o que fazer, adiantava.
Mas uma maçã envenenada
A bruxa madrasta inventou.
A menina doce e ingênua comeu a maçã e se engasgou,
Logo, logo veio um príncipe que com um beijo a salvou.
Histórias encantadas,
Contos de fadas, fábulas de todos os tempos,
E o Lobo Mau por onde anda?
Aprontando todas, com os porquinhos e a bicharada,
É o rei da armação,
Sempre se dá mau em toda empreitada,
Parece até um bobão.
O Gato de Botas, o Marquês de Carabás,
João e Maria, o Patinho Feio,
Aladin e muito mais.
Histórias que compõem a minha vida
Até hoje não sei dizer
Quantos livros eu li?
Perdi a conta, milhares posso dizer.
Fazem parte de minha vida,
55 anos de leituras,
61 anos de fantasias, bruxarias e aventuras,
Seguem comigo por toda vida.
Livros que li, que vou ler, que ouvi e vou ver.
Enquanto existir.
Enquanto eu viver.

Temos uma visão
muito humana de Deus
E isto nos torna cegos.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 89 13/05/2022 17:03:29

Um pouco de mim

E o vento levou...
Levou as minhas memórias
e com elas as minhas
lembranças.
Perdi um pouco de mim,
e perdendo um pouco de mim
aqui e ali,
fui me descompletando.
Neste vai e vem, fui me
doando um pouco a cada dia.
E em alguns dias, intensamente,
em casa, no hospital como
voluntária,
no trabalho, na família, na
fraternidade,
na rua, no trânsito, nas
histórias,
enfim, me dando um pouco
aqui e ali,
fui me perdendo e me deixando.
E nesse tempo que se passa,
o coração vai se ferindo,
uma punhalada daqui,
uma carência dali,
uma mágoa acolá,
uma saudade que não quer
parar.
Muito amor neste coração
que vai se doando,
e esse amor só aumentando,
mesmo doendo.
Dos pedaços que restam de mim
só ele que se mantém pulsando,
mesmo sangrando,
mesmo se despedaçando,
mesmo se perdendo
no infinito de mim mesma.

Eu sou um milagre de Deus

Sou um milagre de Deus,
Sou um milagre da Fé,
Parei de beber,
Parei de fumar.
Em um passe de mágica,
Não sei explicar.

Morri várias vezes
Dentro da minh'alma,
Renasci outras tantas
Com fé e coragem
Uma súplica, uma dor, um
clamor,
Deus sempre me salva
Com Seu imenso amor.

Sou uma Fênix,
Vencedora e vitoriosa.
Das cinzas de mim mesma,
Renasci mais poderosa.

Esse coração já sangrou
Já bateu, balançou,
Muitas vezes quase parou.
Agora está no compasso,
Porque Deus o curou.

Deus é tão maravilhoso
Que seus milagres são diários.
Sempre perdoando meus
tropeços,
Trazendo-me novas
oportunidades.
Enchendo-me de alegria,
De compaixão e bondade.

Sinto Seu amor dentro de mim,
Uma chama ardente,
Um amor sem fim.
Não só na minha vida,
Mas em todo lugar,
No ar que respiro,
Ao abrir os olhos e acordar.
No sol que brilha de dia,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 90 13/05/2022 17:03:29

E na noite de luar.
Na chuva que cai na terra,
Nos rios e no mar.

Eu sou um milagre de Deus.
A minha vida a Ele pertence.
Sigo doando o melhor de mim
A minha gratidão é infinita.
Caminho sempre com Deus
Porque Ele no meu coração
habita.

Envelhecer

Quando se envelhece
O que se espera é a morte e o
morrer,
Mas mesmo sabendo disso,
Procuramos esquecer.

Envelhecer é uma arte
Que precisamos aprender,
Barulho nos incomoda,
O silêncio nos faz adormecer.

Ficamos saudosos de tempos idos,
Poucas memórias,
Vagas lembranças,
Às vezes nem sabemos de quê.

Envelhecer como saber,
O que não serve, desaprender.
O que é bom, jamais esquecer.
E o que nos resta é apenas viver.

Tempo é o hoje,
Amanhã quem vai saber.
Pode passar rápido sem sentir,
sem perceber.
Um grande aprendizado é
envelhecer.

Minha pipa

Minha pipa voa
Atravessa as nuvens no céu azul,
O sol brilha no meu rosto,
Conto uma, conto duas, conto
mil,
Muitas pipas lá em cima,
Sorrio com gosto.

Soltar pipa é o que mais gosto,
Corro, brinco e aposto.
Muitas cores, muitas formas,
Muitas manobras, muito agito,
No céu, fica tudo mais bonito.

A hora passa,
Eu nem sinto...
Ouço um grito:
Já pra casa menino.
Pego minha pipa,
Vou embora,
Vou sorrindo, sem demora.
Amanhã eu volto.

Amei muito

Amei muito nesta vida
Amei sozinha
Amei de verdade
Amei de mentirinha
Amei com intensidade

De tanto amar sozinha
De me doar inteirinha,
Esvaziei-me.
Chorei, gritei, cansei.
Fui me buscar
Não sabia onde me procurar.

Nas profundezas de Hades desci,
De tanto amar me perdi,
Procurei minh'alma
Até me encontrar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 91 13/05/2022 17:03:29

Achei que havia me perdido
para sempre
Mas consegui voltar

Quando me encontrei descobri
Uma maneira diferente de amar,
Mesmo com tudo o que sofri
Não parei de acreditar
Que o amor é a chave-mestra
Para o mundo curar

Hoje dona de mim mesma
Continuo a amar com certeza.
Amor que acalma e conforta
Amor que não mais se importa
Se o outro vai me amar.

E nesta dádiva de amor fraterno,
Renovo-me no Eterno,
Sem nada em troca esperar.

Mas para minha surpresa
Recebo amor de toda natureza
Sem me esforçar.
O amor dos meus amigos,
De família, de conhecidos
Amor de todo o lugar.

Por onde passei
Muito amor deixei
Feliz daquele que me conheceu
Porque do melhor de mim
recebeu.
Feliz de mim
Que sou amor em ação.
Não tenho mais solidão.
Agora dona de mim,
Sigo meu coração.



Lêda Dal Magro de Meneses — Maga Merlinda. Funcionária pública federal, contadora de histórias e mediadora de leitura, coordenadora da Associação Viva e Deixe Viver (Brasília), membro da Associação Amigos das Histórias e do canal Brinqueação AP no YouTube. Graduada em Pedagogia – Faculdades Integradas Simonsen/RJ, pós-graduada em educação à distância – Faculdade Senac/DF – e na arte de contar histórias – IESA/DF.
@magamerlinda

miolo_pensamentos_gaveta.indd 92 13/05/2022 17:03:29

Luciana Santos Tardioli

Minha hora de partir...

Está na hora de me despedir... eu sei. Mas como vou deixar para trás toda essa história?

Eles conversavam comigo, no entanto eu já não conseguia ouvi-los direito. Tudo era confuso, mas de repente senti um conforto, um calor, uma súbita alegria. Minhas memórias se afloravam.

Lembrei-me do nascimento da minha primeira filha, Solange. Eu era tão jovem ainda. Recém-casada. Mesmo o casamento sendo recente, porém; eu já percebia que ele não seria nenhum mar de rosas...

Fui levando. Minha filha preencheu meus dias. Eu sentia falta da minha família de origem. Mas entendia que era um novo tempo, um novo momento. Queria falar mais com meu pai. Embora minha mãe tenha sido sempre muito dura comigo, era minha mãe. Queria seus conselhos, seu conforto. Não tive. Tudo bem.

Nova gravidez. Apenas um ano separava os dois pequenos! Marcos e Solange cresceram num lar farto. Não nos faltava nada. Eu me dedicava a eles e os dias seguiam seu curso. Nem me dei conta de quando e como a bebida entraria nas nossas vidas.

Eu e meu marido éramos jovens. Cada um carregava uma pesada bagagem emocional nas costas. Eu, única filha mulher de um lar com quatro crianças. Pai militar e mãe desequilibrada emocionalmente. Apanhei muito da minha mãe. Era eu quem ajudava a cuidar dos meninos, da casa. Mas nem por isso fui mais amada e respeitada. Longe disso. Senti falta de amor de mãe.

Ele, por sua vez, sentiu falta do amor de pai. Seu pai havia falecido quando ele tinha apenas três anos de idade. Ele e o irmão foram criados por uma mãe que precisou ser forte. Foi o que lhe restou. Cedo começou a trabalhar. Engraxate, comércio. Sem estudo, foi sobrevivendo, crescendo. Quem diria, prosperou.

Quando Sô e Ma tinham 13 e 12 anos, respectivamente, chegou a caçula. Descuido meu. Mas ela veio, e me parecia a salvação dos meus dias. Eu havia perdido uma tia muito querida. Ele, um amigo muito próximo em um acidente de carro. Estávamos os dois esperando algum sinal dos céus para aplacar as nossas dores. Hoje, lembrando, penso: como essa criança veio com uma sobrecarga de salvar dois pais emocionalmente doentes?

miolo_pensamentos_gaveta.indd 93 13/05/2022 17:03:29

Lu chegou e foi crescendo num lar que estava se despedaçando, sendo tomado pelo alcoolismo e pela violência. Às vezes tínhamos um respiro. De fora, ninguém percebia o quão doente estava aquela família.

Tínhamos uns aos outros, porém. Eu e meus filhos queridos, minhas fortalezas. E ele… ele foi se perdendo cada vez mais.

Vivíamos sob tempestades de ameaça. Tudo poderia ser motivo para uma agressão. Um recado anotado no bilhete: tapa na cara. Uma pergunta qualquer: um soco. Um jantar que não agradava: um objeto poderia voar na minha direção.

Do outro lado do tempo, meu corpo se exauria. Eles precisavam de mim, como eu poderia deixá-los para trás? Ah… meus filhos… meus netos…

As memórias me invadiam. Tentei me lembrar do que era bom.

As festas de aniversário. O casamento da Solange e depois do Marcos. A cumplicidade com minha filha mais nova, que tão cedo se tornou meu esteio emocional.

Nossas cachorrinhas. Pretinha. Susi. Fofinha. Nossas aves! A arara, o pássaro preto, o papagaio. Nossas flores! Ah… dividíamos esse amor pelos animais, pela natureza, eram um contato com Deus!

Religião! Íamos à igreja e à casa espírita. Era o que nos fortalecia. Acreditar que tudo aquilo teria um fim. Quantas vezes implorei a Deus que me levasse, mas salvasse meus filhos? Não perdia a fé. Mas não conseguia me libertar!

Lembro quando o primeiro neto chegou, Tiago. Um novo respiro, vida nova quem sabe? Mas não. Ele não mudava. Era sempre uma rajada de alegria para dias e dias de tormenta…

A bebida era sua companhia. Cada vez mais afastado da família. Cada vez menos suportávamos sua presença. Toda noite, quando ouvíamos o barulho do portão arranhando o chão, eu e Lu subíamos correndo as escadas para fingir que estávamos dormindo. Muitas vezes, mesmo assim, as brigas começavam. Como quando eu anotei o recado de um amigo que havia lhe telefonado e ele acendeu a luz e jogou o despertador no meu peito, dizendo que eu deveria lhe dizer os recados e não ficar anotando em pedacinhos de papel.

Meu corpo queria partir, meu coração não. Eu ouvia suas palavras:

— Mãe, fica! Pelo amor de Deus!

— Vó, te amo. Vó, eu preciso da senhora!!!

— Mãe. Vai. Pode ir, mãe. Eu cuido de tudo!

Ahhh minha filha querida… A memória me puxou para as nossas conversas vendo as novelas… chorando, rindo. Por longos anos moramos só nós duas naquele apartamento. Acho que nunca um lugar

miolo_pensamentos_gaveta.indd 94 13/05/2022 17:03:29

foi tão desejado e amado como aquele lar!

Lar que acolheu a todos quando os casamentos foram desfeitos. Lar que acolheu a todos quando novos casamentos foram realizados. Lar que acolheu os primeiros meses do meu querido netinho, Digo. Como amo esse menino! Mais uma golfada de ar, mais um respiro para meu coração cansado de tantas batalhas!!! Uma criança ilumina a vida!

Lu foi se fortalecendo. Crescendo como profissional. Contudo, foi mãe da mãe. Sinto tanto, filha. Entreguei o que pude, porém. Queria ter feito mais. Deixado que você e seus irmãos fossem apenas filhos. Que pudessem escolher suas trajetórias sem tantas manchas de dor. Sinto muito, sinto muito…

Lembro que um dia, você querendo ser forte como sempre, estava se desmanchando em um emprego que te sugava a alma. Eu disse:

— Você vai chegar lá e pedir demissão.

Seu rosto se iluminou. Não sabíamos como iríamos nos virar, mas entregamos a Deus. Você confiou, não foi, filha querida?

A Paloma! Paloma entrou nas nossas vidas porque você estava muito triste. Tinha brigado com as amigas de faculdade, tinha perdido contato com as amigas de colégio, estava se sentindo sozinha. Eu sei, eu dizia que nunca mais teríamos um cachorro, ainda mais em apartamento, mas me apaixonei por ela. E queria te ver feliz.

— Pode ir, mãe.

Não, eu quero me lembrar.

Lembrar-me de todas as vezes em que te vi indo para o samba que você tanto amava! Lembrar-me de como você encontrava alegria em meio aos rochedos da vida. Lembrar-me do dia que você conheceu aquele que eu pressenti que seguiria contigo na tua jornada. E meu coração de mãe se aquietou.

Eu quero me lembrar do meu filho alegre. Do meu filho sempre cercado de amigos. Do meu filho farmacêutico. Empreendedor. Que foi construindo sua vida. Se refazendo a cada tombo. Que me proporcionou a viagem de navio (lembra o quanto comi?!). Que me levou às consultas. Que cuidou de mim nesses últimos anos.

Eu quero me lembrar da minha primeira filha. Aquela que me apresentou o que é a maternidade. E que anos após me presenteou duas vezes com meus netos. A que me desafiou, mas que sempre me amou. Minha filha que venceu obstáculos muito, muito difíceis e se reergueu. Jamais perdi minha fé em você. E mesmo com tantas adversidades, você reescreveu sua história.

Eu quero me lembrar da farmácia que ajudei a cuidar. Do meu caminho até o ponto de ônibus. Das risadas com as amigas de trabalho. Daquele lugar de música e…

miolo_pensamentos_gaveta.indd 95 13/05/2022 17:03:29

… a música volta a tocar. Não sei mais onde estou. Olho ao redor e… acho que estou delirando…, mas meu coração está tão aliviado, leve… e ao mesmo tempo sinto uma profunda vontade de chorar.

Estaria delirando? Vejo minhas primas Roseli e Rosimeire! Que saudades!!! Vejo meu primo Ronaldo! Vejo dona Linda!!! De repente olho para o chão e estão aos meus pés Susi, Pretinha e Fofinha! Elas me acalmam. Brincam comigo. Tanto tempo se passou, vocês ainda se lembram de mim?

Quando olho mais adiante, meu coração finalmente para: meus pais. E então tenho a certeza que não é um sonho. Estou partindo.

Vejo minha família ao redor da cama de hospital. As máquinas parando. Meu corpo sucumbindo. E minha filha dizendo:

— Mãe, está na hora. Eu cuido de tudo.

A vocês, todo meu amor e minhas bênçãos. Obrigada por toda a jornada que me proporcionaram. Minha vida não foi fácil. Mas eu tive vocês comigo. E isso me bastou.

Fecho meus olhos e me sinto tomada por uma força que me desliga do corpo de uma só vez. Meus pais me abraçam. Estou partindo. Sinto que vou adormecer. Assim que puder, volto para continuar cuidando de vocês!



Luciana Santos Tardioli é jornalista, com pós em Comunicação Empresarial e MBA em Marketing. Construiu sua carreira em grandes agências de comunicação e em multinacional. Em 2018, ao lado de uma amiga, fundou a Elabore Estratégia, agência de comunicação *boutique*. É mãe do Lorenzo e apaixonada por animais. Ama escrever, ler e estudar, especialmente temas relacionados à saúde emocional.
@lutardioli

miolo_pensamentos_gaveta.indd 96 13/05/2022 17:03:29

Maria do Carmo Marini

Pensamentos ao vento

O ontem é uma história, o amanhã é um mistério,
mas o hoje é uma dádiva, é por isso que se chama presente.
Master Ooway em *Kung Fu Panda*

Papel e lápis

Na adolescência eu já gostava de escrever. Escritos melancólicos, coisa de quem estava saindo de um momento criança e entrando num mundo diferente e complexo, sem ter um guia próprio ou um conselheiro especializado. Sabe como é, quando sofremos as primeiras mudanças trazidas pela puberdade, não entendemos bem o que é realidade, o que queremos ser e o que somos. Naquela época não tínhamos conselheiros ou terapeutas, e nossos pais acreditavam piamente que éramos capazes de lidar com quase tudo.

Enfim, eu escrevia em folhas de papel, normalmente a lápis (sempre gostei de lápis, muito mais do que de canetas) e guardava numa caixa de madeira. Não sei de quem herdei a caixa ou se simplesmente a peguei de algum lugar. Era uma caixa linda, madeira escura envernizada, com uma orquídea desenhada no meio da tampa. Tinha cheiro de lenho e de verniz, brilhava, sorria para mim, me encorajava e era meu cofre de segredos.

Minhas manifestações eram a respeito de frustrações, no amor, na amizade, na escola, no pensar o futuro. Nesses papéis eu colocava as minhas angústias e fraquezas, minha insegurança, meus poemas sem talento. O lápis era meu amigo de todas as horas, tolerante e compreensivo. Eu podia contar o que quisesse, ele não reclamava, deslizava direitinho como uma agulha num toca-discos, contando tudo o que eu não tinha para quem contar. Não me julgava.

Naquela caixa linda estavam meus pensamentos mais íntimos, inconfessáveis, aqueles que eu não podia compartilhar com família ou amigos. Minha qualidade mais apreciada por todos sempre foi a coragem, embora ninguém soubesse do custo que isso sempre me

miolo_pensamentos_gaveta.indd 97 13/05/2022 17:03:29

trouxe, mas eu não podia fraquejar. Do pouco que me lembro desses manuscritos, sei que eram piegas. Ah! Como eram piegas. Era o tempo em que minha visão do mundo ia de um azul claro ao preto num instante. Eu não tinha noção dos cinzas da vida, das inúmeras nuances que pessoas e situações eram capazes de assumir. Mas acho que eu gostava de sofrer um pouco. Era mais romântico, condizente com sonhos impossíveis, com histórias de amor e glória.

Um sorriso do menino louro, com quem eu sonhava, não rendia muitas palavras, mas um desdém, isso doía, cortava minha alma, fazia sangrar meu coração e resultava em um longo desabafo. A traição de uma amiga criava feridas impossíveis de curar, o medo de enfrentar uma situação inusitada provocava um abalo sísmico sob meus pés e produzia um longo discurso de censura e chamamento ao dever.

Minha caixa, com suas confissões, me acompanhou até o final do ensino médio. Quando passei no vestibular e entrei na escola de engenharia, achei que era hora de deixar de lado meus sentimentos bobos, infantis e chorosos. Eu havia feito minha escolha, seria uma engenheira, não uma contadora de histórias. Peguei a preciosa caixa, levei para o fundo do quintal, tirei todos os papéis e fiz um lindo fogo com eles. Chorei a adolescência perdida, a infância que se escondia no horizonte da minha vida, mas levantei a cabeça e fui viver a vida.

A caixa? Não faço ideia de quem ficou com ela. Não levei comigo, mas até hoje sinto o cheiro e, se fechar os olhos, vejo a orquídea se destacando no marrom da madeira envernizada.

O primeiro irmão

Eu tinha uns quatro anos quando meu irmão Giuliano nasceu. Vivia com meus avós e era muito feliz. Na realidade, meus pais e minha irmã, Leila, moravam numa casa perto, mas lá, eu era apenas uma visita.

Ele nasceu com um problema de formação. Um problema que não teve solução. Morreu com quatro meses, por falta de alternativas de tratamento. Soube muito superficialmente, anos depois, que foi submetido a algumas cirurgias, todas inúteis. Imagino o quanto essa criança sofreu e o massacre emocional ao qual meus pais também foram submetidos.

Tanto é verdade que falar no menino sempre foi um assunto tabu na família. Minha irmã Leila e eu, que estivemos mais próximas dele em idade, tentamos perguntar algumas vezes, mas sem sucesso. Silêncio

miolo_pensamentos_gaveta.indd 98 13/05/2022 17:03:29

absoluto! Nenhuma foto ficou, e olha que meu pai adorava tirar fotos dos filhos.

Anos depois, meu irmão mais moço, Roberto, nos proporcionou um momento surpreendente. Era bem pequeno, mas resolveu ir embora de casa. Sabe-se lá de onde tirou essa ideia maluca, mas arrumou uma trouxa de roupas e falou para mamãe:

— Vou embora porque você pode me matar como fez com meu irmão!

Onde ele ouviu sobre um irmão morto? E, por que achou que a culpa da morte era da pobre da mamãe? Não faço ideia. Só sei das consequências: mamãe chorou durante um dia inteiro. Fechada no quarto, sem querer falar com ninguém. Papai, muito solenemente pediu para o Roberto nunca mais falar sobre o assunto. Estranhamente não ficou furioso como esperávamos, apenas triste, com uma tristeza profunda que podia ser lida nos olhos. O Roberto, coitado, ficou como um cachorrinho que faz cocô na sala, olhando para o chão, choramingando um pouco, sentindo todo o peso da tristeza da mãe.

Pois bem, sabem aquelas surpresas que a memória faz para nós? Pois é, eu tenho a lembrança mais insólita desse irmão perdido. Aliás, não dele exatamente, mas da morte. Foi a primeira morte da qual tive conhecimento. E, para mim naquela época, não parecia normal que uma criança morresse. Na verdade, nem sei se a morte de um adulto fazia sentido.

Quando fecho os olhos e penso naqueles momentos, vejo até hoje o velório na sala da casa dos meus avós onde eu morava. Lembro-me perfeitamente do pequeno caixão, branco, em cima de um alto estrado. Eu era muito pequena para enxergar dentro, mas me recordo das flores e das velas e daquele cheiro, mistura de tristeza, medo e flores. Era outubro, mas ainda estava frio.

Minha mãe, chorando sempre, ficou no quarto dos meus avós. O casaco bege, com ombreiras, comprido até o começo das pernas e uma saia preta é uma memória clara. Não me recordo dos sapatos, não sei porque, pois sempre fui muito atenta a sapatos. Mulheres a rodeavam e, quando eu chegava perto, me afastavam com certa impaciência. Era como se apenas elas soubessem sofrer e consolar mamãe.

Eu ficava indo do quarto para a sala onde meu pai, meu avô e minha avó recebiam os convidados (não sei se convidados é a palavra certa) e os cumprimentos de pesar.

Quando chegou o horrível momento de levá-lo embora, minha mãe apareceu. Tão linda, mas destroçada pelo sofrimento. Ela beijou o filho, acariciou a cabeça dele e voltou para o quarto. Meu pai me levantou no colo (acho que foi o primeiro momento em que ele

miolo_pensamentos_gaveta.indd 99 13/05/2022 17:03:30

percebeu que eu estava lá) para que eu também me despedisse desse irmão que não chegou a ser. Devo tê-lo beijado, mas não tenho certeza. Todos os parentes e amigos próximos fizeram um carinho ou uma pequena prece, então o caixão foi fechado. Tios ou amigos carregaram o caixão. Como morávamos perto da igreja, onde uma cerimônia fúnebre aconteceria, fizemos o caminho a pé.

Uma pequena procissão; o padre na frente, depois o caixão e, em seguida, meu pai e eu. Ele segurava minha mão com força e eu tinha um desejo imenso de chorar sem saber direito o porquê. Sei exatamente como olhei para cima, vislumbrando seu rosto sério e vi como ele sofria em silêncio, com uma dignidade absoluta. O frio entrava nas nossas golas, mas ele não se encolheu nenhuma vez, manteve a cabeça erguida enquanto as lágrimas desciam em silêncio pelo seu rosto.

Lembro das pedras da rua, pois não tinha asfalto naquele tempo, e também de minhas meias brancas e meus sapatos pretos batendo nas pedras. O tempo pareceu ter parado; o silêncio só dava lugar ao som do vento e dos passos das pessoas. Uma ou outra tosse se ouviu até chegarmos à igreja; então, minha memória se apagou quase completamente e meu irmão desapareceu.



Maria do Carmo Marini é engenheira, gaúcha, casada com um siciliano, mãe e avó. Após anos de carreira corporativa, resolveu se reinventar e faz isso a cada dia. Atualmente tem se dedicado a escrever em livros e *sites*, realizando um sonho de adolescência. @carmomarini

miolo_pensamentos_gaveta.indd 100 13/05/2022 17:03:30

O amor e o furacão[3]

Trinta anos? Tanto tempo assim?

Você chegou a passar em frente à vila? Tudo muito mudado, Fábio, tudo muito diferente.

Cheio de prédios, uma incorporadora comprou as casas, vão fazer ali um condomínio enorme.

Ah, eu saí de lá logo que a Catarina morreu. Lembranças demais, as meninas insistiram para que eu me mudasse, a casa era grande, eu estava sozinho. Acabei cedendo e comprei o apartamento.

Temos boas lembranças daquela época, né? Espiávamos as filhas do Garcia pela janela; quando elas descobriram, a Marina fazia poses no espelho, provocando. Era divertido, não era? Tudo tão inocente.

Lembra como a Catarina era tímida? A dificuldade que foi começar o namoro? Minha sogra não nos deixava sozinhos por nada. Era dureza. Eu até comecei a ir à missa para poder ficar mais tempo com ela. Cinema, só com o irmão segurando vela. Tudo muito vigiado.

Ela era linda, não era? Uma doçura, uma delicadeza.

E assim foi, Fabinho. Namoramos, noivamos, eu me formei, montei o escritório com outros dois colegas da faculdade. Catarina terminou a escola normal, começou a dar aulas numa escola particular. Marcamos o casamento.

O pai dela nos deu de presente a casa da vila, Catarina decorou como quis, parecia casa de revista: tudo de muito bom gosto, flores por todo lado, tudo claro, perfeito, arrumado, tudo combinando com a beleza e a doçura dela.

E assim nos casamos, sem ter experimentado nada. Ela, muito religiosa, você imagina, casou virgem. E nós, Fábio, qual era a experiência que tínhamos? O que conhecíamos além das moças do Castelo da Olga? As putas olhavam para nós com cara de riso, um bando de meninos que não conhecia absolutamente nada do mundo.

Mas fomos levando a vida, eu prosperando no escritório, ela adorava as crianças da escola. Estávamos casados há dois anos quando ela engravidou. Foi uma alegria, primeiro neto dos dois lados, imagina como foi a espera. E num agosto gelado nasceu minha primeira filha. Uma boneca, era a cara da mãe. Achamos melhor que a Catarina

3 Baseado em fatos reais

miolo_pensamentos_gaveta.indd 101 13/05/2022 17:03:30

parasse de trabalhar, para se dedicar à filha.

Então um dia, Fabinho, estou lá eu no escritório, tentando me concentrar em um projeto, quando a porta se abriu e entrou a Irene. Ela não era exatamente bonita, mas tinha uma presença forte, traços muito marcantes. Queria fazer uma mudança na fachada da casa e uma amiga indicou o escritório. Acendeu um cigarro, eu ali vendo aqueles olhos escuros, cílios espessos, a boca carnuda com um batom vermelho, as pernas cruzadas, eu não conseguia tirar os olhos daquela mulher.

Marcamos uma reunião, um dos sócios foi junto. Sinceramente, eu não tinha a menor condição de ficar sozinho com a Irene. Na reunião ela apresentou tudo o que queria, era praticamente só pôr no papel e acompanhar a execução da obra. Ela morava sozinha, era solteira, tinha um emprego bom, funcionária pública. Era arrojada, independente, moderna.

A obra começou, e ali também começou a minha história com a Irene. Numa tarde quente, eu supervisionando o andamento da reforma, verificando se estava tudo em ordem, quando ela me chamou. Olhou-me com firmeza e me beijou. Eu sou casado, balbuciei, como um menino assustado. E eu lá quero um marido, Tonico? E então, Fabinho, foi como um furacão. Descobri naquela tarde que eu nunca tinha estado com uma mulher de verdade. A Irene não era uma mulher, Fabinho, ela era uma força da natureza.

Ela deixou claro: que eu ficasse tranquilo, que jamais pediria que eu deixasse minha família, que nada precisava mudar. Estaríamos juntos quando fosse possível, e pronto. Olha, pode parecer loucura, mas eu amava as duas. Não me julgue.

Fui levando a vida dupla. Quando a gente quer, dá-se um jeito. Nunca cheguei fora de hora em casa. A Catarina? Nunca desconfiou. Era aquela doçura de sempre, o sorriso meigo me esperando para o jantar.

Veio então a surpresa: as duas ficaram grávidas. Irene estava muito feliz. O filho é meu, Tonico. Se não quiser, não precisa ter seu nome. O que vamos falar pra ele? A verdade, Tonico. É mais fácil. Que não somos casados e não moramos juntos. Ninguém morre por isso, Tonico, deixa de ser atrasado. Que homem conservador, não sei como me envolvi com você.

As crianças nasceram na mesma semana. Outra menina com a Catarina, um menino com a Irene.

Foi assim, meu amigo, que eu levei a vida, até que um dia, minha filha mais nova foi fazer um trabalho da escola na casa da amiga, e quando saiu, ao atravessar a rua para esperar o ônibus, viu meu carro na garagem da casa da Irene. Intrigada, tocou a campainha. Meu filho atendeu, ela perguntou por mim, e ele me chamou. Paiê...

miolo_pensamentos_gaveta.indd 102 13/05/2022 17:03:30

Pode imaginar a confusão? Voltamos para casa em silêncio, a menina chorando no carro. Não tinha nenhuma desculpa, estava tudo muito óbvio. Contou para a mãe e para a irmã. Foi uma loucura. A doçura da Catarina deu lugar a uma fera. Furiosa, ela ameaçou me deixar, as meninas chorando, a vila toda ouvindo a gritaria. Eu não saí de casa. Fiquei um tempo no quarto de hóspedes, amargando a indiferença das três.

Catarina tomou coragem e, queixo erguido, pegou o endereço da Irene e foi lá tirar satisfação. Irene, tranquila, disse a ela que ali não havia conflito de interesses. Nunca quis tirar o marido de ninguém. Aliás, nunca quis marido. Que a Catarina ficasse tranquila.

O que aconteceu depois disso? Você não vai acreditar. Ficaram amigas, até conspiravam contra mim. Quando a Catarina ficou doente, Irene revezava com as meninas para dormir com ela no hospital.

E quando a Catarina se foi, as filhas começaram uma espécie de campanha para que eu me casasse com a Irene. Falei a respeito e ela ficou furiosa.

Casar, Tonico? Eu lá quero casar, Tonico? Alguma vez eu falei que queria marido? E ainda o viúvo da minha amiga, ficou louco? Some da minha frente, Tonico!

Juras

Não quero juras de amor
eterno, não acredito
nelas.
O amor dura, se muito,
alguns verões e na
primeira tempestade, tira
teu lugar à mesa.
A mim me bastam a
sinceridade e a urgência
do desejo.
Esse não mente.

A mulher e o mar

Como Penélope à espera
de Ulisses, ela tece.
Tece sonhos durante o
dia, vem a Noite e os
desfaz.
Sonha com o dia em que
o marinheiro, pisando
em terra firme, deixe-se
inundar pelo oceano de
seu amor.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 103 13/05/2022 17:03:30

Flores

Você trouxe as cores vivas das gérberas e o frescor das margaridas. Algo assim como se a primavera, apressada, ultrapassasse o outono e atropelasse o inverno. Um canteiro de flores no meu jardim.

O dragão

Olhou para o homem ali na sua frente, que perguntava seu nome pela quarta vez. Sujo, barba e cabelos desgrenhados. Trêmulo, o olhar perdido.

— A senhora, por favor, me desculpa. Minha memória falha muito. Eu fiquei assim quando perdi minha família. Foi um dragão, desceu do céu, corpo e asas arrancando tetos, destruindo as casas, cuspindo fogo. Minha mulher e meus filhos morreram. Era um dragão, dona. Também eu fui engolido pelo fogo, dona. Estava trabalhando. Alguém do escritório viu na internet e veio me avisar. Um avião caiu e era perto da minha casa. Minha vida também acabou ali. Na rua não preciso pensar em nada. Uma hora esse pesadelo que me assombra me leva embora.



Maria Elisa Beutel é contista. Depois de passar 34 anos com números, voltou às letras. Publicou o conto *A última gota* na antologia *Perigosas Mulheres*, Psiu Editora, 2022. Tem ainda vários escritos na gaveta.
@frigomaria

miolo_pensamentos_gaveta.indd 104 13/05/2022 17:03:30

Maria Luísa Lara Borges Ferrite

À luz do Sol

Estou diante de mim...

Abro minha gaveta e deixo fluir os pensamentos e memórias. Algo que me faça refletir e também compartilhar. Tudo vem tão rapidamente!

Algumas frases são manifestadas agora e outras prontas, de antigas anotações ou velhas lembranças guardadas no coração. Só sei que esse novo processo – Pensamentos de Gaveta – já é uma grande diversão, pois passo a vasculhar e encontrar registros de momentos únicos onde posso me (re)conhecer por intermédio da escrita. Algumas das minhas ações, meus amores, minhas percepções... Um pouco do muito já percorrido nesta vida.

O simples, o despojar, o fluir... O seguir adiante. Bola pra frente!

Olho lá fora, parece um quadro visto através da vidraça clara. Congelo essa imagem e contemplo. Tudo está no seu devido lugar. Que lindo e poético! É o pleno no agora.

Aos poucos minha atenção se volta à minha morada, minha casa física, onde há momentos de arrumação; muda o sofá, tira o tapete, traz a poltrona e abre a janela. Isso mesmo, gera movimento, exercita a criatividade na busca de uma vibração que harmonize. Que acolhedor estar aqui! Aqueço e componho um cantinho para refletir e meditar. Aroma de rosas, agora sim, respiro boas energias. Também minha casa de carne e osso, meu refúgio silencia e me permite sentir todo o afeto comigo mesma. Difícil colocar em palavras esse conjunto de sensações e de *insights*. Apenas desfruto de um momento tão sublime. Me pego a sorrir, com a sensação de sorrir com o coração. Chego até a me lembrar de cenas engraçadas. O divertido é necessário, traz leveza e marca também uma emoção. Depois de um tempo, a mesma cena poderá voltar à lembrança e de novo o sorriso espontâneo vem aquecer aqui dentro como um sol que brilha a partir do coração.

Hoje foi dia de fazer pão em casa. Que delícia e prazer eu senti! Desde o momento do preparo, até perceber o aroma tão especial a exalar por toda a casa. Ninguém para o café, até que me vi ali, apenas eu, e tão feliz a não precisar de mais nada além de uma xícara de café, pãezinhos feitos por mim, manteiga e um coração livre, alegre

miolo_pensamentos_gaveta.indd 105 13/05/2022 17:03:30

e realizado. Num ponto de felicidade dentro de mim! Assim que é. Que eu leve para sempre essa sensação. Inteira ali, em plenitude; sem precisar de mais ninguém para preencher aquele momento. Mais tarde tive a visita e companhia de uma amiga que também pode saborear um pão caseirinho.

É maio de 2018. Acompanho um cortejo náutico no rio Arade com a chegada ao porto de Portimão da réplica de uma embarcação francesa de 1780. A fragata denominada Hermione. Que interessante! Eu estava por ali a caminhar e ao perceber um grande movimento de pessoas próximo ao porto, fiquei por ali a observar. Sem pressa, juntei-me àquele grupo que aguardava para ver de perto o grande navio que já se aproximava. Havia pessoas de todas as nacionalidades, sendo a maioria franceses, trajando roupas de época. Um contexto histórico e comemorativo ao Dia da Europa. Ali encontro uma amiga que também foi atraída por todo aquele movimento e que como eu ficou para conhecer a enorme caravela que marcava sua chegada em Portimão. No dia seguinte, na companhia do meu filho, pudemos visitar internamente a embarcação e conhecer um pouco da história e de seu objetivo. Para mim foi um momento mágico! Me dei conta de estar diante de uma incrível diversidade cultural. Ela permaneceu ali no porto por mais dois dias e depois seguiu seu trajeto rumo ao seu destino final. Havia cumprido uma das etapas aqui. Mais tarde, com a emoção do vivido ali, fiz uma analogia com muitas situações e experiências da vida. Tudo parte de um querer, um objetivo a ser alcançado, uma meta. Colocados os planos em ação, permanecemos o tempo necessário para que tudo se desenrole e nos permita cumprir cada detalhe do planejado e depois seguirmos em frente, assim como fez a fragata Hermione.

Um bom dia com o brilho quentinho do sol. Estou na praia sozinha, bem cedo ouvindo o mar. A água está fria. Mesmo assim, molho os meus pés.

Começo a caminhar, pegar uma cor e ficar quietinha em paz! Atenção aos sons do mar, das gaivotas e também do avião que vai se aproximando e de repente percebo que o céu fica todo colorido (como confete a cair). São os paraquedistas que saltam tão rapidamente e também chegam à praia. Quantas cenas e vidas a se moverem para lá e para cá. Isso é tão bom!

O mar sempre presente, na sua imensidão e harmonia, cumprindo sua natureza e dando tudo de si. Parece simples e é.

Tudo me encanta. Essa é a magia da vida!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 106 13/05/2022 17:03:30

Quando eu crescer, quero ser pediatra, adoro estar com as crianças! Quero cuidar delas e saber como ajudar as suas mães. Deve ser difícil ser mãe. Um dia eu também serei. Se for uma menina, será a Larissa e se for menino, Otávio. Meu sonho é viajar muito com a minha família. Ganhar asas, sair por aí em total liberdade. Será quando isso? Difícil saber. Pode tanta coisa mudar e acontecer, e eu posso nem crescer!

Como um cometa rasgando o céu na certeza de um objetivo. Senti exatamente assim quando me coloquei a realizar um sonho que já se concretizou. Ou melhor, vários sonhos!!!

Desde menina, sempre fui muito curiosa pela cozinha. Tendo duas tias maternas como bons exemplos de quem faz do dom e da arte de cozinhar uma profissão, tive muitas oportunidades de aprender com elas. Observava cada detalhe e principalmente uma dose de amor com que preparavam pratos tão bonitos e deliciosos. Escolhi uma profissão bem diferente, mas nunca deixei de praticar essa habilidade herdada, seja cozinhando no dia a dia ou partilhando com a minha família ou amigos uma receita preparada por mim. Quantos bolos e pães, até coloridos de verde e amarelo, eu fiz em época de Copa do Mundo! Sou grata por esse dom que é também um desafio de poder proporcionar à minha família e amigos uma vibração de alegria e amor por meio do ato de cozinhar.

Caramba, o que é isso? Um aperto no peito. Vontade de falar? Não sei. Acho que posso escrever até isso ficar bem. Incrível a experiência de escrever sobre um momento, uma emoção. Exercício valioso que traz muito alívio ao coração. Sigo conectada com pensamento, emoção e ação!

Sábias palavras de uma criança diante da reação da mamãe cansada, sem condições e nem vontade de preparar um jantar mais caprichado.

— Mãe, compra pão na padaria.

Que tudo! Foi o melhor e mais saboroso pão da padaria que partilhamos em família.

Novos laços de amizade, amigos que chegam pelos mais diversos caminhos. Amigos que nos despertam e nos trazem a oportunidade de refletirmos sobre nós mesmos nos vários momentos da vida. Um

miolo_pensamentos_gaveta.indd 107 13/05/2022 17:03:30

colo sempre à disposição, mesmo distante fisicamente. Considero isso um grande presente quando já reconhecemos nossa consciência para sermos cada vez melhor.

Piracicaba, cidade que me acolheu tão jovem. E foi lá que conheci o meu grande companheiro de jornada. Hoje já se passaram 40 anos. Construímos uma família e muitos momentos preciosos. São tantos que acho impossível colocar a maioria aqui. As incertezas e conflitos se fizeram presentes, mas passaram. Aprendemos tanto com nós mesmos! O desapego, o respeito, a individualidade e agora, com os mais evidentes sinais do amadurecimento, procuramos usar o bom humor e a alegria ao perceber que já não temos mais a mesma jovialidade. Mas uma coisa é certa: adoramos sair por aí em longos passeios de bicicleta pela cidade!

Mudança. Tudo faz sentido a partir de um sonho. Naturalmente há mudança de ciclo. Imita a natureza, usa o que você já tem. Há sempre ajuda no caminho!



Maria Luísa Lara Borges Ferrite é fisioterapeuta graduada pela Unimep (Universidade Metodista de Piracicaba, SP). Especializada em terapia sistêmica de família e casal pelo Instituto de Terapia de Família e Comunidade de Campinas, SP. É professora/facilitadora no projeto *Aprender a Ser* em escolas primárias no município de Lagos, Portugal. É esposa do Ovidio e mãe do Matheus. @mluisaferrite

miolo_pensamentos_gaveta.indd 108 13/05/2022 17:03:31

Maura Pereira Barbalho

Poemas

De volta para casa

Cada passo descalço
Sinto meus pés no chão
E as pegadas ficam para trás
A terra suaviza o cansaço
A coragem vem do coração
Faço só o que me apraz.

A chuva molha a terra
Umedece a sola dos pés
Sensação indescritível
Natureza sábia enterra
Velhos conceitos e adeus de vez
À rotina previsível.

O campo traz a esperança
Sou uma nova pessoa
Quando percorro distâncias
Nasce novamente a criança
Usando flores como coroa
Espalhando pelo ar suas fragrâncias.

Abraço

Os olhos se encontram, brilham.
A felicidade toma conta
De duas almas que vibram
Conhecida sintonia desponta.

Os passos continuam vagarosamente
O calor aumenta, incendeia

miolo_pensamentos_gaveta.indd 109 13/05/2022 17:03:31

Corpo espírito mente
Tríade formadora da cadeia.

Aproximamo-nos finalmente
O todo não tem importância
Apenas o instante presente
Em que cruzamos a distância.

Nós somos a prova viva
De que existe um laço
Feito a quatro mãos, divina
União abençoada por nosso abraço.

Acaso

Sua voz rouca
Palavras loucas
Que nada são
Sem a pura conexão
Se algum dia for
Arrepio
Luz
Brilho
O calor do dia
A brisa da noite
O lençol branco
A mente dia e noite trabalhando
Acordo
Lido
Durmo
Desperto vida de olhos fechados
Cansei de procurar
Achei o que queria
Enxerguei o mundo às avessas
Sorrindo te recebi
Vibram almas felizes
Voltei a escrever
Por mim
Por você
Pela vida que não acontece por acaso.

Gotas

Lá fora chove
Aqui dentro chove

Lá fora os pingos caem
Aqui dentro as lágrimas caem

Lá fora o vento castiga as folhas
Aqui dentro o sal castiga o rosto

Lá fora as estrelas aparecem
Fim da tempestade
Aqui dentro os olhos veem
O profundo azul do céu

Lá fora as gotas caem
Aqui dentro a alma se refaz

Lá fora os grilos preenchem o silêncio
Aqui dentro o coração preenche o vazio

Lá fora as gotas foram o passado
Aqui dentro outras gotas são o presente

Pim... pim... ploc... ploc...
Chuva. Lágrima. Suor. Nós!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 110 13/05/2022 17:03:31

Semente

Um grão cai.
Talvez caminhe com a brisa
À procura de terra fértil,
vermelha.
Um broto sai.
Talvez daquele grão que a brisa
deu empurrão
À procura de luz farta, amarela.
A folha surge.
Talvez do grão que deu broto na
brisa do verão
À procura de gotas d'água, azul.
Um pé sai.
Talvez do chão vermelho, sol
amarelo, água azul
À procura do fruto, laranja.
Assim caminha a vida...
Ora tranquila, ora atrevida.

Jogo de palavras

Ideias claras.
Neve
Algodão
Pasta de dente Phillips
Pensamentos escuros.
Terra
Delineador
Buraco negro
Atos criativos.
Terra coberta de neve
Algodão sujo de delineador
Buraco branco e preto

Palavras
Vindas do nada
Dizendo tudo.

Pedrinhas no chão

Pedrinhas no chão
Esbarro, pulo, olho
Pedrinhas no chão
Agacho, toco, separo
Pedrinhas no chão
Junto, desenho, escolho
Pedrinhas no chão
Conto
Uma, duas, três... dezenas
Recolho um punhado de...
Pedrinhas no chão
Quais cores?
Quais amores?
Quais nomes?
Misturo, jogo, fito
Pedrinhas no chão
Onde estou?
Para onde vou?
São apenas pedrinhas
É apenas chão
Caminho descalça
Diferentes linhas da vida
Ora pedrinha, ora chão
A mais bela caiu no vão.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 111 13/05/2022 17:03:31

Amigos

Sempre à minha volta
Cercando-me de alegria
Nesta ou naquela esquina
Onde o tempo retorna
À mente fértil e leve
De boas lembranças brilha
O sorriso que aprendi um dia
Que tanto me ilumina
Feliz sou por tudo
Feliz sou por vocês
Feliz ao descobrir
Que sou fruto do amor
Que me uniu a todos vocês.



Maura Pereira Barbalho, 54 anos, nascida em São Paulo, é professora de idiomas, tradutora e revisora de textos. Aprendeu desde cedo a escrever sobre seus sentimentos em diários; depois se viu compondo poemas na fase da inocente juventude. Agora, abraçou a oportunidade de publicar alguns deles nesta coletânea. É grata por chegar aqui e poder compartilhá-los com outros autores e leitores.
@maurapereirabarba

miolo_pensamentos_gaveta.indd 112 13/05/2022 17:03:31

Melina Alvarez Rocha

Atravessar, verbo transitivo

Quando os pensamentos não cabem mais dentro de nós, somos obrigados a colocá-los para fora mesmo sem querer. Alguns penduram os pensamentos atrás da porta, esperando o dia certo para vesti-los. E eles ficam lá, por dias, meses e anos, encarando seus criadores toda vez que uma porta se fecha. Outros tiram alguns pensamentos para um banho de sol, para logo aprisioná-los novamente. Outras pessoas, talvez as mais felizes, pegam seus pensamentos preferidos pelas mãos como convite para um passeio. E, se um dia desistem de andar lado a lado, se despedem carinhosamente e deixam seus pensamentos correrem livres pelo mundo – porque não há melhor forma de celebrar o fim de uma relação que já proporcionou tudo que podia.

Aos 15 anos meu irmão me definiu como uma garota que pensava para caramba sobre coisas demais. Faltou completar que eu não sabia o que fazer com isso. Deixava que alguns pensamentos caminhassem do lado de fora, sem nunca ser corajosa o suficiente para segui-los. Perdi muitos pensamentos assim, ficando apenas o mais sincero deles. Acredito que ele tenha nascido em alguma tarde despretensiosa de sábado quando ainda era criança e que foi crescendo comigo. Acompanhou meus passos, nunca impôs sua força. Me deixou viver o que precisava ser vivido, ainda que não tenha ficado quietinho todo o tempo. Havia feito cócegas em diversos momentos (in)oportunos e (im)pertinentes. Um dia, pensamento e eu deitados na grama, ele decide que era sua hora e se convida a sentar-se ali comigo: "O que faremos com essa enjaulada vontade de viver?"

Sempre soube que era forte, mas nunca havia me posto à prova até essa conversa. Alguns chamam de instinto, consciência, vocação ou destino, mas há partes de nós que, ainda que se calem, nunca nos abandonam. Nossa essência nos chama todos os dias sob a forma de incômodo, inquietação, sonhos ou pensamentos. Quanto mais nos distanciamos dela, mais ela grita. Quanto mais nos despedimos do que acreditamos ser nosso alicerce, mais compreendemos que os verdadeiros

miolo_pensamentos_gaveta.indd 113 13/05/2022 17:03:31

pilares moram dentro de nós. E não há como soprar a poeira de sonhos guardados sem fazer sujeira. Não há como pedir a quem só sonha que ajude na limpeza. Assim começa um desfazer-se de hábitos, verdades cegas, sonhos emprestados, relações fora do prazo de validade, apegos mesquinhos, passados mal-vividos, dores amigas e o que mais estiver pelo caminho. Se desfazer para descobrir que nenhuma dor e nenhum amor forasteiros serão capazes de nos tornar melhores ou mais fortes do que amor e cuidado que fazem morada por dentro. Lá as respostas cantavam o tempo todo, mas o barulho dos outros talvez estivesse alto demais para que pudéssemos ouví-las. Por vezes vai faltar coragem e os medos farão visita, mas sempre amanhece.

Verdade seja dita aos berros: de tudo, o que não passa é a fome de escolher a própria vida. Ela vai gritar no seu ouvido alguns dias, sussurrar em outros e sentar-se ao seu lado se você deixar. Ou você faz as pazes com ela, a pega pelas mãos e escuta o que ela tem a dizer ou capricha nas viseiras, turbina os fones de ouvido e sobrevive com o que restar para ser vivido.

Travessia, substantivo feminino

Tenho pensado muito sobre com quantos paus se faz um lar-canoa. Muitas famílias brasileiras nasceram de um cruzar de mares. O que buscavam aqui tataravós e bisavós que vieram por opção, não escravidão? Deixaram terras, casas e famílias para se arriscarem por lugares que não conheciam. Viajavam por semanas em navios desconfortáveis sem nada além da própria imaginação como referencial da nova pátria. Muitos não falavam português, se viam forçados a mudar seus nomes ao chegar ou perdiam parte da família ainda na viagem, desembarcando no novo mundo com o coração pela metade. Uns vinham por escolha, outros por desespero. Fugiam da fome, da pobreza, do passado. Vinham por necessidade, sonho, ambição ou loucura, mas nunca por inércia. Ninguém atravessa um oceano para seguir vivendo a mesma vida ou para evitar a indigestão de uma briga. Eles vieram, nós estamos aqui. E, em nós, tanto deles. As receitas de família, as tradições, as expressões emprestadas de outras línguas,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 114 13/05/2022 17:03:31

as memórias deles que viraram histórias para nós. Histórias que, em alguns, viram semente.

Nos últimos meses escutei de diversas formas diferentes a mesma pergunta: por que você quer ir embora se a sua vida aqui é boa? Escutei tanto que acabei por me fazer a mesma pergunta inúmeras vezes. E aqui preciso dar o braço a torcer e admitir que o traço curioso e linguarudo que tanto me incomoda na cultura brasileira lançou luz ao que sempre esteve por trás da minha vontade de viajar: eu vou porque aqui já não faço mais planos. Parece conversa fiada, mas quando não há muito mais além dos seres amados depois da próxima curva da vida é hora de ligar o pisca-alerta, encostar o carro e ajustar o GPS. Além do meu imenso amor pelas pessoas por quem daria minha vida, aqui já não há nada para mim. E nenhum jardineiro deveria guardar suas próprias sementes no bolso e viver em um jardim em que todas as flores florescem para os outros. A vida, por si só, deixa de florir.

É nesse ponto que frequentemente se ouve – fazendo jus àquela curiosidade brasileira – que mudar não é uma decisão de amor, mas de egoísmo. Seria mesmo? O amor sempre é um dos motivos mais assertivos para ficar ou voltar ou lutar ou tentar. Dentre a infinidade de verbos que poderiam andar por aí de braços dados com amar, um dos pares mais promissores é o encontro de amar & buscar. Ser leal ao amor é partir por aí em busca do que mereça ser amado. Pode ser a busca por uma carreira, uma casa, um lugar ao sol, uma saída, uma reconciliação, um recomeço. Justamente por isso não me parece nada coerente encarar como egoísmo alguém que escolhe amar as curvas e as flores da própria vida.

É como se, dentro da inércia, existisse uma pedrinha embaixo do pé que nos forçasse a tirar os sapatos. Está tudo certo: um bom emprego, um bom salário, uma boa cidade, uma boa casa, boa comida aos finais de semana, alguns bons lugares para conhecer, alguns almoços em família e um casamento feliz. Está tudo certo demais! Tanto que a pedrinha no sapato continua. Você tira os sapatos, deixa as meias e pede uma comida diferente para o jantar. Nada. Tira as meias, coloca um dos pés para o alto e decide passar o final de semana em uma pousada nas montanhas. Ainda não parou de incomodar! E aí, você caminha. Se movimenta e começa a perceber que caminhar ajuda. Talvez não cure, talvez volte a incomodar quando parar, mas ajuda.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 115 13/05/2022 17:03:31

Agora, na próxima curva, não está apenas o que sinto por quem amo – o que é muito. Está também meu amor pela busca. E fico pensando se talvez, respeitando todas as proporções de geração e realidade, o amor pela busca e a pedrinha no pé que só se dissolve ao caminhar também não foram parte do que fez nossos antepassados emigrarem. Dar sentido à própria vida nunca será despedida, sempre será busca. Solitária e assistida. Devemos ser jardineiros nas curvas e flores da nossa própria existência.

Melina Alvarez Rocha. O ano era 1987. Nascia Melina. Alvarez da mãe, Rocha do pai. Quando veio ao mundo já tinha apelido: queriam que a chamassem de Mel. Já nasceu acreditando que precisava ser doce. Nem sempre era – e aprendeu a viver com isso. Cresceu na cozinha da avó, no jardim do avô e dividindo colos amorosos com os irmãos. Escrevia, desenhava, dançava, imaginava, teimava, gritava e chorava como todas as meninas que nascem sendo mel mas também rocha. Estudou Artes Visuais em uma universidade que alimentava seus pensamentos, conheceu o mundo aos 27 anos. Juntou os passaportes com o amor. Morou em nove cidades, em três países e em muitos livros. Não sabe quando se apaixonou por idiomas. Ensina inglês, traduz quando dá tempo, ensaia começar a escrever desde os sete anos e continua buscando um lugar para chamar de seu no mundo.



@_melinaalvarez
@teacher.tradutora.viajante

miolo_pensamentos_gaveta.indd 116 13/05/2022 17:03:31

Mercedes Rossi Alvarez

Carta de amor para uma menina triste

Cada um de nós é um grande milagre. Para estarmos aqui, milhões de milagres tiveram de acontecer. Desde o início do universo, e em cada encontro entre um homem e uma mulher que gerou uma criança, o milagre da vida se fez. Um milagre irrepetível.

Cada um de nós é único e, como ser único, trazemos também uma missão a realizar. Então, por que é tão difícil para nós sermos exatamente quem somos? Por que fazemos escolhas segundo valores e desejos de outras pessoas? Por que tentamos ser o que não somos, imitando – até inconscientemente – uma outra pessoa?

Quanto perdemos com isso! Jogamos fora o que há de mais precioso, que é a nossa unicidade, para muitas vezes nos tornarmos tristes e horrendas caricaturas de nós mesmos.

É preciso que nos tornemos quem somos. Assim, ao fim da vida não terá ficado apenas o sabor amargo de uma vida não vivida por termos sido apenas personagens de uma história que não foi escrita por nós.

É para tentar encontrar uma resposta para essas questões tão doloridas, que senti a necessidade de escrever uma carta. Uma carta de amor para uma menina triste. Aquela menina que eu fui, e que ainda vive em mim. Uma menina tantas vezes assustada, confusa, indecisa, com medo, com raiva, se sentindo inferior, ignorada, menosprezada, deslocada, mal compreendida...

Ao longo da vida tentei andar de mãos dadas com a menina que fui. Procurei ser fiel aos seus sonhos, seus ideais, suas buscas mais profundas. Nem sempre consegui. Acabei traindo-a muitas vezes quando busquei o caminho mais fácil, menos doloroso, mais adequado ou mais aceito.

Talvez uma das frases proferidas por minha mãe, referindo-se a mim durante uma conversa, quando eu devia ter entre cinco ou seis anos de idade, tenha sido a que mais me marcou e que moldou de algum modo as escolhas que inconscientemente eu fiz dali em diante. Ela disse:

— Ela é uma santa, brinca sozinha e não dá trabalho.

Talvez eu tenha acreditado que tinha de ser sempre assim: uma menina boazinha, uma *santa*, que sabe brincar sozinha sem dar trabalho!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 117 13/05/2022 17:03:31

É para essa menininha que eu quero escrever essa carta de amor. Mais do que nunca, aquela menininha que fui precisa saber que é amada como é, mesmo quando não é boazinha, mesmo quando dá trabalho, mesmo quando não aceita o que é conveniente apenas para o outro, seja esse outro quem for.

Olá, minha querida,

Sei que você anda triste. Sei que há momentos em que você tem vontade de se encolher num cantinho do quarto com sua boneca, a Maria Joana, e se esquecer de que existe um mundo lá fora.

Também sei que você se sente inadequada, embora não saiba muito bem o que isso significa, só sabe sentir. É como se nenhum lugar no mundo fosse realmente seu, ou tivesse deixado de ser quando beijou a testa fria do vovô Nicolau sem entender porque ele estava ali, naquele caixão. Talvez naquele momento o mundo tenha deixado de ser um lugar seguro, aconchegante e mágico.

Demorou muitos anos para que essa dor fosse compreendida e ressignificada. Você havia perdido seu grande amor, sua maior fonte de aprovação, o colo amoroso, a voz que contava histórias cheias de mistérios.

Sei que você sentiu uma dor estranha na barriga no primeiro dia de aula. Era medo do desconhecido. Mesmo assim você foi corajosa, e dali para a frente foi sempre uma aluna aplicada, comportada, estudiosa.

Também sei que sentiu muito medo, e vergonha, quando desobedeceu a mamãe e acabou se ferindo, fazendo um grande corte na perna por ter ido brincar na construção onde havia sido proibida de ir.

Sabe, menininha – hoje eu sei que você sabe, porque estudou muito sobre isso – todos temos nossos fantasminhas, demoniozinhos que moram dentro de nós, num lugar escuro onde ficam escondidos, prontos para atacar quando algo, alguém ou alguma situação os provoca. Não temos controle sobre eles, a menos que os conheçamos, que aprendamos seus truques e estratégias, um aprendizado que não é fácil, nem rápido, nem indolor...

Esses demônios e fantasmas de estimação podem permanecer calados por muitos anos, amordaçados, amarrados aos valores impostos pelas crenças enraizadas em nós das mais diferentes formas. Mas, eles vão nos devorando por dentro, então, qual

miolo_pensamentos_gaveta.indd 118 13/05/2022 17:03:31

a vantagem de os prendermos? Pensando nisso foi que me dei conta de que não dá para ser boazinha e compreensiva o tempo todo, sem que nos machuquemos.

Tenho pensado muito em tudo o que vem acontecendo, aqui e no mundo: tragédias, desastres ambientais, escândalos, conflitos de todas as ordens. Sei que tudo isso a assusta muito, a faz perder a confiança na humanidade, porque parece que o mundo enlouqueceu, que as pessoas estão enlouquecendo!

Eu sei que você, mesmo pequena, sempre pensou muito nisso tudo! Lembra da primeira vez que comprou um detergente? Você devia ter uns nove anos, e se perguntou se aquilo não faria mal ao meio ambiente. E estávamos ainda no final dos anos 60! Desde então, quantas mudanças aconteceram! E você acompanhou tudo com olhinhos cheios de medo, embora bem no fundo tivesse esperança de que a humanidade, afinal, devia saber o que estava fazendo.

Você confiava muito na ciência, tanto que desistiu do sonho de ser professora e decidiu ser cientista. Aos 17 anos prestou vestibular e foi aprovada em farmácia e bioquímica. Queria ser pesquisadora. O sonho durou pouco, a vida a levou por outros caminhos. Essa é uma história longa, que deixou feridas bem fundas, mas que você já conseguiu curar.

Sei, menininha, que você se pergunta se ainda existe saída. Se a humanidade e seus líderes conseguirão reverter a destruição do meio ambiente. Se o ser humano conseguirá criar novas bases que assegurem a sobrevivência em meio à diversidade, em condições de liberdade, igualdade e fraternidade. Sim, você se pergunta isso desde a mais tenra idade, ainda que usasse palavras mais simples, ou nem usasse palavras, apenas sentisse difusas apreensões.

Você se pergunta: "Se existe um Deus, Ele atuará de modo a impedir que nos destruamos?"

Lembro-me de você ter se perguntado, ainda muito pequena: "Por que temos de rezar e pedir a Deus que nos proteja ou auxilie, se Ele é onipotente, onipresente e onisciente?"

Sei que você acredita que o destino do mundo e da humanidade depende de cada um de nós, por isso é que temos de manter acesa a nossa luz.

Tenho tantas coisas para lhe dizer, pois sei que é da sua pureza, da sua alegria, da sua coerência e compaixão que virá a minha própria salvação, a redenção dos erros acumulados ao longo da vida, erros cometidos quando buscava a minha essência, meu Eu verdadeiro.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 119 13/05/2022 17:03:31

Bem tarde na vida eu deixei você, menininha, tocar minha alma e soprar as verdades que tinha medo de ouvir. Foi quando cortei amarras, derrubei pretensas certezas, deixei de obedecer a pactos infelizes e comecei a trilhar novos caminhos. Não sem dor, não sem medo, não sem alguma culpa.

Nesse novo jeito de caminhar pela vida, não deixei de sofrer, de me decepcionar, me magoar, mas aprendi a respeitar quem sou. E nessa pessoa que hoje sou, na mulher que me tornei, você, menininha, é a maior e melhor parte.

Foi para ser quem sou, verdadeiramente, que "rompi tratados e traí os ritos", como cantavam os Secos e Molhados nos distantes anos da minha adolescência.

Torço e rezo para que alguma luz seja lançada e possamos ter esperança de novo, num amanhã mais justo e mais belo do que o que estamos vivendo. Enquanto isso, me delicio com os momentos de alegria, carinho e paz com meus filhos amados, minha neta linda, meus poucos e bons amigos.

Ainda há esperança, menininha, apesar de tudo. E ela mora onde sempre morou: no amor. E o amor começa em você".



Foto: Letícia Alvarez Rocha

Mercedes Rossi Alvarez é psicóloga especializada em Psicologia Analítica Junguiana pela Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e em Arteterapia aplicada pela Universidade Paulista (UNIP). Graduada em Farmácia e Bioquímica pela Universidade de São Paulo (USP). Atuou como farmacêutica em indústria e farmácia comercial, e como psicóloga em consultório particular e saúde pública (Ambulatório de Saúde Mental, CAPS-álcool e drogas e programa DST-AIDS). É mãe do Renê, da Melina e da Letícia e avó da Clarissa. Sagitariana, amante de viagens (exteriores e interiores).
@mer_alvarezz

miolo_pensamentos_gaveta.indd 120 13/05/2022 17:03:32

Mitzi Pacheco Nunes

Um caminho novo

— Para tudo!

— Um doce pelo seu pensamento!

— Mas, qual é o doce?

— Brincadeira… Só pela sugestão de compra do pensamento, pois o doce continua valendo!

Doces pensamentos guardados embrulhadinhos na gaveta.

Bem embrulhadinhos se conservam por anos e anos. É certo que, ao abri-los, as marcas do tempo desenharão gavetas imaginárias entre um trecho e outro – afinal, de tão guardados, aprenderam a autoproteção dos dados – sim, o papel está bem-marcado pelas dobras. Periga até, se muito antigo, deteriorar-se ao abrir – ou que se rasgue antes de ser lido.

Alerta de perigo!

Quantos pensamentos acumulamos nas gavetas?

Quantos esquecemos no fundo delas, de tanto que sobrecarregamos sua capacidade de armazenamento?

Sabe quando o que está desorganizando o ambiente que enxergamos, escondemos em compartimentos? E, no frenético corre-corre dos dias, abarrotamos em espaços. Escolhemos engavetar, amassar e fechar as potencialidades imaginadas.

O que parece mais simples no momento pode lhe prender, lhe paralisar mais tarde.

Hora de abrir a gaveta e libertar da *segurança* aquele pensamento que um dia lhe pertenceu e, agora, de tanto que estava confinado, quase desapareceu... Afinal, crescemos, evoluímos, nos adaptamos, mudamos de ideias, amadurecemos...

Hora de desengavetar!

Um convite como esse pode ser o suficiente para você, se assim for, agarre-o, tal qual fiz, que de tão apaixonante a ideia, me esqueci até que de um livro ainda não havia participado!

Sim, muito acertado afirmar que esse pensamento cogitei, no mais profundo querer. Talvez lampejos de leitora, quando encantada com a harmonia das palavras de autores lidos. Mas, guardado, preservava-se

miolo_pensamentos_gaveta.indd 121 13/05/2022 17:03:32

até o momento que, aqui, escrevo.

E, para mantermos uma cumplicidade nessa realização, peço sua licença (e a poética), para ocupar seu tempo nos próximos minutos... Sua presença nessa leitura já faz parte da minha história. Obrigada!

Em toda boa estreia, uma apresentação artística faz a diferença. Sinta o ritmo...

A música suave, lentamente se inicia...
O casal de dançarinos aguarda, em sua pose, o momento...
O ritmo é envolvente e, aos poucos, vai dominando os dois e cativando atenções...
Num rodopio perfeito, a sincronia dos passos bem ensaiados...
Deslizam e em muitos momentos flutuam pela pista...
Indo e vindo...
Indo e vindo...
Luzes brilham por todo o caminho, parecem dançar também...
Os movimentos admirados por todos seguem por toda a música...
Brilhante e mágico resumem o show!

Ritmo suave é um pensamento de 2014.

Sabe aquele momento em que vislumbramos uma cena, vivenciamos algo, bom ou nem tanto, que paramos para refletir e que gera um pensamento escrito?

Certamente pensamos com as palavras escritas, ou melhor, escrevemos o que pensamos numa forma de traduzirmos sentimentos. Aquilo que de um jeito ou de outro, marcante, extrapolou barreiras das ponderações e ganhou um espaço só dele.

Sussurro entrou para o rol dos pensamentos escritos em 2015:

O que liga um ao outro? Um fio.
Quem sabe um fio bem tênue.
Quase imperceptível, facilmente negligenciado.
Incivilidade incontida!
Que o reduz a pó e que se esvai... Vai...
Qual o destino? Não sabemos.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 122 13/05/2022 17:03:32

Ou até sabemos, mas pela teimosia peculiar,
insistimos na miopia embaçada.
Por que não um fio consistente?
Daquele que consiste e insiste em unir o individual, que tece...
Interlaça continuadamente, em movimentos harmônicos;
não únicos, coletivos.
Mesmo refazendo pontos assimétricos, não perfeitos...
Porém, vinculados sempre!



E quanto ao verdadeiro transbordar do *tudo de bom*?

Quando tudo o que queremos e precisamos é: um pulo bem na felicidade!

Mais ou menos da mesma época do pensamento anterior, porém com uma calda muito doce, que transborda puro amor.

Todos juntos.

Apertem os cintos! Principalmente os pequenos no banco de trás.

Lanche presente. Ok!

Qual é a via do roteiro? Pouco importa o nome, o traçado já está na memória de quem o conduz.

A paisagem contribui para o cenário perfeito!

Verde, florido...

Por onde andam os animais das placas de atenção? Aliás, trocaram o personagem dessas. Claro, muito provavelmente, aproveitam o habitat que lhes cabem e os seus.

Ah! Os Nossos! Todos juntos!

O frescor vai anunciando que o inverno também veio, chegou primeiro. Que maravilha!

Pode chegar. Chegamos.

Agora, manter o foco.

Que foco? Todos os que nos movem, nos acrescentam, nos completam...

Registro? Pertinente!

Que seja em todos os ângulos, principalmente no interno, no coração.

Não dá para ficar inerte às paisagens, às belezas do natural, dos momentos.

O que importa? Tudo. Todos juntos!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 123 13/05/2022 17:03:32

É só um pulo... um pulo na felicidade!

De pulo em pulo saltitamos pelas felicidades – felicidades nossas, felicidades dos nossos.

Idealizamos um lugar novo a visitar, um objetivo a ser alcançado, mas devido à expectativa demasiada, muitas vezes não percebemos que caminhamos entre potenciais bons momentos.

Como dizem: o melhor da festa é esperar por ela, concordo (na maioria das vezes). Num grande afã de alcançarmos algo desejado, podemos incorrer no erro de não enxergarmos cada pequena conquista, a realização das pequenas felicidades!

Um adendo aqui! Seja dito de passagem (ou perguntado): já experimentou ficar feliz com a realização do outro? Essa sensação única nos invade quando vibramos pelo outro. Sentimento puro transformador, que nos conduz a pensamentos bons.

Obrigada, Filha; obrigada, Filho, por me concederem essa possibilidade! Ah, os Nossos!

Por falar em saltitar, aparentando mudar de assunto, porém trazendo um pensamento bem atual para mim, e muito em voga e essencial, pergunto: o que nos movimenta?

Deparei-me com essa questão recentemente.

O que nos resgata do estado contínuo de remanso é o próprio movimento, penso eu. Seja o movimento físico, seja o mental, que não nos deixa parar no tempo. Ambos, vitais para nós.

Várias são as oportunidades ao nosso alcance. A internet, bem mais acessível, pode nos fornecer conteúdos diversos, conhecimentos que antes somente em bibliotecas (adoro uma!) ou em cursos pagos, por exemplo.

O movimento pelo movimento.

A continuidade dos estímulos faz o desenvolvimento que precisamos para não enferrujarmos e move as engrenagens que necessitamos para interagirmos bem com o tempo.

Sigo buscando-os sempre. Admito que o meu movimento físico ainda está em conquista!

Pensamentos. Pensamentos. Sejam antigos ou novos. Guardados nas gavetas do armário, nas caixinhas de recordação ou nas gavetinhas[4] da mente. Dentro da memória interna ou do coração, eles compõem a nossa existência.

4 *Gavetinhas* – é uma referência aos meus filhos, do tempo que eram pequenos e estudávamos juntos. Após o dia de estudo, na hora de dormir a frase se repetia: "Durma para organizar as *gavetinhas* da memória. Boa noite!". E funcionava!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 124 13/05/2022 17:03:32

Afinal, *cogito, ergo sum* (do latim: penso, logo existo), já pensava René, o Descartes.

Sim, penso! Pensamos nós, sobre todas as coisas. Transformo em palavras, escrevo, guardo. Ou não, apenas guardo. Com eles vou formando ideias, conceitos sobre mim, tudo e todos. Sigo movimentando questões e lapidando conclusões.

Sim, existo! Existo e construo! Existimos!

Somos o que pensamos. Somos o que guardamos e carregamos dentro de nós. Somos importantes! Cada um do seu jeito, com seu talento (todos têm!). Cada um no seu tempo, no seu formato. Individualidades que formam coletivos. Coletivos que constroem, movimentam...

Bons movimentos, evolução dos tempos, dos nossos e novos tempos.

Penso nisso! Reflitamos sobre isso!

Mitzi Pacheco Nunes é da cidade do Rio de Janeiro, do tempo em que as brincadeiras, muito divertidas, aconteciam fora dos celulares e os livros eram de papel. Normalista, formou-se pelo CE Heitor Lira, flertou com a Literatura pela UERJ, mas o Direito, que já havia iniciado anteriormente, a chamou de volta. Formou-se pela Universidade Gama Filho, nos tempos áureos dessa. Trabalhou com joias em grandes empresas, com *joias* (alunos) na prefeitura do Rio de Janeiro, como advogada e conciliadora no Tribunal de Justiça do Rio de Janeiro e colabora na representação comercial de um grande produto. Mãe de Monique e Roan, melhores prêmios da sua vida! Segue experimentando suas possibilidades, mesclando conhecimentos adquiridos, expandindo horizontes.
@mitzinunes



Foto: Roan Nunes

miolo_pensamentos_gaveta.indd 125 13/05/2022 17:03:32

Um homem vil

Ela era escrava de mim. Não eu dela. Eu podia falar o que quisesse, ela não. Eu podia ser quem eu quisesse, ela não. Apesar de todas as tentativas, eu achava que ela poderia – ou talvez deveria – se libertar de mim, mas tudo era confortável desse modo. Tudo é confortável quando preso. A minha rotina, milimetrada, sempre me deu a certeza de quem eu era, e, sobretudo, de quem ela não poderia ser. Enquanto eu mantinha a unhas e garras todos os meus compromissos delineados e em fronteira com os dela, eu tinha certa diligência em ser mais forte, em estar mais organizado e, portanto, controlado. As planilhas de atribuições diárias, colocadas em evidência para quem quer que entre na minha diminuta casa, são uma mostra do meu poderio. Do quanto a minha vida está feita numa ordem onde não entra o desvario. O caos e a desordem estão lá. Lá fora. Quando ela manifesta qualquer desagrado, dou-lhe muitos carinhos e mimos. Carinhos, para mim, são dados somente em casos de necessidade. Tenho algumas vontades incontidas. Gostaria de saber cavalgar. Subir num animal selvagem e deixar-me, em pelo, deslizar no seu torso sem rédeas. Deslizar nos pastos longínquos sem exatidão. E sem ela.

De todas as mulheres pelas quais me apaixonei, era ela a mais dócil. Suas ferrugens eram fáceis de engrenar. Ela sempre usou roupas de tecidos naturais, vestia calças de linho e peças mais largas. Olhos pequenos. Banhava-se como quem brinca. Alimentava-se pouco, e sempre se dava a qualquer exagero. Não gosto de quem bebe. Acho vulgar e improvável. De minha parte, nunca são vistos gestos descabidos. Não me envolvo em alegrias. Não sou um desavisado. Estudei para isso, obrigado.

Ela, por sua vez, delineava vícios. Gostava de cantar e sua voz brilhava de noite. Não havia protesto vertiginoso que a fazia parar. Sua voz brilhava e eu decidia me calar, arguto. Seus delírios noturnos, quase diários, vertiam sangue em mim. Era como se eu estivesse pregado em praça pública enquanto ela cantasse no coreto 'matem o homem vil, matem o meu algoz', gritando como uma bruxa o seu malfadado destino.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 126 13/05/2022 17:03:32

Quando ela chegava, pela manhã, o café coava. Como o cheiro de uísque me enojava, evitávamos qualquer encontro dentro da casa. Ela entrava por uma porta independente e ia direto para o quarto. Ela não sabia, mas tomava o café com um suor que não descia pelo meu rosto. As gotas, paradas na parte alta de minha testa, tremiam de ódio. Acabavam desfazendo-se, sem escorrer. Ou então eu as enxugava com um lenço, a fim de dar cabo nelas. Eu nunca as deixava temperar meu café.

De noite, no bar, eu sonhava.
Tinha exímios pensamentos, perfeitos, exatos.
Como numa fonte pura, de onde tudo se jorra, menos suspeitas.
Tudo em mim soprava e, tomada por esse fluxo, via beleza.
Somente via e sentia.
O meu estupor era sentir-me parte disso, indissociável.
E eu via a beleza do mundo, estupenda.
A cortina de veludo.
O balcão.
A precisão do barman.
Poderia ficar horas assistindo-o trabalhar.
Seus gestos rápidos e a equação perfeita de cada ingrediente.
Seu apreço por cada drink feito, e sua duração...
um segundo de apreciação e o próximo começava.
Num interminável jogo em que a razão
e o sentido se combinavam perfeitamente.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 127 13/05/2022 17:03:32

O meu dia começava assim. Engavetando mágoas. Com os olhos tremendo, as pálpebras involuntárias movendo-se, sugerindo, desavisadamente, que não havia o que fazer. O meu dia começava perdido. O que fazer, então? Deixar-me perder por entre o funcionamento das coisas, o mecanismo cotidiano aleatório prescinde da minha interferência. Mas as tarefas, por dia da semana e horário, deviam ser executadas. A execução é minha arma. Não escolhi ser assim. Simplesmente fui me tornando rito, rígido, um tanto soberbo. Não sinto espécie alguma de altruísmo. Acho que doar-se, ser complacente e solidário é para pessoas que precisam de ajuda. Quem é forte não aceita nada. Não pede. Não doa. Assim, jamais tive dívidas de qualquer ordem.

Há um detalhe pouco mencionado. Eu não tenho rédeas. Meu cabresto é imposto por mim.

À margem do cais

No cais do porto não há árvores. Tem homens e armazéns. Tem um muro que mal separa o mundo das alturas dos contêineres coloridos. Tem a soja, que pode parecer caspa caída do cabelo em cima da blusa; e faz um pó branco nas casas. O cão, cheio de musgo. Tudo acontece muito lentamente.

— São mais de vinte quilômetros — disse-me o atendente da padaria.

— Será que é perigoso? — pergunto.

Ninguém diz que sim, ninguém diz que não. Sendo declaradamente perigoso ou não, andar na fronteira do cais é ermo, mesmo de dia. Passam caminhões, carretas. E homens.

Nos galpões, contêineres vazios. Penso na pergunta mais óbvia que poderia ser feita ali. (Qual seria?). O que os contêineres carregam? Para não fazer uma pergunta difícil e ficar sem resposta, pensei nessa. Mas também fiquei sem resposta.

Também pergunto na associação de caminhoneiros temas mais políticos, MP dos Portos etc. Descubro que estou falando com o homem que vende café, um negro com lábio superior inchado que esconde seus dentes.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 128 13/05/2022 17:03:32

— Olha — ele disse — Aqui eu ouço muita coisa, mas esqueço de tudo.

A testemunha perfeita, penso. O rapaz do seu lado concorda como se o homem estivesse no palco pregando uma verdade absoluta que merecia uma ajoelhada cabisbaixa dizendo:

— Sim, senhor.

Tudo enferruja aqui. Há muitas carcaças de caminhões, pedaços de carretas, as partes incompletas ficam ali, estátuas aduaneiras. No muro, a fronteira do mundo com o porto, há desenhos de trabalhadores felizes e frases bonitas sobre qualidade de vida e igualdade entre os sexos. Ando com os braços cruzados e com uma jaqueta anos 80 que ganhei do meu irmão escondendo o bloco e a caneta. Um estivador tomando o café morosamente se vira quando passo. Não me dá escapatória, o seu olhar não é difuso. Encolho-me. Pouco ônibus, pouco táxi, mapeio o terreno para uma possível fuga.

Vinte e dois quilômetros de morosidade grandiloquente. Passo ao lado de um contêiner. Para atravessá-lo, demoro exatos 18 passos. Ninguém me responde o que há dentro deles. A internet deve me ajudar, além das obviedades logísticas.

Lugar onde nada é, a passagem pela margem do porto, longe dos seus remetentes, longe dos destinatários. Em trânsito, em espera lenta, quase enferrujada. A maresia ralenta meu pensamento, surge um ônibus e decido pegá-lo. Qualquer outro lugar será menos rarefeito.

Paula Corrêa é escritora, poeta e jornalista paulistana. Tem três livros publicados: *In vitro*, lançado em 2004 e *As calotas não me protegem do sol*, de 2010, ambos de forma independente. Em 2013, publicou *Tudo o que mãe diz é sagrado* pela editora Leya, com quarta capa de Eliane Brum e Ignácio de Loyola Brandão. Seus contos e crônicas já foram publicados em revistas literárias e sites como a Carta Capital. Tem uma empresa de comunicação, a Buriti Comunicação. Mãe do Pedro.
@paulacorrea11



Foto: Fernando Cavalcanti

miolo_pensamentos_gaveta.indd 129 13/05/2022 17:03:32

Partidas doloridas

Entre os impostos da vida, um dos mais sofridos é quando enfrentamos a partida de pessoas queridas: ante situações desse tipo nossa paz interior é ameaçada pela saudade, insegurança e sensação de desamparo.

A perda de pessoas queridas pode nos encontrar a qualquer momento e ninguém sabe quando receberá alta desse imenso complexo hospitalar chamado planeta Terra.

A vida continua hospital afora e é muito mais ampla, feliz e completa para todos que são liberados após seu período de internação por aqui, mas o problema é que a alta médica vem na forma de certidão de óbito e com isso ficamos tristes ante a perda de nosso ente querido, quando na realidade ele foi liberado para voltar para casa, onde poderá viver em plena liberdade.

Nossa vida por aqui é muito facilitada pelo carinho e compreensão das pessoas às quais nos afeiçoamos; elas fazem parte da equipe que Deus traz para nos dar momentos felizes nessa rotina hospitalar permeada tanto de meias alegrias, quanto de conquistas redentoras, rotina que inclui, não raro, terapias dolorosas nas quais amplas parcelas de angústia, dor e desprendimento forçado são normalmente necessárias.

— Se não dói, não sara... — disse uma vez meu avô Afonso enquanto assoprava o curativo que fazia logo após passar mertiolate no baita corte que surgira em meu joelho ao cair da bicicleta alguns momentos antes.

Eu tinha sete anos, sangrava e doía muito; quando passava mertiolate ardia pra burro, mas quando ele assoprava ardia menos; ele conversava comigo enquanto fazia o curativo e assim eu ia ficando menos impressionado com aquele sangue todo.

Manobrei errado e caí da bicicleta em cima de uns cacos de vidro; abriu um *táio no meu joêio*, como dizia a turma de Sorocaba naquela época.

Manhã de terça-feira, quase seis anos depois; meu avô recebeu alta e foi liberado da vida orgânica. Eu tinha 13 anos. Sofri muito. Aos 39 perdi minha mãe, aos 41 meu pai e aos 48 foi a vez de ver meu irmão partir.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 130 13/05/2022 17:03:33

Em cada uma dessas perdas senti uma dor psíquica intensa, uma miopia de percepção do mundo e um confinamento numa cela de chumbo; vivi então tsunamis de emoções inéditos em minha vida.

Meu coração sangrou por anos, o tempo fez a dor sair da posição de protagonista e aninhar-se nos bastidores.

Ainda choro, especialmente quando leio cartas ou vejo a foto de cada um deles.

Hoje converso com minha mãe, meu pai, meu irmão, meu avô e com outras tantas almas queridas no silêncio e, chego até a sorrir quando as memórias sobem do coração e brotam em minha mente.

Perder pai ou mãe nos torna mais velhos e entre a dor da perda e a doçura das memórias é que entendemos quando começa a vida adulta.

Não ter mais pai nem mãe me transforma num órfão total e a ideia de não ser mais filho muda minha posição na ordem do mundo; perder um irmão sinaliza que minha distância do muro da vida é bem menor do que imaginava.

E agora que a fila andou, a quem posso recorrer com a certeza do amor incondicional?

Nunca tive qualquer medo de morrer, jamais duvidei que sou pó e ao pó retornarei e me lembro sempre da citação de Epicuro que diz: "Preciso honestamente viver e honestamente morrer".

A dor da perda é a alegria da vida com sinal trocado, muito amor gera também ausência que punge e pior seria não ter amor a perder e nenhuma lembrança a celebrar.

Quando as doenças tomaram minha mãe, meu pai e, alguns anos depois, meu irmão, cercamos cada um deles de cuidados intensos, da mesma forma como cada um deles nos ensinou com seu exemplo.

Cada um deles viveu seus últimos anos de forma feliz, mesmo que sob a vigilância severa do lobo sorrateiro da fragilidade física; me arrisco a dizer que seus sonhos foram cumpridos e que seus destinos foram visitados pelas bênçãos de Deus. Meus queridos saíram desse mundo não antes de terem experimentado o gosto da felicidade.

Minha mãe e meu pai viram os filhos crescer e acompanharam, emocionados e prestativos, a chegada dos netos; meu irmão teve a chance de ver suas filhas se estabilizarem na vida.

Mas a lição principal é fazer o melhor que puder para seu pai, sua mãe e seus irmãos em vida, evitando aumentar a dor da morte com a pungência do remorso.

Só há tempo hoje, depois passa.

Consegui dizer a cada um deles, infinitas vezes, o quanto os amava e fico contente em poder ter demonstrado com meu coração, meu cérebro, meu tempo e minha carteira o quanto cada um deles tinha

miolo_pensamentos_gaveta.indd 131 13/05/2022 17:03:33

posição fundamental em minha vida; sem ao menos esse consolo, o momento do adeus teria sido insuportável.

Na UTI, poucas horas antes da partida de cada um deles, disse-lhes o quanto os amava e dei-lhes o meu *muito obrigado*, as únicas expressões de gratidão realmente importantes.

Em menos de dez anos, partidas doloridas tiraram do meu convívio pessoas cujo legado minha gratidão não será suficiente para retribuir nem a centésima parte ante o que recebi em amor e afeto de cada um deles.

Entre as centenas de lições que me ofereceram, aprendi com eles a ser uma pessoa melhor; com minha mãe Dulce aprendi a importância da compreensão e do carinho, com meu pai Oswaldo pude aprender que sem fé e sem trabalho perseverante não conseguimos ir muito longe e, pelo exemplo dado pelo meu irmão Zé, aprendi que honestidade e alegria sempre tornam nossos dias mais leves e proveitosos.

Chegara o momento de *voltarem para casa*, e lá usufruírem da generosidade e carinho que deram a cada um quando por aqui estiveram.

Durante a vida podemos aprender em cada momento, pois a convivência nos ensina e as dificuldades nos impulsionam; é sempre possível melhorar e progredir em todas as situações e apesar de todas as situações.

A vida nos oferece momentos de todos os tipos e, talvez, um dos mais desafiadores sejam os de teste oferecidos pela solidão.

A boa vontade é um ótimo imunizante contra as mazelas da alma e quanto à solidão, Shakespeare diz tudo: "Plante o seu jardim e decore a sua alma ao invés de esperar que alguém lhe traga flores".

O Relojão

Era outubro de 1922 e o carrilhão chegava para decorar a parede da sala no sobrado da Rua Turiassú.

Quem diria que 100 anos depois ele seria o valioso relicário das memórias afetivas da família?

Com melodiosas badaladas a cada quarto de hora, o Relojão, já por cinco gerações, sempre esteve lá para marcar, com seus ponteiros e acordes, todos momentos da família e, sempre que ela ia de um endereço a outro aqui em São Paulo, o Relojão era a primeira peça

miolo_pensamentos_gaveta.indd 132 13/05/2022 17:03:33

de mobília a ser instalada na nova casa: rua Pedro Vicente, rua Apiaí, rua Espírita, rua Heitor Peixoto, rua Chanés, avenida Itacira e hoje na avenida Brigadeiro Luiz Antônio.

Nesses 100 anos, muita coisa mudou, mas quanto à medição do tempo eu resisto e por aqui ela segue analógica e melodiosa, com ponteiros, corda semanal e doces memórias.

No passado, a noção de tempo era de algo contínuo e gradual, mas atualmente parece estar limitada ao imediatismo do agora e cheia de descontinuidades; é por isso que desprezo a frieza digital e instantânea dos números de cristal líquido da tela do celular.

Só se torna refém do tempo quem assim permite, sem coragem não se vive e é preciso caminhar sem temer a solidão, pois ela é uma das mestras da vida, e nos ensina a projetar horizontes e caminhos novos, plenos de entendimento, harmonia, bondade, iluminação espiritual e progresso nas virtudes.

Entre suas centenárias e melodiosas badaladas, o sábio Relojão me diz que jamais estou sozinho; seus acordes resgatam memórias que me entusiasmam a vencer desertos, superar dificuldades, varar nevoeiros, eliminar obstáculos e, assim, ser feliz e levar alegria onde quer que Deus me conduza.



Paulo Malerbi é pai de três filhos, que diz serem suas versões melhoradas; é formado em Engenharia Elétrica, pós-graduado em Análise de Sistemas (Universidade de São Paulo) e tem especialização em sistemas de controle digitais pela Ohio State University (Columbus, Ohio, Estados Unidos). Entre textos técnicos e literários publicou dez livros. Voluntário espírita há mais de 40 anos, atua como expositor e médium, ou *animador espiritual*, como define suas atividades.
pmalerbi@uol.com.br

miolo_pensamentos_gaveta.indd 133 13/05/2022 17:03:33

Raquel Pucello

No escurinho do cinema



Gabi tem um vício: cinema. Não perde um filme. Conhece todas as salas de São Paulo, mesmo aquelas de péssima reputação no centro da cidade. Quando viaja, sempre dá um jeitinho de visitar algum cinema da localidade. É a maior cinéfila que conheço! Talvez por isso sempre teve histórias para contar, além daquelas apresentadas pela sétima arte nas telonas. Vera e eu, suas melhores amigas, adoramos ouvir os acontecimentos em torno de seus longas-metragens. Para nós é como se estivéssemos a desfrutar de múltiplos e excitantes curtas. Como aquela história do rato que pôs a plateia em ebulição em um conhecido cinema da avenida Paulista – rimos muito! De acordo com a nossa amiga, o bichinho surgiu entre as poltronas do fundão onde ela estava, bem no momento em que o telão exibia uma cena picante do filme *Cinquenta tons de cinza*, de 2015. Como em um jogo de dominó as pessoas foram levantando de suas poltronas e a gritaria avançou até as primeiras fileiras. A mulherada, como era de se imaginar, subiu logo nas cadeiras, enquanto os homens chutavam o chão no escuro caçando o invasor. As luzes não foram acesas, apesar dos assobios e clamores. E o lanterninha não apareceu. Gabi ficou tão tensa que desistiu de continuar vendo o filme e saiu da sala como quem pula poças d'águas invisíveis – assim foi como ela nos contou!

Também ficamos alvoroçadas com o episódio de início de um incêndio em um pequeno mas famoso cinema de arte na região da Bela Vista, em São Paulo: foi Gabriela quem primeiro percebeu o fogo na sala do projetor – tinha que ser ela, afinal sempre gosta de ficar nas últimas fileiras! Gritou "fogo" três vezes para os presentes, que rapidamente se levantaram em direção à saída. Por sorte era uma sessão vesperal, e o acanhado cinema abrigava baixa audiência naquele horário; a evacuação do espaço foi relativamente tranquila, salvo alguns tropeços e tombos nos estreitos corredores laterais.

Claro que ela ficou assustada, mas nem tanto quanto o ocorrido no Peru: foi em uma antiga cidade das altitudes andinas (Arequipa), onde

miolo_pensamentos_gaveta.indd 134 13/05/2022 17:03:33

viajava a turismo com mais duas amigas, após conhecerem Cusco e Machu Picchu. Um jovem soldado, inconsequente, que brincava com sua arma de fogo junto à namorada, disparou um tiro acidental no chão de tábua corrida produzindo um forte estampido, o que para Gabriela pareceu o início de uma tragédia promovida por um psicopata franco-atirador!

— O susto foi muito grande porque todos estavam quietos, compenetrados no drama mexicano em exibição — contou-nos Gabi, e continuou — Era uma tarde de feriado, por isso o cinema estava cheio. Era uma sala bem simples e popular em uma praça, mais para o lazer dos nativos. Havia até mulheres com crianças e bebezinhos em suportes de panos nas costas! Imagina o pânico daquelas índias tentando proteger seus pequenos debaixo dos bancos! Eu e as meninas também nos jogamos debaixo das poltronas de madeira; cobri o topo da cabeça com as mãos, instintivamente... Ainda bem que acenderam as luzes logo!

Gabi dramatizava elevando o tom de voz e gesticulando, divertindo-se com nossas expressões de espanto. Sabia que Vera e eu tínhamos uma vida monótona, que dificilmente acontecia algo de tão surpreendente em nossas rotinas. Parece que nunca temos algo de diferente para contar. Talvez por Gabi ter mais liberdade e ser mais velha – já passa dos 20, e nós apenas 17! No fundo temos certa inveja dessa querida amiga. Inveja branca, claro, pois admiramos sua força, coragem e independência. Principalmente por ter passado tudo o que passou numa boa. Ela não sabe que sabemos. Quem nos contou foi dona Zenaide, a antiga empregada da mãe dela. É que alguns anos antes Gabi andava distante, triste, deprimida, não queria ir aos bailes, não queria sair de casa. Pensávamos que a separação entre sua mãe e o seu padrasto é que a estava deixando daquele jeito, afinal o homem era como um verdadeiro pai e cobria-lhe de presentes. Que nada! A pobre coitada era abusada sexualmente pelo homem, desde os seus 13 anos, daí a mãe descobriu e separou-se; e, então, veio toda aquela tristeza e vergonha. Mas, quando completou a nossa idade descobriu sua paixão por cinema, e assim saiu da *deprê* e deu a volta por cima!

Dias desses, Vera e eu cabulamos a aula do cursinho para o vestibular e fomos a uma sorveteria. Sem ter muito o que fazer resolvemos enumerar todos os fatos que ocorreram com Gabi dentro dos cinemas. A lista estava ficando grande; incluímos desde encontros casuais com

miolo_pensamentos_gaveta.indd 135 13/05/2022 17:03:33

amigos remanescentes de infância, até esbarrões em artistas famosos ao procurar assento no escurinho. Também me lembrei de quando ela torceu o pé no quebra-quebra dentro de uma sala de exibição na avenida Ipiranga, no Centro, com péssima fama!

— Foi porque a fita estava ruim — disse eu à Verinha.

— Também ela é louca — retrucou minha parceira — Como pode querer ir sozinha a cinemas barra pesada como aquele?

— É verdade! — concordei — Mas ela diz que prefere ir só, que é o único lugar onde extravasa suas emoções. Temos que respeitar, né?

— Escuta, já que estamos falando tanto de cinema, que tal a gente pegar a sessão das quatro, hein, Vera?

— Só se você topar assistir um filme nacional bem antigo que estão reprisando e que me disseram que é mega excitante, meio erótico...

— Que filme é esse, menina? Se for proibido para menores, pode esquecer. É melhor ver depois em vídeo.

— Que nada, a gente consegue entrar, sim! O cinema é no centrão, ninguém vai pedir nossos documentos, tenho certeza!

O cinema cheirava a mofo. Não tinha ar-condicionado, apesar do calor. Na plateia, quase vazia, a maioria era de homens mal-encarados ou salientes. Minha amiga e eu parecíamos de outro planeta. Algumas mulheres com a maquiagem carregada para o horário, alguns homens de meia idade, *office boys* com pastinhas de empresa e uns três casais escondidos na penumbra das últimas fileiras. As luzes se apagaram completamente enquanto no telão iluminava o título do filme: *A Dama do Lotação*, estrelando Sonia Braga. Nós nem sonhávamos em nascer quando o filme estreou na década de 70. Como a Vera descobriu esse filme do tempo do meu bisavô, depois vou saber. Em menos de 20 minutos de projeção, notamos um homem se masturbando atrás de nós. Mudamos de lugar. Fomos nos sentar no fundão, próximo dos casais. Era difícil prestar atenção no filme com o farfalhar de roupas sintéticas atrás da gente, no esfrega-esfrega de um dos casais. Gemidos e sussurros ao nosso lado misturavam-se com os que vinham do filme, em cenas picantes. Vera e eu nos cutucávamos espantadas o tempo todo. Éramos cúmplices no testemunho de um ato sexual praticamente

miolo_pensamentos_gaveta.indd 136 13/05/2022 17:03:33

em público! Teríamos muito para contar, principalmente para Gabriela, nossa amiga cinéfila. No meio do filme, pane na fita. As luzes se acenderam. Sem combinar ou disfarçar, nós nos viramos para ver a cara do casal imoral. Um moreno meio velho e feio com cara de safado com uma linda jovem de 20 anos: era Gabi.

Abaixamos a cabeça disfarçadamente e assim que as luzes foram apagadas saímos apressadamente, deixando *a dama do lotação* nas sombras da sua vida.

Raquel Pucello é paulista, criada na capital e tem 65 anos. Trabalhou por mais de duas décadas como analista em Pesquisa de Mercado (Consumo), onde pode exercitar seu potencial de escrita com a confecção de extensos relatórios analíticos, sobretudo em estudos qualitativos. Fez curso técnico em Publicidade e faculdade de Turismo, mas continuou e consolidou sua vida profissional na área de Pesquisa. Ainda jovem, escreveu alguns poemas e também compôs músicas com letras expressivas. Na meia idade, fez uma breve oficina de Literatura em um espaço cultural de São Paulo, porém só retomou a escrita em 2020, com o isolamento social e a pandemia. Há dez anos reside em Maricá, região metropolitana do Rio de Janeiro, onde trabalha na prefeitura municipal, lotada na Secretaria de Cultura.
@raquelpucello



miolo_pensamentos_gaveta.indd 137 13/05/2022 17:03:33

Delicadas cortinas

Em meados de julho de 1992, eu estava grávida de pouco mais de um mês. Fui fazer uma diligência e passei por duas situações muito desagradáveis. Comecei a perder sangue, percebi que estava tendo complicações. Fui para o hospital e fiquei internada – sofri um aborto espontâneo. Fiquei três dias internada no hospital.

Voltei para casa e no dia seguinte fui até a oficina mecânica que tínhamos para saber como estavam as coisas por lá. Encontrei minha irmã que estava dando uma mãozinha enquanto eu estava no hospital. Chegando lá, descobri inúmeras coisas desagradáveis, entre elas, supostas traições do meu marido. Fiquei muito desorientada e magoada. Resolvi ir até o seu trabalho para conversarmos e colocar tudo em pratos limpos.

Aguardei o fim do expediente dele e falei para irmos até um lugar tranquilo para conversarmos a respeito, pois não queria falar na frente das crianças, mas queria encontrar uma solução para nossos problemas. Ele não concordou e não quis, em hipótese alguma, falar comigo e dizendo que conversaríamos em casa. Desse momento até me encontrarem num hospital, passaram-se 24 horas. Eu não me lembro o que aconteceu nesse período. Fui encontrada desmaiada numa rua em direção contrária à minha casa. Levaram-me para o pronto socorro do Mandaqui, onde fui maltratada, pois os médicos e enfermeiros acharam que eu era drogada por estar com hematomas e marcas das injeções do soro que tomei por causa do aborto.

Nesse ínterim, contataram uma amiga e conseguiram chegar até minha irmã. Ela foi me buscar e me levou para o hospital Cruz Azul, onde fiquei por três dias. Para surpresa de todos, ao falarem comigo eu não respondia, não comia, não tinha reação, só observava, como se estivesse em choque. A equipe especializada constatou que eu estava com amnésia e não lembrava de nada. Não sabia quem eu era, esqueci de tudo. Foi tão chocante que não tenho palavras para descrever, com simplicidade, o tamanho do estrago emocional no qual eu me encontrava.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 138 13/05/2022 17:03:33

Após três dias, fui para casa com meu marido que tentava explicar que eu era a esposa e a mãe dos filhos dele. Eu ouvia o que ele dizia, mas não assimilava, não entendia e nem questionava. Quando cheguei em casa, vi duas crianças na escada me chamando de tia Rita. Eram meus filhos, que por conviverem com crianças que me chamavam dessa maneira, faziam o mesmo. Essa foi a justificativa que deram para meus filhos não me chamarem de mãe. Isso não fez diferença, pois eu não estava entendendo nada mesmo.

Minha filha veio para o meu colo, olhou profundamente nos meus olhos e chorou muito. Foi tão sentido que até hoje eu choro ao me lembrar disso. Dói demais lembrar-me que não esbocei uma reação de carinho para ela. Eu não sentia nada naquele momento. Os dias se passaram e eu permanecia sem me lembrar das coisas. Ficava num canto da casa em silêncio. Comecei um tratamento psicológico e psiquiátrico, mas sem avançar, pois eu continuava sem lembranças. Foi ficando cada dia mais difícil cuidar das crianças, fazer o papel de esposa, tudo me era desconhecido. O tempo passou sem melhoras. Eu via as fotos que tínhamos, mas nada avivava minha memória.

Sofria no relacionamento com meu marido, pois achava que quando ele me procurava era violência e ficava assustada. Eu não tinha ideia do que era sexo ou qualquer manifestação afetiva. Ficava sem reação, assustada e não entendia. Não vou conseguir, nesse breve relato, enumerar as diversas situações que vivi nesse período de amnésia. Engravidei, mas não imaginava o que estava acontecendo comigo. Comecei a passar mal e meu marido me levou ao médico que constatou a gravidez. Eu não sabia como lidar com isso. Minha mãe e meu marido tentavam me explicar, mas era inútil. Eu ficava cada dia mais retraída sem saber o que fazer. Nesse período comecei a ter visões de Nossa Senhora e ela me explicava tudo. Comecei a ler a Bíblia e a ter conhecimento da palavra. Ela me mostrou todas as traições do meu marido. Passei a desenvolver muito conhecimento sobre Matemática e Biologia, e resolvia problemas que nunca havia estudado. Se me dessem qualquer livro eu não saberia ler ou escrever, e isso intrigava os que me conheciam. Passaram-se meses, anos, e eu não conseguia me lembrar. Fui conhecendo minha história a partir de fotos e testemunhos dos amigos.

Naquela época, eu trabalhava como oficial de Justiça do Tribunal de São Paulo e estava de licença. Fazia tratamento com uma psicóloga

miolo_pensamentos_gaveta.indd 139 13/05/2022 17:03:33

do convênio do Hospital do Servidor e com a equipe de perícia do Estado. Passei por inúmeros testes para identificar se era verdade ou fingimento, e chegaram à conclusão de que meu caso era verdadeiro e muito raro.

Nesse período tive mais três filhos e reaprendi a conviver com eles e com meus mistérios. A psicóloga dizia que provavelmente eu teria tido uma depressão pós-parto, por não aceitar a perda do bebê. Isso ficou na teoria.

Com o conhecimento que tenho hoje, sei que foi muito mais do que isso. Foi uma sobrecarga emocional pela perda do bebê, pela descoberta das traições e por ter meu casamento destroçado de maneira tão brutal. Acredito que preferi ter amnésia e ignorar todas essas perdas que doíam muito na minha alma. Aos poucos, meu marido foi revelando sua verdadeira face e tudo desmoronou, fiquei sozinha literalmente. Não consigo me lembrar porque tomei o caminho contrário ao da minha casa naquela noite. Talvez eu quisesse negar a mim mesma o que acontecia no meu endereço e preferi me afastar o mais rápido possível daquilo que me fazia sofrer. Essa é a explicação que dou a mim mesma até hoje. Se está certa ou errada, não sei.

Sei que vivi uma vida inteira em quatro anos, reaprendi a viver sem ler e escrever, vivi uma história intensa e misteriosa que não consigo contar aqui em tão curto espaço, mas garanto a você, caro leitor, que foi uma experiência incrível, sofrida e, ao mesmo tempo, enriquecedora por me ter dado a oportunidade de recomeçar do zero e de ter muito a ensinar para meus filhos sobre a vida e os mistérios de nossa mente – que pode nos destruir ou nos restaurar – dependendo só de nós mesmos.

Meu marido me ajudou certo período, quando foi amável, paciente e solícito, mas não demorou muito para ele mostrar a sua verdadeira face, começando a me maltratar, insinuando que eu era mentirosa. Ele sabia o que tinha feito e queria sair fora de algum jeito. No final de 1996, saiu a minha aposentadoria e continuei meu tratamento, sem resultados. Aquilo me deixava cada dia mais triste, pois ficar em casa sem fazer nada me entediava.

Nessa época também apareceu um problema com meu filho mais novo, que foi diagnosticado com púrpura trombocitopênica idiopática, uma doença autoimune e sem cura pela medicina tradicional. Procurei

miolo_pensamentos_gaveta.indd 140 13/05/2022 17:03:33

tratamento para meu filho de maneira verbal, pois eu não conseguia ler e escrever. Nessas buscas, descobrimos uma forma de tratamento alternativo e, durante uma conversa com minha vizinha sobre a saúde do meu filho, fui surpreendida por uma avalanche de lembranças, de repente, como num passe de mágica, minha memória voltou, exceto o pequeno trecho, entre eu falar com meu marido e ser encontrada desmaiada por pessoas estranhas naquela rua em direção contrária ao meu endereço. Isso nunca consegui me recordar.

As lembranças começaram a vir como se fosse o vento em delicadas cortinas, me mostrando tudo que havia acontecido no dia em que foram me ver no hospital. A partir de então, comecei a estudar tudo sobre medicinal natural, encontramos a cura para meu filho e eu me tornei uma terapeuta holística, voltando a trabalhar – mas essa já é uma outra história.



Rita Arcangela Sartori nasceu em 25 de janeiro de 1953 em Encantado (RS), mas foi registrada em Guatambu (SC). Veio para São Paulo em 1970, com 17 anos, em 19 de janeiro de 1970. É oficial de Justiça aposentada e tem formação como terapeuta holística.
@terapeutarita

miolo_pensamentos_gaveta.indd 141 13/05/2022 17:03:33

A pequena flor

Era uma vez, há muito tempo, uma pequena flor que nasceu no meio do deserto, em cima de uma pedra, na sombra de uma planta maior, onde havia um pequeno oásis.

Toda vez que o vento soprava forte, com as tempestades de areia, ou de madrugada, quando o frio era intenso, a pequena flor pedia a Deus que lhe protegesse. Nesse momento, um anjo, enviado por Deus, descia dos céus e com suas asas imensas impedia que o vento a arrancasse ou que o frio a congelasse.

Um dia, a pequena flor ousou sonhar, pediu a Deus que libertasse suas raízes do solo, para que pudesse caminhar livremente pelo oásis. Deus apareceu à sua frente e lhe alertou quanto aos perigos dos movimentos. Um predador podia confundi-la com um inseto ou com um outro pequeno animal e se alimentar dela, ou algum errante podia pisar sobre ela e esmagá-la.

Mas a florzinha insistiu, queria a sensação da liberdade.

Pela manhã, quando o sol ainda se levantava no horizonte, a pequena florzinha conseguiu caminhar pela areia, foi até o lago e banhou-se. Um peixe que estava à beira do rio, vendo aquele ser pequeno a se movimentar sobre as águas, veio rapidamente e a abocanhou.

A florzinha entrou em desespero, e nada do anjo aparecer. Sentiu que não sobreviveria, mas uma luz muito forte se tornou presente. Era novamente Deus, que disse:

— Por sua coragem e ousadia, vou lhe dar mais uma chance, mas não poderá mais ser uma flor, será transformada em um ser humano e passará a experimentar os sentimentos que eles vivenciam: suas fortalezas e fraquezas. Também lhe darei o livre-arbítrio. Poderá escolher o caminho que quiser, mas terá que ser sensata e cuidadosa, pois se sucumbir às fraquezas humanas, terá que aguardar comigo no céu até completarem-se todos os ciclos de sua jornada a caminho da perfeição, apenas observando os demais e aprendendo, sem mais poder estar junto a eles.

A pequena flor aceitou a proposta e naquele momento Deus a fez humana, mas imortal.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 142 13/05/2022 17:03:33

Ela caminhou até a cidade e lá conviveu com os seres humanos, conheceu o ódio, a mágoa, o egoísmo, o orgulho, a cobiça, a inveja, o ciúmes, a preguiça, a gula, a avareza, a luxúria, a guerra, a doença, a fome, o desespero, mas também aprendeu com o amor, a bondade, a compaixão, a solidariedade, a esperança, a gentileza, a fé, a fraternidade, a paciência, a força e a amizade.

Cada sentimento que vivenciava tornava-a mais experiente, mas, ao mesmo tempo, mais descrente do ser humano. No início, aquela pureza infantil que possuía foi substituída por milhares de dúvidas, receios, mágoas e desesperança.

Ao vivenciar o ódio, percebeu o quanto o ser humano pode ser cruel com os semelhantes, por motivos banais e por vingança.

Ao vivenciar a mágoa, notou o quanto um desafeto ou uma ofensa pode minar a esperança e tornar os humanos amargos e descrentes por toda uma vida.

Ao vivenciar o egoísmo, descobriu o quanto as pessoas, pelo simples apego, podem cometer crueldades e, pior, mesmo sabendo que nada lhes pertence nessa vida, pois tudo é deixado na Terra com a morte física, continuam a roubar e tirar vantagem dos demais.

Ao vivenciar o orgulho, teve a verdadeira dimensão do quanto as pessoas perdem oportunidades de ser felizes e de fazer os outros felizes pelo simples motivo de acharem que são melhores do que as demais e, simplesmente guardarem para si algo que na realidade pertence a todos.

Ao vivenciar a cobiça, assistiu disputas terríveis, maldades, todo o tipo de perversidade em nome do poder, do dinheiro e de fantasiosas glórias.

Ao vivenciar a inveja, viu pessoas ferirem desconhecidos e aqueles que mais amavam pelo simples motivo de possuir algo que não lhes pertencia e poderia ser-lhes tirado a qualquer momento, pois a vida é um sopro que pode cessar de uma hora para outra.

Ao vivenciar o ciúmes, sentiu o medo da perda, a falta da liberdade, a ausência da confiança, o vazio fictício de não possuir algo ou alguém. E a falsa sensação de ter poder sobre o outro ou sobre determinadas circunstâncias.

Ao vivenciar a preguiça, sentiu no corpo e na alma o que é a fraqueza de estar vivo, deixar de realizar coisas positivas e boas para si mesmo e para os demais, deixar de produzir, de ver o crescimento.

Ao vivenciar a gula, deparou-se com pessoas insatisfeitas, sempre

miolo_pensamentos_gaveta.indd 143 13/05/2022 17:03:34

carentes de algo em detrimento de outras que não tinham o que comer, morrendo sem alimento, sem água, sem uma mão estendida.

Ao vivenciar a avareza, percebeu o quanto o egoísmo está presente em mais sentimentos do que nele próprio. Pessoas abastadas negando àqueles que nada têm, sem caridade, sem misericórdia.

Ao vivenciar a luxúria, viu pessoas sem amor-próprio, sedentas por um prazer puramente carnal e material, mas na verdade carentes de amor, de aceitação e de pureza.

Ao vivenciar a guerra sofreu muito, porque viu soldados sendo obrigados a matarem exércitos inteiros, supostamente inimigos, sem motivos. Viu famílias serem destruídas, crianças órfãs, mães e pais sem seus filhos, fome e destruição por todos os lados, em prol da cobiça humana por poder e posses.

Ao vivenciar a doença, enxergou seres imperfeitos, que se autopuniam com enfermidades por causa de sentimentos equivocados: mágoas contidas, ódio, rancor, ciúmes, todo o tipo de sentimento negativo.

Ao vivenciar a fome, viu o quanto alguns desperdiçam enquanto outros não têm o que comer. Pessoas destruindo a natureza, fazendo com que o alimento fique escasso, provocando reações imediatas, fenômenos como seca, inundações, liberação de vírus e bactérias nocivas adormecidas e todo o tipo de ameaça às reservas naturais.

Ao vivenciar o desespero que todos os sentimentos ruins provocam no ser, atraindo mais e mais desesperança e consequências negativas, se viu sem saída.

Mas, quando estava a ponto de sucumbir, percebeu que ainda existia muito amor na Terra, pessoas bondosas, despretensiosas, que tinham a nobreza de tirar do pouco que possuíam para ajudar os demais; que socorriam seus semelhantes por compaixão, mesmo correndo risco de morte; que alimentavam os indefesos animais; abrigavam os sem-teto por solidariedade; limpavam as feridas dos doentes; e socorriam os enfermos.

Nesse momento, percebeu que a esperança era o que motivava os seres da Terra a continuarem a jornada apesar dos reveses da vida. Sentiu a gentileza nos gestos dos mais humildes, foi imbuída pela fé a praticar a fraternidade, aprendeu a ter paciência, viu crescer dentro de si a força de lutar por seus sonhos e pelo que era correto e, ainda, sentiu surgir a verdadeira amizade, fazendo brotar dentro de si o amor por todos os seres vivos sobre o planeta Terra.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 144 13/05/2022 17:03:34

Mas o que a deixava mais triste, apesar de todas as boas descobertas, era que ao se apegar às pessoas, elas partiam, porque eram mortais.

Um dia ela se cansou de sempre ver quem amava morrer e novamente suplicou a Deus que a deixasse morrer e renascer como todos os demais seres humanos, nos ciclos necessários da escola do aprimoramento.

Deus atendeu parcialmente a mais esse pedido de sua protegida e, numa noite quente de primavera, ela deu seu último suspiro e voltou ao céu.

Já havia aprendido muito sobre os humanos, Deus então lhe concedeu mais um desejo, ela renasceria entre os homens, mas na forma de uma sensação: o gatilho da fé, para ajudar àqueles que fraquejavam em meio à dor, ao desespero, à falta de perspectivas, à ausência do ser amado e muitas outras dores da alma, do corpo e da mente. Hoje, diz a lenda, ela, onipresente como o Criador, percorre o mundo assoprando a fagulha divina no interior de cada ser humano para que a fé jamais esmoreça.

Ao lado do amor, a fé é o único sentimento que nos faz seguir adiante, mesmo que tudo ao nosso redor esteja escuro e sombrio, frio e inseguro. A fé é o legado de Deus no momento da criação, o presente que Ele nos deu, e o mais valioso, porque é parte d'Ele. A fé é irmã da esperança. Mas esta será contada em outra história.



Rosângela Manchon é mãe da Luiza, jornalista e escritora. Há mais de 30 anos atua com comunicação corporativa. Ama a literatura e seus *pets*.
@confabulandocomaro

miolo_pensamentos_gaveta.indd 145 13/05/2022 17:03:34

S. Malizia

Sob a luz do progresso

A despeito de todas as profecias, de todos os assustadores dizeres nos códices maias, o mundo não viu seu fim no ano de 2012.

Na fatídica data, o planeta não sofreu qualquer alteração, como uma boa parte de sua população já esperava, mas algo estranho ocorreu, por um quase imperceptível segundo.

Simultaneamente, todos os televisores, rádios, computadores e demais dispositivos apresentaram um forte ruído de estática que, embora tenha sido rápido, causou toda a mudança na ordem mundial.

Raras foram as pessoas que nesse ínfimo segundo estiveram longe de seus televisores, celulares, rádios ou computadores, de forma que quase todos foram atingidos.

O que foi aquilo? Ninguém sabia explicar, mas foi algo que os não atingidos denominaram de roubo da liberdade de escolha ou roubo da alma.

Então, foi assim que a humanidade foi dividida, sem que isso ficasse explícito no primeiro momento. Os que ficaram expostos ao sinal, começaram, de forma involuntária a se agrupar com os demais, assim como os não expostos. Os dois grupos formados passaram a se evitar, quando não se caçavam mutuamente, levando a conflitos que chegaram a dizimar um terço da população mundial em curtíssimo espaço de tempo.

Em dez anos, já não existiam mais países, todos foram unificados sob a bandeira dos que tiveram suas almas roubadas.

Eles eram em maior número e justamente por isso, contavam em seu meio com renomados cientistas de diversas áreas, o que contribuiu para sua ascensão ao poder.

Apesar de coexistirem, o grupo menor, depois de tantos embates, passou a se reunir em esconderijos e abrigos, fora do alcance dos outros e ali também formavam suas comunidades, onde a vida era simples. Abriram mão de toda a tecnologia e voltaram suas vidas apenas aos estudos e conhecimento, em que os direitos eram iguais, em detrimento do grupo rival, que se organizara de modo diverso.

Em suma, quem os visse, em nada os diferenciaria dos habitantes do presente tempo.

Ficaram assustados com o que adveio disso, com as guerras civis

miolo_pensamentos_gaveta.indd 146 13/05/2022 17:03:34

e mundiais, participavam delas, morriam nelas, mas nunca nada questionaram, apenas seguiam as ordens de um chamado Comando Central, que dava as diretrizes ao planeta.

O Comando Central foi algo que se instalou sutilmente no poder depois do sinal. Frequentemente, os televisores e demais aparelhos do mundo inteiro emitiam o ruído de estática que tinha o singular efeito de paralisar e manter atentos todos os que estavam próximos a eles, e logo após, uma voz costumava se manifestar, discursava longa e enfaticamente a respeito da civilização humana.

Dizia que apesar de ser a mais perfeita criação no Universo, ainda era como pedra bruta a ser lapidada, e para isso eram imprescindíveis algumas drásticas atitudes, que consistiram, inicialmente, em reacender a chama do extinto Santo Ofício, sendo que, nesse caso, os perseguidos eram o grupo menor, que se isolava em meio aos seus livros e conhecimento.

Eles eram o principal alvo da nova inquisição: vistos como perturbadores da ordem pública, e acusados de serem contra o progresso mútuo, reivindicando, no lugar de se resignarem e usufruírem do bem que o Comando Central lhes proporcionaria futuramente.

De fato, com a colaboração dos profissionais de todas as áreas, em cinco anos a pobreza no mundo foi erradicada, não se viam mais mendigos nas ruas e ninguém vivendo em condições subumanas, bem como, devido ao mapeamento de DNA, todos nasciam geneticamente perfeitos, sendo que os que haviam contraído doenças antes da descoberta foram totalmente curados. Assim dizia o Comando Central em sua autopropaganda.

Mas tudo isso tinha um preço para os chamados sem alma. Eles não tinham o direito de questionar, sob a ameaça de serem perseguidos pelo Santo Ofício, trancafiados e submetidos a extensos interrogatórios e torturas psicológicas, para depois, talvez, serem reintegrados.

Nesses termos, o mundo seguia sua marcha. Todos os profissionais trabalhavam única e exclusivamente para o Comando Central e a ele prestavam contas, inclusive os professores, a quem era permitido ensinar somente o básico a seus alunos, mas isso não era um problema, já que eles também só tinham o conhecimento básico, ou seja: leitura, escrita e rudimentos de matemática.

Nos níveis mais altos, o Comando Central escolhia aqueles que considerava aptos, de acordo com sua genética, a seguirem a carreira de cientistas e pesquisadores, tudo em nome do progresso da humanidade. Esses tinham professores especiais, membros do próprio Comando, que os ajudavam a desenvolver plenamente sua capacidade cognitiva.

Porém, como toda história tem seu lado obscuro, o que o Comando

miolo_pensamentos_gaveta.indd 147 13/05/2022 17:03:34

Central não explicitava em suas frequentes propagandas era a que preço havia erradicado a pobreza no mundo e conseguira que todos vivessem em condições igualitárias. Não mencionou que a solução encontrada para esse problema fora sequestrar essas pessoas, consideradas um estorvo para a humanidade, e usá-las como alimento de uma imensa tocha, semelhante àquela roubada por Prometeu, localizada na cidade-sede do Comando Central, um marco denominado Luz do Progresso, para onde iam multidões, em peregrinação, para reverenciar.

Junto com os corpos, jaziam também livros, obras de arte e tudo o que de mais belo a humanidade já havia produzido. O Comando Central alegava, em sua voz rápida e estridente, que aquilo representava o passado e nada mais era necessário. Recomeçariam do zero uma civilização insuperável em força e perfeição.

Enquanto isso, o segundo grupo, apesar de perseguido e ameaçado, mantivera em seus esconderijos tudo o que pode salvar da antiga civilização humana. Tinha, em suas bases pelo mundo, verdadeiros redutos de sabedoria, e agora, mais do que nunca, sentia-se preparado para a verdadeira missão suicida.

Depois de muito pesquisarem, os integrantes do segundo grupo descobriram que poderiam interromper o magnetismo exercido pelo Comando, porém não seria uma tarefa fácil.

Todo o poder dele havia se concentrado na chamada Luz do Progresso. Era dela que agora irradiavam as mensagens do Comando Central. Os televisores e demais veículos de amplitude mundial haviam sido somente paliativos, e eles lamentavam não terem descoberto isso mais cedo.

Infiltrando-se no sistema, descobriram que, uma vez interrompido o alimentador mecânico da chama e alguns segundos de inatividade, teriam o tempo suficiente para libertar a humanidade do estado de latência em que estava imersa e provocar uma verdadeira revolução, ainda que fosse uma missão suicida enfrentar os guardas.

... “E assim, um deles seguiu, com passos resignados, em direção ao seu tenebroso destino...”

Na penumbra de seu quarto, iluminado apenas pela luz da televisão, em que o volume fora reduzido até tornar-se mudo, para que se pudesse ouvir claramente a história, a menina olhava sua mãe com espanto, sentada na borda da cama.

— E então? — perguntou, aflita ao ver que o relato havia sido interrompido justo no seu clímax — Ele conseguiu vencer o Comando Central?

— Não sei — ela respondeu, tranquila — Somente o futuro, ou talvez você mesma possa responder.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 148 13/05/2022 17:03:34

A menina parou e pensou por um instante. Havia compreendido. O destino do mundo está em nossas mãos, basta fazermos nossas escolhas com cuidado, pois às vezes elas não têm volta.

A ela, parecera um instante o tempo em que ficara pensando, mas descobriu ter sido tanto tempo que sua mãe já havia lhe dado boa noite e se retirado do quarto, sutilmente, fechando a porta.

Agora, a menina deu-se conta da claridade que a televisão causava. Suas imagens passando, passando, sem significado algum para ela.

De repente a imagem saiu do ar, mostrando somente chuviscos e barulhos de estática. Foi o bastante.

Ela correu, num misto de medo e espanto desligando o aparelho, e para certificar-se de que estava realmente segura, retirou-o também da tomada.

Pronto, ela pensou. Agora podia dormir em paz.



S. Malizia é uma contradição ambulante. Alguém que segue acreditando no potencial da mente em alterar a matéria e autora do livro *Arasayalalyur – Ponte de Luz*.
@s.malizia

miolo_pensamentos_gaveta.indd 149 13/05/2022 17:03:34

Janela, janelinha

Todo dia de manhã, era a mesma coisa. Pedrinho subia no banquinho, olhava no espelho e nada... Ele descia do banquinho, o guardava e ia para a sala tomar seu café da manhã emburrado pensando... "Todo mundo da minha classe já tem janelinha na boca. Eu ainda não tenho..."

Foi quando se lembrou da tal Fada do Dente. Sua amiga Manoela lhe havia dito que com ela tinha sido assim:

— Quando você perceber que seu dente está bem molinho, deve estar na hora dele cair. Para sua janelinha aparecer, ele primeiro precisa sair.

— Sair? — perguntou Pedrinho — Sair para onde?

— Para a cidade das Fadas, no Reino das Fadas dos Dentes...

— Mas como ele vai sair?

— Ou você vai ao dentista ou você pede para sua mãe ou seu pai puxar ele quando estiver bem molinho. E, às vezes ele até cai sozinho, mas, quando chegar a hora certa.

— Que legal, só isso?

— Sim, simples assim! — falou a sabida Manô.

E continuou:

— Daí, você faz um pedido para Fada dos Dentes, dizendo para ela que vai colocar seu dentinho embaixo do travesseiro antes de dormir à noite. Ela pega o seu dentinho de leite depois que você dorme, leva para a Cidade das Fadas, e aí no lugar da janelinha nasce um outro bem novinho, um dente permanente! Às vezes ela ainda deixa um dinheirinho! Tudo combinado direitinho com nossos pais porque eles ajudam a Fada.

— Nossa, por que não pensei nisso antes?

À noite Pedrinho foi dar uma bela mordida em uma maçã deliciosa e upa! Seu dentinho saiu na maçã!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 150 13/05/2022 17:03:34

Pegou seu banquinho, subiu no banquinho e olhou no espelho.

— Uau, minha janelinha!!!

Desceu do banquinho, guardou o dentinho e foi correndo contar para a sua mãe.

— Mamãe, olha minha janelinha!

— Que linda sua janelinha, filhinho! Vamos fazer uma *selfie*! E já vou já convocar a Fada do Dente!

Pedrinho correu para sua cama para dormir e deixar o seu dentinho embaixo do travesseiro para a fadinha...

Antes de pegar no sono, pediu:

— Fada, fadinha te dou o meu dentinho e desejo um dente permanente!

Dormiu todo feliz com sua linda janelinha.

No dia seguinte...

Olhou ansioso embaixo do seu travesseiro e seu dentinho não estava mais lá... Pegou seu banquinho subiu no banquinho e deu sorrisão para o espelho. Adorou de novo sua primeira janelinha!

E lá na cidade das Fadas, a Fada do Dente ficou feliz, feliz, com mais um dentinho brilhando no céu de diamantes do seu Reino.

É gol!! Plufth...

A pelada corria animada, quando Tuca, o artilheiro do time, preparou o chute, mirou e goool!! Colocou a pelota no canto esquerdo da rede que balançou feito gelatina. Ele era bom nisso. Tinha olhos de lince!

Daí, saiu para a galera para comemorar. Mas, plufth... Seu aparelho pulou da sua boca feito mola, no chão. O pior, antes que ele pudesse falar, Dudu, o zagueiro, pisou sem querer no aparelho fujão.

— Caramba, Dudu, você quebrou meu aparelho.

— Ué, Tuca, ele pulou da sua boca no chão!

Tuca nem pôde reclamar e já foi pensando na bronca que sua mãe lhe daria...

miolo_pensamentos_gaveta.indd 151 13/05/2022 17:03:34

Chegando em casa...

— Túlio Carvalho, já não falei que quando vai ao futebol, à natação, ao judô, não pode ir com o aparelho?

Ele já vendo sua mesada voando, sempre que sua mãe o chamava de Túlio era dureza, falou:

— Esqueci, mãe.

Esperto que era foi logo achando uma desculpa. A doutora Celeste disse que quanto mais eu usasse o aparelho, mais rápido meus dentes iriam para o lugar?

A mamãe de Tuca nem respondeu, tratou de marcar loguinho um retorno com a dentista, a doutora Celeste.

Na dentista...

— Tuca, isso acontece — disse carinhosamente a doutora.

Tuca respirou aliviado. Já imaginou sua mesada voltando para o seu cofrinho...

— Mas sabe, é preciso lembrar que o aparelho faz sua boca crescer, ajudando a natureza a colocar seus dentes no lugar. Se você usar direitinho, tudo vai andar bem melhor.

— Tia Celeste, eu usei direitinho, não tiro nunquinha o aparelho da boca.

— Muito bem, Tuca. Só que para praticar esportes, você tem que removê-lo e guardar na caixinha, lembre-se disso.

— Então...

— O aparelho ou tá na boca ou tá na caixinha! — falou em coro junto com a tia Celeste a regra número 1 combinada.

— Muito bem, Tuca, e quais são as outras duas regras?

— Sempre escovar os dentes depois de comer para colocar o aparelho.

— Isso! Nunca colocar o aparelho sem escovar os dentes primeiro.

— E a última?

— Sempre dormir com ele!

— Tuca, querido, você é campeão!

— Vou mandar fazer outro bem rápido, senão, o que acontece? O aparelho coloca os dentes no lugar certo, daí se perde ou quebra

miolo_pensamentos_gaveta.indd 152 13/05/2022 17:03:34

o aparelho, eles voltam para o lugar errado. Põe no lugar, volta, põe, volta...

— Ficam mais tortos ainda! — concluiu Tuca.

— Sim, isso mesmo. Nossos dentes interferem na nossa coluna e postura. Um atleta precisa tê-los muito perfeitos, pois isso melhora e diminui as lesões em geral.

Na outra consulta, já olhando seu aparelho na boca ao espelho, Tuca falou:

— Que legal! Esse é da cor do meu time!

Mas daí, tia Celeste ficou quietinha ao se lembrar de certo 7x0...

E, num meio desejo, meio sonho, já visualizou o narrador de futebol dizendo:

— É GOOOL, É GOOOL , é do Tuca, o menino prodígio do Brasiiiil!!!

Imaginando o Tuca saindo para a galera, sorrindo e comemorando de dentes retinhos, retinhos!!

Só que dessa vez o placar tinha invertido: 0x7 para a tristeza do chucrute!

Sandra Aiosa é cirurgiã-dentista antroposófica, habilitada pela Associação Brasileira de Cirurgiões-Dentistas Antroposóficos — IDEIA — e adora escrever contos. Desde a faculdade percebeu que se tentássemos entender atentamente a Fisiologia Humana, observando o paciente como um todo e, quando do aparecimento de uma disfunção, buscássemos a volta à fisiologia original, o sucesso na cura das enfermidades poderia se processar mais rapidamente. Assim, seguiu nessa busca pela reabilitação oral completa total de seus pacientes. É apaixonada por pessoas e adora ouvi-las e por elas criar historinhas. Tem uma grande inspiração: seu filho Giovanni, sua maior riqueza!
@aiosasandraodontologia



miolo_pensamentos_gaveta.indd 153 13/05/2022 17:03:34

Silvana Cordeiro

Fragmentos de memória de uma extraterrestre terráquea

Há algum tempo assisti a uma palestra sobre registros de memória no Museu de Arte de São Paulo Assis Chateaubriand (Masp), um dos cartões postais da cidade. Os palestrantes demonstraram que as memórias são lembranças de fatos, porém, não exatamente como eles ocorreram. Isso porque quem registra a memória – seja por foto, filme, áudio ou mentalmente –, o faz em um dado momento de tempo-espaço e a partir da sua percepção individual e pessoal. Dentro dessa percepção, ainda cabem os sentimentos da pessoa naquele momento de vida e que podem mudar com o passar do tempo, portanto, podem alterar o sentido, o peso ou o valor que aquela memória terá para ela.

Dito isso, passo aqui a registrar os meus fragmentos de memória sem a preocupação de organizá-los por ordem cronológica, mas sim, por ordem *sentimentológica*, ou seja, da forma que as lembranças e sensações me forem vindo à mente e ao coração. Sim, porque estou aqui a exercitar o que aprendi com minha amiga Silvia Regina Angerami, que é o princípio da escrita curativa e, portanto, sem grandes pretensões literárias. Apenas desejo que tal escrita tenha o poder de curar não só a mim, mas a todos que a ela tiverem acesso.

Na época em que escrevo este texto, tenho 55 anos, na idade cronológica, mas sinto que minha alma tem o tempo da música do incrível Raul Seixas, *Eu nasci há 10 mil anos atrás*. Por isso, talvez, eu me sinta como um ET (extraterrestre) habitando terras estranhas.

Mas pode ser também porque me identifico com a frase: "Se vós fôsseis do mundo, o mundo amaria o que era seu, mas porque não sois do mundo, por isso é que o mundo vos odeia" (João 15:19).

O fato é que acordei com as memórias de quando eu tinha 5 anos e meio de idade. Essas são as primeiras memórias que tenho de mim mesma, ser humano habitante do planeta Terra e, portanto, autodenominada uma extraterrestre terráquea.

Era um dia de sol e eu estava brincando no quintal quando chegou a tão esperada tevê preto e branco à válvula, da série Apollo 11 da GE. A tevê tinha esse nome em homenagem à nave dos norte-americanos que havia, pela primeira vez, pousado na lua.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 154 13/05/2022 17:03:34

Puxa! A chegada da tevê foi um acontecimento. Afinal, naquela época era muito difícil uma família como a nossa comprar um aparelho tão moderno como aquele.

Meu pai era metalúrgico – ou como ele gosta de falar até hoje (no momento, ele está com 81 anos) –, era mecânico de manutenção de máquinas pesadas em uma indústria que fabricava e comercializava tratores e implementos agrícolas.

Já a minha mãe era dona de casa, mas me lembro de que ela fazia várias coisas para ajudar na renda da família e, talvez, para sentir que também *trabalhava*. Ela bordava, costurava e lavava os macacões sujos de graxa e óleo do meu pai e de alguns amigos dele da fábrica.

Naquela época a gente morava de aluguel em um porão de dois cômodos e um banheiro que ficava do lado de fora da casa. Esse porão era de uma família de portugueses que morava no mesmo terreno, mas mais ao fundo. Eram o seu João e a dona Maria portuguesa. Eles eram pais da Alice e da Celeste, já adultas. Por isso, a dona Maria adorava conversar e brincar comigo, a quem carinhosamente chamava de *neguinha*, afinal, ela dizia que eu era a neta que ela ainda não tinha. Além disso, eu era muito diferente das filhas deles que eram brancas, de cabelos lisos e olhos claros.

Talvez hoje se alguém me chamar de neguinha, mesmo que afetuosamente como a dona Maria fazia, eu me ofendesse. Mas naquela época eu era só uma criança e não via maldade alguma naquele tratamento. Até gostava!

Meu pai é negro ou *café com leite* como o povo dizia. Já minha mãe é branca, bem branca mesmo. Logo, sou mulata. E como uma boa mulata brasileira, tenho (ou tinha, depois de tanta progressiva) cabelos escuros, encaracolados e volumosos. Além disso, quando criança, eu usava óculos e botas ortopédicas pesadas e horríveis.

Quando entrei na escola, descobri que na vida havia competição e que, se a gente quisesse chegar em primeiro lugar para ganhar o prêmio de Melhor da Turma – geralmente uma caixa de lápis de cor ou pequenas réguas coloridas – era preciso se esforçar muito. Isso significava muito estudo e nenhuma diversão. Em outras palavras, a diversão era estudar.

Descobri ainda que a maldade é plantada em nossos corações quando ainda somos pequenos. Crianças podem ser más, mas elas não sabem disso, porque são ingênuas e só reproduzem o que os adultos fazem, dizem e ensinam. Crianças são reflexo do meio em que vivem. Talvez, por isso, o conselho: “Ensina a criança no caminho em que deve

miolo_pensamentos_gaveta.indd 155 13/05/2022 17:03:35

andar, e, ainda quando for velha, não se desviará dele" (Provérbios 22:6).

Por minha aparência (óculos, bota ortopédica e cabelo *black power*) e por ser filha do mecânico, fui vítima de muito *bullying*, num tempo em que eu nem sabia que essa palavra existia. Por isso, aprendi cedo a me defender de todo tipo de ataque.

Eu me lembro também de outras coisas boas da infância, como meus pais me dando maçã raspadas na boca, das enormes cirandas de roda na hora do recreio e das minhas longas conversas com as minhas bonecas Lindinha e Rosinha. Até hoje não sei se a Rosinha existiu mesmo ou foi só minha imaginação. A Lindinha eu sei que era real, porque a ganhei de presente de Natal da fábrica onde meu pai trabalhava.

Todos os anos a fábrica dava aos funcionários uma bela cesta de Natal, com coisas gostosas que a gente só comia naquela época, tais como pêssego em calda, goiabada, pacotes de bolachas doces e salgadas, chocolate, torrone (amo até hoje), panetone, leite condensado e outras guloseimas.

Junto com a cesta, eles também davam um brinquedo da Estrela, na época a mais famosa marca de brinquedos do país, para os funcionários que tinham filhos até 10 anos de idade. Eram brinquedos incríveis e a Lindinha foi um deles.

Quando fiz 10 anos, a fábrica ia se mudar de São Paulo para o Sul do país. Nesse período, meu pai recebeu duas propostas: para trabalhar na Alemanha, na sede da companhia, ou no Sul, na filial brasileira. Adivinha? Ele recusou as duas propostas, porque teria de passar um tempo longe da minha mãe e de mim, e foi demitido.

Eu fiquei muito triste porque aquele seria o último ano em que eu teria direito ao brinquedo de Natal e não iria ganhá-lo. Incentivada pela minha mãe, escrevi uma carta para a responsável do RH da fábrica, dizendo o quanto eu sentia por não poder receber o meu último brinquedo de Natal. Para minha surpresa, uma semana antes do Natal, ela levou pessoalmente meu brinquedo e a cesta de Natal.

Naquele dia, eu soube que Papai do Céu realmente ouvia meus pedidos. Descobri que é verdade que "Deus é capaz de realizar infinitamente mais do que poderíamos pedir ou imaginar" (Efésios 3:20).

Outra lembrança divertida era a de vender roupa com os meus pais. Íamos ao centro de São Paulo para comprar as roupas. Depois, meus

miolo_pensamentos_gaveta.indd 156 13/05/2022 17:03:35

pais colocavam no porta-malas do carro e iam vender na porta da fábrica onde meu pai havia trabalhado. Eles vendiam a prestação e tudo era anotado em uma cadernetinha pela minha mãe, que controlava o dinheiro.

Naquela época, não havia cartão de crédito, era tudo anotado na caderneta e o crédito era sinônimo de confiança, bom nome, honestidade e integridade, valores fora de moda hoje.

E a gente tinha crédito! Fazíamos compras na venda da Kadota, uma japonesa muito sorridente que me chamava de Silvaninha, porque eu era franzina e baixinha. Além de Silvaninha, já fui Quatro Olhos, Pixaim, Tropeço, Catatau e Cordeirinho. Hoje sou simplesmente Syl, com Y, porque, além de chique, minha amiga numeróloga Priscila Tavollassi disse que era mais *positivo*.

A gente comprava frango na granja da Donana e verduras na chácara de outra japonesa ou na plantação de dona Maria Portuguesa (outra Maria, não a mesma do porão). Pensando agora, convivi com muitos imigrantes desde a infância: portugueses, japoneses, italianos, gregos, árabes, holandeses, alemães e angolanos. Vai ver é por isso que amo tanto a Europa e a Ásia.

E você, já deu uma olhada no que a sua gaveta de memórias pode revelar sobre quem você é hoje?



Silvana Cordeiro é mulher, cristã, mãe, jornalista, educadora, empresária, idealizadora da Plena Palavra Consulting e do podcast *Fala Syl*, e extraterrestre habitando o planeta Terra.
@sylcordeiro
@plenapalavra

miolo_pensamentos_gaveta.indd 157 13/05/2022 17:03:35

Sonia Bertero Stocco

Talentos

Com o passar do tempo aprendemos a observar melhor as pessoas, entendemos determinadas atitudes, julgamos menos. Ao mesmo tempo captamos valores que antes nos passavam despercebidos. Habilidades, talentos, aquele jeitinho especial de realizar algum trabalho intelectual ou mesmo artesanal, que pela perfeição, torna-se uma obra de arte.

Durante a mocidade e a idade madura, estamos envolvidos em cuidar da família, em crescer profissionalmente, temos muitos afazeres e preocupações que o cotidiano nos impõe.

Mais velhos, sobra-nos algum tempo para observar o que não percebíamos antes ou não dávamos muita atenção.

Certamente, já tivemos oportunidade de observar que todos nós temos alguma habilidade, um modo só nosso de realizar alguma coisa, por isso é muito importante acreditar no potencial que todos temos. Muitos já disseram que existe algo em cada ser que o distingue dos demais pelo talento ou aptidão. De onde vem esse talento? Freud explica? A psicologia pode explicar? Os estudiosos do comportamento humano podem elucidar?

Nós podemos nos fundamentar nas explicações que o Evangelho nos dá, em Mateus, 25:14-30, encontramos a *Parábola dos Talentos*! E ali aprendemos que a missão de cada um é multiplicar os próprios dons.

Ao elogiarmos alguém por um bom trabalho, geralmente indagamos pela dificuldade encontrada, pelo tempo que foi preciso para concluí-lo, como conseguiu, sabendo que para nós seria impossível fazer algo semelhante. Sempre recebemos como resposta:

— Foi fácil, não deu muito trabalho... Penso que já nasci sabendo.

E assim, por parecerem tão fáceis, deixam de ser importantes e lhes é negado o devido valor. Geralmente, admira-se o trabalho alheio, mas os nossos, nem sempre os valorizamos.

Ao ouvirmos um concerto de Mozart, um prelúdio de Chopin, ao apreciarmos uma pintura de Renoir, ficamos extasiados com tanto talento, com tamanha genialidade. Terá sido fácil para eles realizarem obras de tal forma magníficas que encantam a humanidade? Decepcionaram-se com algum trabalho? Chopin e Mozart rasgaram

miolo_pensamentos_gaveta.indd 158 13/05/2022 17:03:35

partituras ou Renoir alguma tela? Pensaram em desistir?

É possível, porque existe um fator importante que impede o desenvolvimento de talentos. Chama-se autocrítica. Nem sempre acreditamos em nós mesmos. Felizmente nem todos desistiram...

Quando isso acontece, deixamos de lado a nossa capacidade de realização e nos envolvemos com outros tipos de trabalho visando uma carreira promissora, mais rentável financeiramente e os nossos dons, aos poucos, são minimizados, bloqueados, apartados de nós mesmos.

Encontrei, entre as páginas de um velho livro, uma anotação em papel amarelecido pelo tempo, que penso ser interessante no momento.

São palavras de Martha Graham (1894-1991), dançarina e coreógrafa americana que revolucionou a dança moderna. Realizou na dança moderna o que Picasso fez na pintura e Stravinsky na música. Ela profere belas palavras de encorajamento quando uma amiga se diz insatisfeita com o que estava realizando.

Martha diz:

— Há uma energia vital que através de você se transforma em ação. E como só existe uma você em todos os tempos, essa expressão é única. Se você a bloquear, ela não se exteriorizará por qualquer outro meio e se perderá. O mundo não vai tê-la. Não cabe a você determinar se é boa, quanto vale, ou compará-la a outras expressões. A você cabe mantê-la, deixando aberto o canal por onde flui. Não é preciso sequer acreditar em si mesma ou em seu trabalho – essencial é manter-se aberta e consciente para os impulsos que a motivam.

Assim, vemos que os talentos são nossos e que somos responsáveis por eles. Cabe-nos colocá-los em prática e multiplicá-los. Continuar atentos, observando à nossa volta, descobrindo habilidades, aquele jeito especial de se realizar algum trabalho... Muitas obras de arte surgem de onde menos esperamos.

Janeiro de 2017

A aventura de Quicó

Quicó era um galo muito bonito que vivia num quintal bem grande onde havia, lá no fundo, um riacho de águas limpinhas, limpinhas. Era um galo vaidoso também. Para ele, suas penas marrom-avermelhadas eram da mais bela cor e sua crista bem vermelha era o seu maior orgulho. Bem antes de amanhecer, ele subia na cerca de bambus e

miolo_pensamentos_gaveta.indd 159 13/05/2022 17:03:35

estufando o peito, cantava bem alto:

— Qui-có-ri-có!!!

Por uma vibração na sua voz, ele cantava diferentemente dos outros galos. Por isso é que se chamava Quicó. Ele pensava que seu canto era o mais bonito e por isso achava que os outros galos eram muito desafinados. Um dia ele resolveu sair um pouco do quintal. Queria conhecer a casa grande onde moravam os seus donos. De nada adiantaram os conselhos dos galos mais velhos que lhe diziam:

— Não vá, Quicó. A velha Catarina é muito brava! É melhor você ficar aqui mesmo.

Mas o galinho curioso achou que Catarina ficaria contente com a sua visita, ou então, que nem o veria entrar pela porta da cozinha. Resolveu que iria e lá se foi o Quicó, todo garboso subindo os degraus da escada. Pulava para o degrau de cima e olhava para os colegas que o observavam naquela aventura.

Quando chegou lá no alto da escada, olhou para dentro da cozinha e não viu a velha cozinheira. Entrou devagarinho, admirando tudo o que via. A cozinha era enorme e viu em cima do fogão um frango assado que já estava pronto para o almoço. Suas penas ficaram arrepiadas e ele saiu logo dali!

— Que perigo! — falou baixinho.

Devagar, para não fazer barulho, foi entrando na sala.

— Que linda sala!

Sentiu algo macio sob os pés e ao olhar viu que era um bonito tapete todo cheio de flores.

— Aqui é onde eu devia morar! Um galo bonito como eu merece dormir nesse tapete macio e quentinho, não naquele poleiro lá no quintal.

Continuou andando pela casa e, sem saber onde estava, entrou no quarto dos seus donos. De repente viu um móvel diferente de todos os que já tinha visto dentro da casa. Era uma penteadeira cheia de vidros de perfume e vasinhos de flores. Um grande espelho ia quase até o chão.

Com os olhos muito abertos de admiração, Quicó foi chegando perto do móvel mais bonito que ele já vira em toda sua vida de galo muito jovem. Para seu grande espanto, de repente, surgiu à sua frente um galo igualzinho a ele. A mesma cor, a mesma crista vermelha...

E ele pensou: "Como aquele galo se atrevia a invadir o quarto dos seus donos?" Ele não sabia que era a sua imagem...

Como era muito valente, desferiu uma forte bicada no intruso! Mas o *outro* também era valente e foram muitas as bicadas no grande espelho. As suas penas estavam eriçadas e as suas asas abertas derrubavam os vidros de perfume e os vasinhos, fazendo muito barulho.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 160 13/05/2022 17:03:35

De repente surgiu a velha Catarina com uma grande vassoura nas mãos, gritando muito alto.

— Que barulheira é essa aqui, seu galo boboca? Vai estragar o *pichichê* da madame! Saia já daqui e volte para o seu poleiro!

Dizia isso dando vassouradas no pobre galinho que corria a mais não poder. Por sorte, ele encontrou logo a porta de saída para o quintal. Desceu a escada quase voando e, para sua vergonha, os outros galos e as galinhas riam muito do seu desespero.

Foi para um cantinho do quintal e ali ficou até que o seu coração parasse de bater tão depressa.

No dia seguinte bem cedinho, lá estava ele outra vez em cima da cerca de bambus, cantando, mais bonito ainda. Novamente ele se achava o galo mais afinado das redondezas. Sabia, porém, que os seus encantos só podiam ser exibidos no grande quintal onde vivia, porque ali todos eram seus amigos e achavam graça da sua vaidade de galinho muito jovem.

Sonia Bertero Stocco é natural de São José do Rio Pardo, SP. Nasceu em 31 de março de 1939. Frequentou o Grupo Escolar Dr. Cândido Rodrigues e formou-se professora no Colégio Estadual e Escola Normal Euclides da Cunha em 1957. Ama a música, as artes, a literatura e o mar. Um dos seus grandes prazeres é lecionar, passar o conhecimento que adquire ao longo da vida, oportunidade que encontrou na Seara Bendita Instituição Espírita, onde é voluntária desde 1993. Viveu em São Paulo por 62 anos, onde nasceram seus três filhos. Atualmente, viúva, reside em sua cidade natal.
@berterostocco



miolo_pensamentos_gaveta.indd 161 13/05/2022 17:03:35

Sonia Mara Nasser Parlatore

A biblioteca de sentimentos

Minha vida sempre pareceu um sonho. Ou melhor: fiz dela um sonho. Quando criança, voltava sozinha da escola, fantasiando. O caminho era um bosque, um precipício, uma montanha que eu escalava. A realidade não me bastava. Gostava de sonhar. Quando aprendi a ler, comecei a viajar nas histórias que lia e descobri que gostava de ouvir e contar histórias.
Belchior disse que "viver é melhor que sonhar". Não para mim. Porque, apesar de minha vida ter sido rica em experiências, afetos e realizações, sem a pitada do sonho teria ficado insuportável. Agora poderei abrir algumas gavetas internas, colocar no papel umas poucas memórias, organizadas por assunto, como uma biblioteca de sentimentos.

A gaveta da imaginação

Eu tinha um time de pequenas fãs quando adolescente: minha irmã e minhas primas. Elas adoravam ouvir as histórias que eu inventava na hora. Me olhavam sem piscar os olhos, ávidas por saber o final. Eram grandes aventuras de detetives, viagens fantásticas, devaneios. As protagonistas eram sempre mulheres. Devo confessar que eram coisas sem pé nem cabeça, nada verossímeis, mas quem se importava? Elas cumpriam o seu papel de fazer pensar, sonhar e emocionar. As crianças ficavam quietas por horas, e eu não me cansava de inventar. As mães, claro, ficavam muito gratas pelo descanso. O tempo passou e deixei para trás essa parte da minha vida.

Quero acreditar que ensinei aquelas meninas a sonhar.

A gaveta da criatividade

Em 2012, segundo a lenda do calendário maia, o mundo acabaria. Sempre fui cética e debochada, e costumava realizar festas temáticas no

miolo_pensamentos_gaveta.indd 162 13/05/2022 17:03:35

meu trabalho. Resolvi fazer a Festa do Fim do Mundo. Parecia de mau gosto, mas a maioria das pessoas entrou no clima. Para a decoração, criei alguns cartazes, como: "Esqueçam qualquer esperança, vocês que entraram" (Dante Alighieri), "O Melhor Final do Mundo é Aqui e Agora", "Muitos serão os chamados, poucos os escolhidos", "Corra, Lola, Corra!". Nos vestimos com roupas de gala, afinal não era só uma festa de final de ano: era o fim do mundo! Não contente em debochar do final dos tempos, resolvi fazê-lo por decreto:

"Fica declarado o Final deste Mundo, como foi até hoje. Portanto, acabarão, a partir desta data, todo o horror e a iniquidade, e, automaticamente, será também o fim das guerras, das pestes, da fome, da miséria, das injustiças e da corrupção.

Todas as pessoas de boa vontade merecerão um lugar no novo mundo. Todas elas terão direito a respeito, amor, alegrias e, principalmente, à justiça. Diversão e arte estão incluídas.

As pessoas que, no outro mundo, o já morto, perpetuaram a maldade, a perfídia, a infâmia – essas terão o final dolorido da solidão eterna.

Desejamos a todos que aqui adentrarem que mantenham o espírito jovem, o coração aberto, o olhar complacente e a paz de espírito. Só o homem pode mudar o homem.

Este Decreto entrará em vigor a partir de 11:11 do dia 21/12/2011, de acordo com o Calendário Maia."

Claro que eu deveria saber que não se deve mexer com previsões, especialmente do povo maia. Aquele foi realmente o final do mundo que eu conhecia. Foi o último dia em que estive com minha amiga querida, que foi até à festa, já doente, embora não soubéssemos. Foi sua despedida. Ela morreu no dia 3 de janeiro, e no dia 4 perdi minha segunda mãe, minha tia tão amada! Muitos amigos que participaram da festa desapareceram e nunca mais os vi. Não deixo de pensar que a brincadeira tinha um não sei quê de premonição. Como se eu acreditasse nisso. *Yo no creo en brujas, pero que las hay, las hay*.

A gaveta das descobertas

A primeira vez que tive a percepção da pequenez do ser humano em relação ao Universo foi uma das lembranças mais marcantes da minha infância. Eu deveria ter entre 5 e 6 anos. Morava em uma cidade pequena. Ali sempre aconteciam festas religiosas, as quermesses.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 163 13/05/2022 17:03:35

Lembro-me delas vagamente, mas revejo, em *flashes*, os detalhes: os adultos, que eu via de uma perspectiva pouco nobre, de baixo para cima, as barracas que vendiam todo tipo de comida, as de jogos, do correio elegante e do bingo. Lembro-me até do cheiro dos doces e salgados impregnando o ar, da música dos alto-falantes.

Meu pai me comprou um balão flutuante. Era a primeira vez que eu tinha um daqueles preciosos artefatos. Ele me disse para ter cuidado e não o soltar de forma alguma, e eu o segurei com força. Olhava encantada para ele, que pairava sobre as cabeças dos gigantes que nos circundavam. Fomos embora. Eu toda feliz, até que, quase chegando em casa, por um descuido, o balão soltou-se da minha mão.

Vi atônita meu presente indo embora, alçando voo rumo ao céu. Um céu escuro, ainda que cheio de estrelas. Nem sei se consigo descrever o que senti. Foi um medo terrível, ou melhor, pavor. Pelo balão, que nunca mais voltaria à terra e ficaria perdido na imensidão do infinito. E por tomar consciência da magnitude do Universo, da insignificância do ser humano diante do Cosmo. Naquela noite fui dormir com pena do pobre balão, que vagava pelo céu sem fim, solitário e sem perspectiva de retorno. Lembrei-me da cachorrinha Laika, lançada ao espaço para nunca mais voltar.

A gaveta do esquecimento

Deixei para falar dessa gaveta por último, a mais terrível e assustadora de todas: a do esquecimento. Onde guardo as amarguras, frustrações, rancores, tristezas, desilusões. Não quero abri-la agora, já que tenho tantas outras mais alegres. Mas acho que devemos falar sobre ela. Aliás, é fundamental para minhas resiliência e sanidade. Não sei vocês, mas tenho a estranha capacidade de guardar nessa gavetinha mágica coisas muito doloridas, que não me permitiriam enfrentar minhas batalhas.

Quando você dá uma topada com o pé na cadeira, além de gritar e xingar, desvia a atenção da dor, não é? Não sei se todo mundo faz isso, mas o fato é que melhora a percepção da dor. Assim como lido com a dor física, lido com a emocional. Foi instintivo, não aprendi em nenhum manual de autoajuda. Talvez Freud explique, deve ter até um nome para isso. Para mim é uma gaveta e pronto. Santa e providencial gaveta!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 164 13/05/2022 17:03:35

Não deixo as coisas lá para sempre, mesmo porque nem caberiam. Elas ficam ali provisoriamente até que eu atravesse as crises, tragédias e emergências. Às vezes deixo-as por tempo demais, por esquecimento ou medo de confrontá-las. E elas ficam quietas, esperando. Acho até que amadurecem, e eu também, e, se conseguirmos nos encontrar no tempo certo, fica bem mais fácil lidar com elas.

Com os medos, ela é ainda mais eficiente. Se preciso enfrentar algo de que tenho muito medo, tranco na gaveta. Sei que está lá, mas não tenho tempo de dar atenção a ele, tenho que enfrentar o que for preciso. Depois, conseguindo ou não, volto para encará-lo. Às vezes ele encolhe, mas raramente desaparece. Os ansiosos deveriam trabalhar para criar a gaveta do esquecimento. Nela guardariam as projeções de futuro, as fantasias nefastas e viveriam apenas o presente.

De vez em quando abro-a com medo de que se transforme na Caixa de Pandora. Mas é até prazeroso rever minhas dores, que ficaram ali guardadas, e me fizeram ser quem sou. Quando as reencontro, choro, sinto a dor, e em muitos casos deixo irem embora. Nem todas. Algumas ficam morando na gaveta por toda a vida. Amarelecem, murcham e continuam lá, como um fantasma.

Mas só dói quando abro a gaveta.

Sonia Mara Nasser Parlatore formou-se em Rádio e TV pela Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP); trabalhou por 36 anos na Prefeitura de São Paulo, onde fez de tudo um pouco, como é habitual no serviço público. Escritora amadora, leitora contumaz em tempos passados, cinéfila em outra era, atualmente vive de ver séries. De natureza gregária, libriana, viajante. Já teve uma filha, plantou várias árvores e pretende escrever um livro. Isto aqui é só o começo.
@soniaparlatore



Foto: Thaís Nasser Parlatore

miolo_pensamentos_gaveta.indd 165 13/05/2022 17:03:36

O monstro

No meio da tarde a casa quase deserta, com o coração inundado de um terror esquálido, as mãos pequenas crispadas, qualquer ruído, uma menção de desespero, para qual lugar ir onde coubesse a incerteza dessa miúda criança? O *quase* tornou-se o pretexto do horror. Ela tão franzina e barulhenta. A voz cortante de soprano, os olhos castanhos desbotados, o cabelo cor de trigo, curto e liso, o sorriso solto nos olhos, nos lábios escondia essa angústia adulta e sombria.

Sonhava que estava numa caverna pavorosa, escura, repleta de serpentes encantadas, com asas, nascidas do enxofre quente e fétido das bocas vulcânicas e fumacentas, prontas para lhe devorarem a alma. Era a solidão sua amiga íntima e os passos próximos apertavam com força e assombro seu minúsculo coração. Aquele som ríspido aproximando-se tal qual o monstro do armário, as mãos compridas lhe abarcavam o corpo, os ossos, o próprio medo. Os calafrios e o suor lhe brotavam na espinha, nas vísceras, face ao adulto sádico e irônico que subjugava e debochava daquela boneca.

Ah, fosse ela gigante, lhe arrancaria os dedos, as mãos, os pelos, a pele com a mesma crueldade ou pior, seria ela a própria serpente, esmagando o inimigo numa só abocanhada. Choravam os anjos, acusando-lhe de monstruosidade, feiura sentir esse ódio em tenra idade. Dissera o catequista, o padre, os parentes, disse-lhe a própria bíblia: "Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá". A dúvida lhe rondava as ideias, quem quer longa vida se é escravo, oprimido, feito couro batido, feito capacho usado, feito cão sem dono, feito pária e bandido? Não almeja vida longa, mas dias vazios. Dias de quietude, sem passos a lhe rondar as brincadeiras, os trabalhos, as inocências primeiras.

Tinha gosto pelas letras, encontrou abrigo num pensador, Morris West, e vestiu ela própria *As sandálias do pescador*. O dilema inconfessável: ama-se o próprio carrasco, desgosto amar quem lhe quebra os ossos, lhe parte as esperanças. Não foram as cicatrizes da palma pesada, do cinto de couro na pele fina, da cabeça batida repetidas vezes na parede ou da orelha rasgada que lhe condenaram a covardia, foi essa invasão de mãos e olhos sagrados com intenções infames, essa humilhação genuína de ser estúpida e incapaz de arrancar-lhe a vida com as próprias mãos para

miolo_pensamentos_gaveta.indd 166 13/05/2022 17:03:36

manter a dignidade de uma existência sem premeditação.

Seria justo a águia comer-lhe o fígado, ou sustentar ao firmamento uma eternidade se derramasse o sangue progenitor? Seria razoável se os vermes lhe devorassem vivo ou se o petrificassem com um simples olhar de reconhecimento, és um parricida? Quando Davi saiu ileso da cova do leão não poderia ele, o leão, devorar o inimigo sem macular de culpa suas mãos? Imaginava-o em mortes sádicas e acordava com soluços de pavor, leu ele em minha lágrima esta intenção?

Engolia o choro, fosse orgulho ou falta de razão, fosse para aumentar a pena e manter a coragem até a dor sobrepujar o cerne da motivação para só então seus joelhos dobrarem e o queixume sair num contragosto, num fel de indignação, era a morte como um bom irmão. Não fosse a dele, fosse a dela, fosse a deles talvez, numa remissão.

Os dias arrastavam-se e o medo crescia feito bicho papão. Deus era feito de medo também, era danação. Se cria? Crê em algo, qualquer coisa, melhor que descrer em tudo, que vazio também puxa para o abismo quem não tem beira, eira, engole quem não tem estendida a mão da compaixão.

Milagre sucedeu-se que antes de virar tragédia consumada houve leva para outro lugar feito furacão, como buraco em parede de prisão. O caminho estreito pareceu largo, já não era mais menina então, mas vê os olhos enganam e o que é doce pode ser amargo, o que é sagrado pode ser pecado, depende do lado que está a situação. Da sombra daqueles passos, restaram muitas noites em claro, muita água escorrida na face, muitos monstros despertos, consumindo-lhe a juventude e a emoção, do ódio ao desespero, do desespero ao precipício, da queda à morte, até a ressureição.

Foi um caminho longo, contrito, espinhos, pó, sangue, vinagre e consumação, era morrer jeito de renascer e se morre tanto por dia que se esquece, somos frações. Não nasceu vítima, nasceu sobrevivente e se fez fênix, reencarnação.

Um dia de cada vez, um dia de cada porção, um dia de cada hora, um dia de cada oração, se continuar é sina, viver então é permissão.

Contados os anos passados, águas passadas, a morte veio então, derradeira. Caro amigo, não se precipite, não foi a menina moça, não, mas a do sujeito que contribuiu com essa narração, que por ironia, teve permitido suplicar a salvação. Perdoado? Da boca mentirosa um quê de compaixão, se por misericórdia ou consciência foi cedido à marra o bendito perdão.

Viagem triste, ir para o inferno e descer no limbo, sem reconciliação. Daí adoeceu a menina moça das dores que o espírito carregava calado até então. Foi preciso varrer a sobra de angústia escondia sob o tapete

miolo_pensamentos_gaveta.indd 167 13/05/2022 17:03:36

da indiferença que mentia sua feição. De sangria em sangria aos céus avistou o pó de estrela morta vagando na imensidão até chegar luz aos olhos úmidos. Orou com fervor e devoção, fosse qual fosse o crime de cada um houvesse jeito de não ser em vão, nem o culpado, nem o inocente fossem privados de afeição. A cura não veio fácil, não veio pronta, não veio, vem ela como a boa morte, todo dia feito beija-flor. De porção em porção cresceu a pequena menina moça, inteira pessoa. Costuradas as feridas, cicatrizes invisíveis não desmentem os olhos e lábios risonhos, o cabelo pintado de vermelho pálido, como sua pele e sua tristeza. A tristeza minguou para dar espaço aos sonhos e as palavras, das palavras as ações, das ações as certezas, tudo valeu a pena, tudo vale se a alma não é pequena, a nossa heroína com alma gigante nasceu, pois reaprendeu a ser amor.

Stela Sartori nasceu numa cidade pequena do interior de Santa Catarina chamada Palma Sola, acha graça que a palma e a sola sempre foram presentes nas suas construções poéticas, seja a palma que afaga ou aquela que bate, seja a sola que sagra ou a que transgride fronteiras, e juntos, os pés e as mãos a levaram a caminhos não imaginados. Chegou em São Paulo com 14 anos, viveu uma infância problemática com um pai abusivo, autoritário e violento. Foram muitos anos carregando feridas mal curadas, dores em lugares inimagináveis até encontrar um caminho para a aceitação e a mudança. Esse seu caminho é diário, sua resistência, resiliência e escolha pelo amor e pela alegria, pois é feita assim, seus monstros ficaram do tamanho de pulgas, e hoje há remédios eficazes contra elas. Espera que sua história, ainda que um tanto sinistra, possa trazer conforto àqueles que já se encontraram em situações de desespero e dor profunda, em caminhos aparentemente sem saída. Cavou sua parede, rompeu suas grades, esmagou os ferros que a prendiam a um passado doloroso. Não tem jeito certo, não tem receita de bolo, não tem fórmula milagrosa, só a velha resistência, a consciência do seu direito de existir, de coexistir, de compartilhar, aprender, renovar, reinventar e ressignificar o aprendizado. Eis sua essência, é barro divino, poeira cósmica, é, do começo ao fim, humana.
@sartoristela



miolo_pensamentos_gaveta.indd 168 13/05/2022 17:03:36

Sylvia Beatrix

Piruás na alma

A lista de livros que tratam do assunto escrita é imensa. Uma das lições está relacionada à frase que inicia um livro. Se ela não prender a atenção, perde-se o leitor. Será que você ainda está aqui comigo?

A década era a de 70, a professora se chamava Ângela. Tinha as sobrancelhas bem marcadas, os cabelos escuros e presos num tipo de coque tradicional e austero da época, um nariz fino e inquisidor que lhe conferia o aspecto de rainha má. Aprendi a ler em suas aulas, decorando as sílabas da cartilha para depois combiná-las e formar as palavras. Anos depois, acompanhando a minha filha em seu processo de alfabetização, achei graça quando, ao sair da primeira aula do ensino fundamental, reclamava por não ter aprendido a ler. A percepção da aprendizagem ao longo do tempo não faz parte da primeira infância.

Minha primeira emoção com a leitura aconteceu durante uma viagem com meus pais de carro. Estávamos indo para Campos do Jordão, cintos de segurança não eram um acessório obrigatório e podíamos viajar ajoelhadas, minha irmã e eu, no banco de trás agarradas à janela e sentindo o vento bater no rosto. Em um trecho da estrada, um enorme cartaz azul, vermelho e branco chamou a minha atenção a ponto de eu fazer o esforço de acompanhá-lo até conseguir ler o que estava escrito. Lenços Presidente.

Das poucas palavras para os livros, não precisei de muito tempo. Tinha o incentivo do meu pai que começou a trazer material de leitura dos mais diferentes tipos. A coleção completa de *Reinações de Narizinho*, um clássico daquela época, fez com que eu começasse a viajar por reinos mágicos, de águas claras, aventuras divertidas e personagens que moldariam muito da pessoa que vim a me tornar. Nos livros, sentia o acolhimento de Dona Benta, a doçura da Tia Anastácia, a esperteza de Narizinho, o ousadia de Pedrinho e, claro, a sapequice de Emília.

Mafalda, de Quino, foi minha primeira leitura em outro idioma. Eu achava muito engraçado ver os pontos de interrogação e exclamação de cabeça para baixo! Nem tudo eu compreendia, as imagens diziam mais do que as palavras para a criança que mal entendia as entrelinhas

miolo_pensamentos_gaveta.indd 169 13/05/2022 17:03:36

em seu próprio idioma, mas aos poucos, além de compreender, comecei a sentir o mundo e suas dores da mesma forma que a personagem argentina. Com ela nasceu o olhar crítico para as injustiças e o inconformismo com a sua existência.

Outras personagens me tocaram como Heidi e Pollyanna; suspirei muito com os romances Bianca que me fizeram acreditar que os finais amorosos seriam felizes. Essa ilusão perdurou até o primeiro amor platônico, motivo de páginas e páginas melosas no diário juvenil, e tornou-se reconhecimento, ao término do primeiro namoro, de que é necessário mais que um suspiro e um beijo para as relações fluírem. Com o poeta cantando que a vida é a arte do encontro, apesar de tanto desencontro, mantenho acesa a chama da possibilidade.

Na transição da adolescência para a juventude, Agatha Christie acompanhou o desenvolvimento dessa moça na companhia de novas leituras quando chegam às suas mãos as biografias de Che Guevara e Gandhi, o duro relato de Marcelo Rubens Paiva em *Feliz Ano Velho* e a filosofia do amor em *A Insustentável Leveza do Ser*. Enfim, tudo entremeado aos livros de Marx ou Adam Smith que faziam parte, entre tantos outros, das leituras obrigatórias do curso de economia que eu frequentava na época.

Em algum momento o ritmo das leituras cedeu espaço a outros ritmos como o do sono das crianças ou da chegada dos boletos que começaram a ter o meu nome impresso. As prateleiras que eram decoradas com as lombadas dos livros já lidos e daqueles comprados em excesso e que aguardavam, muitas vezes por anos, o momento de serem lidos foram sendo preenchidas por potes de algodão, bichinhos de pelúcia e fotos de bochechas rosadas e sorridentes, que por si só poderiam compor o enredo de algum livro.

O tempo passou linearmente. Às vezes tenho a sensação que ele deu um salto e não percebi. É como se a década de 80 tivesse sido embrulhada e ficasse, lado a lado, com a década de 20. Entre uma e outra tivemos a mudança do século, meus cabelos ficaram brancos, o funk embala os sábados à noite, os diários que eram escritos com grafite ou esferográfica agora aparecem em uma tela. A escolha se o texto vai permanecer pessoal e particular está à distância de um *enter*: ou arquivamos em alguma pasta de nosso computador, ou postamos nas redes sociais.

Como muitas adolescentes da minha época, tive um diário. A capa plástica era verde e no centro um quadrado branco destacava uma

miolo_pensamentos_gaveta.indd 170 13/05/2022 17:03:36

rosa vermelha. Presente da minha avó Lygia pelos meus 15 anos. Na página de abertura, com a beleza de uma letra delicada adornada por pequenos arabescos nas maiúsculas, ela reproduziu um trecho do poema de Machado de Assis, *Menina e Moça*:

> "Entreaberto botão, entrefechada rosa,
> Um pouco de menina e um pouco de mulher."

Ela foi a primeira pessoa que me incentivou a escrever. No momento em que escrevo essa crônica, quem assumiu o posto de maior incentivadora foi minha madrinha, Ana Maria, a filha caçula de minha avó.

Caminhando pelo deserto da leitura por anos e tendo me desfeito daquele diário, participo, trinta anos depois, de uma vivência relacionada a autoconhecimento, o qual desperta a semente da escrita que havia sido plantada pela minha avó ao me presentear.

Se você ainda está comigo, é aqui que começo a falar sobre escrever.

Estava escondido em algum lugar da criança que brincou com as sílabas da cartilha, que se encantou com a leitura do cartaz na estrada e que fez estripulias no *Sítio do Pica-pau Amarelo* o desejo de criar textos. A mulher acordou a menina e juntas começaram a criar.

Escrever para quê? Para quem? Com tantos autores consagrados escrevendo a esse respeito e dando sugestões do que fazer para conquistarmos leitores, atrevo-me a tomar um caminho diferente: a escrita como forma de estarmos bem com nós mesmos.

Em mais de uma ocasião alguns de nós já se deparou com o pensamento relacionado à arte, que expressa a sua relevância, entre outros motivos, pelo simples fato de nós não darmos conta da realidade. É como se a arte extravasasse o que nos aprisiona, seja a partir da nossa própria expressão ou da expressão de outra pessoa. Observar uma pintura e se emocionar, prestar atenção na letra de uma música que parece retratar a nossa realidade e assistir a um filme que nos inspira são sopros de ar puro que facilitam a nossa respiração cotidiana. As formas são diversas, escolha a sua. Eu te convido a escrever. Registrar as palavras que nos permeiam em uma folha de papel, na tela de um computador ou em um pedaço de guardanapo, liberta.

Nossos sentimentos e pensamentos, quando aprisionados dentro do peito e da cabeça, têm a força de nos adoecer e atormentar. Um amor que se perdeu, alguém na família que adoeceu, discussões que tiram o sono, a promoção que não acontece, o risco iminente de uma demissão

miolo_pensamentos_gaveta.indd 171 13/05/2022 17:03:36

ou o noticiário na televisão produzem um número considerável de palavras que, como pipoca explodindo na panela quando o óleo aquece, fazem um barulho incrível. A semelhança termina por aqui. O aroma que se espalha pela casa e o sabor delicioso da pipoca podem trazer um sorriso e proporcionar lembranças que guardamos no coração. Precisamos nos livrar dos piruás da alma.

Se você chegou até aqui, meu convite é o seguinte: pegue uma folha em branco, um lápis – deixe de lado o computador – e por dez minutos escreva o que quiser. A expressão é livre. Palavras que pulam de um lado para o outro dentro da sua cabeça, palavrões, sentimentos doloridos, o nome dos desafetos, a lista de compras – essa escrita deve ser contínua – as inseguranças, os descontentamentos, tudo vale! Deixe a sensação de exaustão e a de dor no braço chegarem. São bem-vindas.

E depois? Jogue fora. Para que guardar os piruás?



Sylvia Beatrix é paulistana, mãe da Camilla e do Tiago, aconselhadora biográfica, *coach* e interculturalista. Escolheu a Antroposofia como caminho de autodesenvolvimento, faz trabalhos voluntários com refugiados e mantém uma fé inabalável no ser humano.
@sylviabeatrix

miolo_pensamentos_gaveta.indd 172 13/05/2022 17:03:36

Abrindo a gaveta e o coração

Hai-kai
sem data

Almas são delicadas como flores
Asas de borboleta
Almas femininas são delicadas como pipas de papel de seda em dias de chuva

Poeta
julho de 1987

Sou um poeta.

Que chora. Que escreve. Que se emociona.

Com a Vida, com a desgraça alheia, com a demência. Cheiro de fim de mundo.

Sou um poeta.

Às vezes sem esperança. Às vezes o peito cheio de energia.

Sou um poeta sem saber o que fazer com minha poesia. Com meu olhar. Comigo mesmo. Um artista com uma porção de argila, sem saber o que moldar[5] . Sem saber o que fazer, que destino construir.

Um poeta que deixa o coração bater à vontade, e a mente voar. O coração às vezes dói, às vezes chora, às vezes grita, outras dança.

A mente às vezes lúcida, às vezes torpe. Pensa, rola, vai longe. A mente sonha.

Um clima oco. De vazio. Um clima de solidão. Desamparo.

A procura por um colo. A insaciabilidade por Amor. A loucura à flor da pele. A sanidade por um fio.

5 Na época eu nem sonhava em fazer cerâmica um dia e me tornar ceramista. Comecei efetivamente em 2004!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 173 13/05/2022 17:03:36

Liberdade
março de 1989

O que é a liberdade? Fui fundo nessa questão e cheguei à anarquia. E vi que ela não é a liberdade. Procurei, pesquisei e conclui que não somos totalmente livres. Achei que e a liberdade não existisse, que era um mito. Sempre estamos presos a padrões já estruturados e pensados: roupas, atos, palavras, o próprio corpo nos enclausura e nem a morte nos esquece e nos deixa ser *livres*. Mas o que é ser livre? Me perguntei e perguntei... E comecei a ter intuições.

Encontrei a liberdade no pensamento, no sentimento, na fantasia. A liberdade existe na quarta dimensão, no etéreo, liberdade de voar com a imaginação ao ouvir uma música, ao dançar, ao tocar um instrumento. Liberdade de construir castelos de energia, de brilho estelar. Liberdade é ter prazer, é dar prazer, liberdade de amar, de viver, de ter alegria. Liberdade está no riso, na felicidade, no Amor.

Liberdade não é desordem, da mesma forma que a Natureza não é anárquica. Existe uma ordem, um caminho a ser seguido, mesmo que esse pareça acontecer *ao acaso*. Ter liberdade é sentir fluir esse caminho, deixar-se levar pela intuição, pela emoção, pelos rumos desse rio da vida.

Liberdade não é o não-fazer, mas o fazer com prazer, por opção, por escolha, pelo livre arbítrio, *deixar rolar*, mas orientar o rumo através da vontade. Somos capazes de fazer isso. E essa descoberta foi uma das mais preciosas para mim, nos últimos tempos. Descobrir nossa força, nosso querer, organizar a vontade, dirigi-la, registrar, degustar os resultados, e viver o Presente. Essa é a verdadeira liberdade!

Receita de vida
maio de 1989

a) A vida é feita de vários ingredientes, que são misturados simultaneamente para compor a receita pessoal. Cada indivíduo possui sua própria receita, intransferível, cujo gosto só servirá a ele, e a mais ninguém. O *lindo* dessa história é esse mosaico particular, que vai sendo construído e descoberto aos poucos. Ninguém é só mulher, só mãe, só trabalhadora, só esposa, só cidadã, só amante, só intelectual, ou só *seja lá o que for*. Somos uma composição multivariada de todas essas facetas e ingredientes.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 174 13/05/2022 17:03:36

b) As receitas variam segundo a ocasião – ou seja, a quantidade de *o quanto*, ou *como* somos um pouco de cada uma dessas facetas, varia de acordo com a ocasião, segundo o tipo de pessoas com as quais escolhemos viver junto, o país onde moramos e tudo mais. Por isso, o que parece é que não basta ajustarmos uma vez a receita de vida, e seguir repetindo-a *ad aeternum*, na certeza de ser infalível, de que sempre dê certo. As porções serão reavaliadas a cada minuto, acentuando-se um ou outro aspecto, temperando-se ao gosto da necessidade do momento, substituindo ingredientes, adicionando especiarias, ou ainda diminuindo a dose de algo do que já não precisamos mais, que não vai fazer falta na receita.

Dança & Música
junho / julho de 1989

• Dançar é voar. É ter um orgasmo eterno. É um grande salto, uma alegria imensa. Comunicar-se é lindo, de qualquer forma. Não é à toa que fiz um curso de Comunicações. Acho o cinema lindo, a música, as mãos, os olhos, o sangue, o ritmo. Dançar é ritmo. Dançar é viver.
• A música é mágica. O tempo é pouco. Um Infinito que traz em si a finitude de algumas horas, compostas de minutos e segundos. A emoção é a encarnação do tempo eterno.

O mar
novembro de 1989

Nunca vou esquecer do Mar. Adoro-o. Me vejo numa manhã ensolarada, bem cedo, ao nascer do sol, pés descalços na beira do mar olhando, prescrutando essa infinitude. O Mar é feito de paixão, ou nasceu dela. Sua energia tem uma força tremenda. Eu poderia ficar dias sentada naquele lugar, sem comer, sem dormir, só me alimentando daquela visão grandiosa.

Mar, eu te respeito, eu te amo, queria te compreender, te explorar, nadar em tuas águas mais profundas. Mas tenho medo. Desconheço suas entranhas, seus segredos, embora o saiba amigo. Prefiro ficar à beira, rolar na areia, construir e desconstruir castelos. Sentir as ondas que estouram na orla, correr, andar em tua margem, deixando-me acariciar pela luz do sol.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 175 13/05/2022 17:03:36

Reflexões

junho de 1990

Existe um núcleo. Independente de tudo. Poderoso. A quem devo ouvir, para quem devo me voltar. E atender.

Um núcleo que clama por paixão e aventura. Natureza. Integração, Paz. Aquela paz de pés descalços na areia, de frente ao mar, sem compromissos, sem deveres. Só o desfrutar comigo mesma. Faço amor comigo mesma e me volto pra dentro.

E num breve intervalo redescubro a Humanidade. Vôo de um instante intimista e egocêntrico para uma visão social e abrangente – uma mulher pedindo esmola, um café e uma xícara de arroz. Dou sem titubear. Penso que ela me diria alguma coisa sábia, como uma cigana que lê as linhas da mão. Mas ela era simplesmente aquilo: um ser humano miserável à procura de matar sua fome e de sua família. Na sua luta diária, no seu trabalho e determinação.

Reflito que sim, a vida me deu muitas condições. Devia descobrir como reverter essas possibilidades para o bem comum. E eu aqui fantasiando luxuriosas aventuras, pensando na decoração da nova casa... Não deveríamos ser tão inconsequentes e infrutíferos.

Me olho por um instante e pergunto: onde me encontro hoje como pessoa?

Ah! Sou uma romântica incorrigível. Fico olhando os passarinhos que pousam no meu quintal. E isso me emociona. Fico aconchegada no sol, com meu cachorro no colo, durante horas, um tempo indefinido que parece infinito. Transcendo. Paro.

Sinto que estou mais perto do chão, da terra, das coisas simples, das pessoas simples. Embora aí possa estar incluída uma aventura mais *perigosa*, beirando o selvagem, sinto que estou mais próxima da realidade. Longe daquela vida robotizada, urbana e caótica. Uma possibilidade maior de Consciência.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 176 13/05/2022 17:03:36

A roda
julho de 2011

O círculo, a dança, o torno, a roda de amigos. Tudo tem muito significado.
O fim é o começo. Constante movimento.
A relação ora se proxima, ora se afasta e volta a se reencontar.
A espiral. As voltas e revoltas.
A repetição da fase, o momento em outro espaço de tempo e lugar – muda a perspectiva, daí vem a Evolução, a oportunidade de fazer diferente.
Mandala, foco, energia. Força. A Terra.
Os caminhos não são *retos* como imaginamos, as pessoas não são *retas*, nem mesmo a coluna vertebral é reta.
A Perfeição é cheia de curvas.

Pensamento
2021

A fenda de uma dor é
também por onde entra
a luz, a esperança. Sangra,
mas nutre o corpo
e a alma. Depois de um
tempo, só fica a luz,
cicatrizada.
Kintsugi.

Vania Kipriadis tem 65 anos, sol em Leão e lua em Aquário, mãe de *pet*. Publicitária por formação, trabalhou como analista de pesquisa de mercado por mais de 40 anos. Sempre foi ligada às artes. Na adolescência pintava e compunha músicas. Desde os anos 80 é uma cidadã dançante – a arte que a manteve com corpo e mente sãos durante anos. Hoje é ceramista e arteterapeuta. Dá aulas, faz atendimentos terapêuticos usando a argila como forma de expressão, e prescreve Florais de Bach como suporte. É *Practitioner* registrada na Bach Foundation desde 2009.
@alkimia_ceramica



miolo_pensamentos_gaveta.indd 177 13/05/2022 17:03:37

Wellington Borzani

Pensamentos de gaveta

Na gaveta fazem sua morada
segredos e intimidades,
palavras, às vezes frases
versos, às vezes poesia
doces e amargos
luz e penumbra
mas às vezes somente um
desabafo.

Surgem da minha verdade
de minha essência, de quem
eu sou
trazem meus desejos e
sonhos,
angústias e mistérios
traduzem meu EU

Querem viver, querem gritar
e serem ouvidos
Mas segredos e intimidades
não podem ser lidos, não
podem ser vistos
tem que ser guardados
tem que morar no fundo da
gaveta

Liberdade aos pensamentos
de gaveta
Deixe o vento levar
Deixe o mundo saber
Segredos são palavras com
medo de nascer

O poeta

O poeta é só uma caneta,
uma caneta que escreve
sentimentos,
e rabisca emoções,
que transforma a lágrima em
letra.

O poeta é a caneta que escreve o
verso do amor,
a estrofe da dor,
as linhas da felicidade.

Um simples instrumento da
inspiração árdua que chega sem
aviso e parte sem alerta.

O poeta, essa caneta, não possui
as palavras,
ele é só é a conexão com papel
efêmero.

O poeta é o abrigo da inspiração,
quando essa resolve se hospedar
em humilde morada.

O poeta não discute, só escreve.
Ele não se atreve, só permite.

Tinha que ser

Era pra acontecer assim
É vida que segue
É destino se revelando
Foi intenso, foi vívido, foi
fogueira

miolo_pensamentos_gaveta.indd 178 13/05/2022 17:03:37

Mas também foi dor, lágrima e medo
Foi certo e errado
Escuridão e luz,
Foi complicado.

De tudo o que foi, foi nada
De sonho, foi realidade e fantasia
Verdade e mentira

Eu e você, você e eu, eu sem você, você sem mim.

Verdade

Verdade, onde está?
Não fuja de mim!
Não sei se já te vi.
Não sei se te conheço.
Mas sempre procuro por ti.
Muitos já te apresentaram.
Te deram vários nomes
Fato, opinião, conselho.
Mas, verdade, quem é você?
Só não me diz que você é falsidade.
É você solução?
Posso te chamar de tudo?
Será que você é possibilidade?
Quero te chamar de real.

Ela precisa ser salva

Ela não sabe onde se perdeu
Ela chora, dói, lateja
Ela não sabe como começou
Só sentiu quando a lágrima rolou
Ela não sabe qual é o seu caminho
Seu destino, ela não mais conhece
Seus passos não se movem mais
Seguir já não é mais opção

Prisioneira, é assim que ela se sente
De um amor que um dia foi um sonho
De um sonho que virou pesadelo
De um pesadelo que a agride e a violenta

Socorro, ela clama
Mas quem a escuta?
Liberdade, ela grita
Mas quem se importa?

Ela precisa ser salva
Ela precisa ser livre
Ela merece ser feliz

Liberdade aprisionada

Liberdade aprisionada?
Quem aprisionou?
Liberdade é passarinho, voar é sua missão
Aprisionada não canta, não vive, não alegra.
Liberta a liberdade
Deixa ela voar
Quem aprisiona a liberdade
Sempre aprisionado está
Liberta a liberdade
Voa liberdade, voa
Voa alto! Liberta!
Vai ser verdade!

miolo_pensamentos_gaveta.indd 179 13/05/2022 17:03:37

Palavras que nunca foram ditas

Quero dar a minha voz para
palavras que nunca foram ditas
Quero brincar na estrofe
Quero fazer versos meninos

Quero ter a presunção de
traduzir o sentir
Quero compartilhar as letras e
rimas
Quero ser o porta-voz do
abstrato

Quero dar a minha voz ao
sentimento que nunca foi sentido
Quero escorregar nas lágrimas
que o sorriso traz
Quero sorrir a dor de letras
desconhecidas

Quero gritar, quero cantar,
quero que expressão tome conta
de mim
Quero que minha voz seja a voz
de muitos
Quero que meu grito soe como
trovão
Quero que meu canto cante a paz

Vive!

Mesmo que não estiver a fim
mesmo que pareça inútil
mesmo que seja até fútil
mesmo que o significado não
acontecer
levanta e vive

Mesmo com a dor latente
sentindo carente
sem sorriso nos dentes
mesmo com a lágrima
escorrendo
levanta e vive

Mesmo que se sentir só
mesmo que nada sentir
mesmo que sentir só o nada
mesmo que não se reconhecer
levanta e vive

Vive a dor de ser você
vive mesmo se perecer
vive a força do querer viver
mesmo quando o querer não for
mais seu
levanta e vive
vive

Tempo de Dor

Num mundo controverso
sem início, sem fim
só excesso
Pessoas não amam
pessoas pedem
pessoas querem
pessoas disfarçam
Cadê o real?
Cadê o olhar?
Cadê o pulsar?
Cadê o silêncio?
Não importa o afeto
Acolhimento não é
importante
o que vale é o ter
o ser não é mais conjugado
O tempo de dor só tem uma
cura,
o amor.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 180 13/05/2022 17:03:37

Muda!

Quando a tua dor for muito
maior
muda!
Quando a lágrima não mais
rolar
muda!
Quando clamar, reclamar,
conclamar não funcionar
muda!
Quando o aflito suor escorrer
muda!
Quando o medo não for mais
suficiente
muda!
A dor não desaparecerá, mas
será menor
A lágrima poderá rolar, mas o
motivo mais ameno se revelará.
O suor vai escorrer, mas de
aflição não será
O medo menor não te paralisará.
Mas a mudança, ah! Essa sim
Te revelará o novo começo

Te ouço

Eu te ouço, ouço teu sofrimento
e tua dor
Passeio em teu passado-futuro-
presente,
onde o Ser não tem pretensão,
onde o Ter é sem representação.

Pego em tua mão
e vamos ao encontro do limbo,
limbo que você criou.
Vejo, vejo tua lágrima,
expressão do teu sofrer.
Ouço teu medo,
que soa de tua garganta travada.
Juntos cruzamos esse labirinto
que é você.

E então deixo você ir
e você leva o que viveu
o que descobriu,
o que fez com as ruínas que
encontrou.

O perder

Quando perder algo que julga
seu,
se pergunte se era seu.

Se fizer falta o que perdeu,
vai e busca.

Quando tirarem o que é seu,
se pergunte se era seu.

Se fizer falta o que tiraram,
vai e busca.

Quando algo seu se for,
se pergunte se era seu.

Se sentir falta do que se foi,
vai e busca.

O seu não se perde.
O seu não lhe tiram.
O seu não se vai.

O seu é seu
O seu te acha.

Mudei

Já fiz as malas,
rasguei as fotos,
queimei as cartas,
mudei de vida.
Limpei a casa,
tirei seu cheiro,

miolo_pensamentos_gaveta.indd 181 13/05/2022 17:03:37

pintei as paredes,
troquei as cortinas.

Já estou pronto pra te esquecer.

Mas as lembranças não posso rasgar
as memórias não posso queimar,
não posso pintar minha alma,
minha cara, não posso mudar.

Não consigo te esquecer.

Como posso rasgar a lua?
Como posso apagar as estrelas?
O mar eu não posso pintar,
E o universo jamais poderei mudar.

Impossível te esquecer

Desfiz as malas,
colei as fotos,
pintei as paredes,
voltei as cortinas.

Não quero te esquecer.

O retrato em cima do móvel

Arrumei as roupas que ficaram pra trás,
aguei as plantas,
vi seu retrato em cima do móvel

Liguei a TV,
comprei o jornal,
abri a janela, procurando o sol.

Desliguei a TV,
guardei o jornal,
vi seu retrato em cima do móvel.

Lembranças ou fatos, culpa ou culpados, desculpas ou perdão.

"Por quês" que foram respondidos em silêncio.
A dor do vazio que também ficou.
Parte de mim que você levou.
Quebrei seu retrato de cima do móvel.

Guardei as lembranças esquecidas,
liguei a TV,
fechei a janela,
não vi mais seu retrato em cima do móvel.

Eu & você

Não somos um,
somos dois.
Dois não faz um só.
Somos iguais, diferentes
Somos diferentes, iguais.
Em nossas diferenças, nos encontramos
e lá, somos semelhantes.
Lua e sol no mesmo céu, mas nada de eclipse.
Como o céu e mar que se encontram,
mas não se misturam, se respeitam.
Eu respeito teu espaço,
Teu espaço que também é meu.
Você respeita o meu tempo, o tempo que também é seu.
Nas tempestades, cada um em seu abrigo, espera o céu azul.
No inverno, o calor vem de mim e de você.
Nunca somamos!
Compartilhamos!
Eu & você

miolo_pensamentos_gaveta.indd 182 13/05/2022 17:03:37

Desejo

Eu desejo desejar o que não posso ter.
Eu desejo o desejo sem fim.
Eu desejo ser teu desejo.
O desejo me atormenta,
O desejo é descontrole, ele me controla.
O desejo me traz o medo,
ele é doença,
dói em minha alma,
ele escapa da minha boca,
mas eu o recupero e o escondo nas minhas sombras.
Mas mesmo assim, eu desejo,
Ah! Como eu desejo,
desejo o querer e quero o desejo,
desejo o segundo do prazer que o desejo promete,
mesmo que efêmero, mesmo que fútil
só quero desejar.

Se

Se eu tivesse ido,
se eu tivesse ficado,
se eu tivesse movido,
se eu tivesse parado.

Será que seria diferente?

Se eu tivesse silenciado,
se eu tivesse falado,
se eu tivesse gritado,
se eu tivesse chorado,
Será que o **se** existe?
Pra onde o **se** me leva?
Pra minhas fantasias talvez?
Será que eu preciso do **se**?

O **se** não pode ser verdade
O **se** nunca existiu
O **se** é uma fantasia me contando uma mentira.



Wellington Borzani é psicanalista, professor, bacharel em Administração de Empresas e – por que não? – poeta. Gosta de dizer que é múltiplo. Natural de Sampa (São Paulo, SP), já foi novaiorquino e agora prepara sua jornada para Jampa (João Pessoa, PB). É cidadão do mundo. Ama o ser humano com toda sua diversidade e complexidade, ama a vida e seus percalços.
@levantandoinsights

miolo_pensamentos_gaveta.indd 183 13/05/2022 17:03:37

Este livro foi composto nas fontes
Amaze, BaskervilleT, Devious e Sabon
e impresso em papel Pólen Soft 80g.

São Paulo, junho de 2022.

miolo_pensamentos_gaveta.indd 184 13/05/2022 17:03:37